

# FAVELLA GÓTTICA



VERLIDAS

fabio  
shiva

Conheça também outras obras do mesmo autor:

### O SINCRONICÍDIO

Livro físico:

<https://caligo.lojaintegrada.com.br/o-sincronicidio-fabio-shiva>

*E-book:*

[https://www.amazon.com.br/dp/B07CBJ9LLX?qid=1522951627&sr=1-1&ref=sr\\_1\\_1](https://www.amazon.com.br/dp/B07CBJ9LLX?qid=1522951627&sr=1-1&ref=sr_1_1)

ANUNNAKI – Mensageiros do Vento

<https://youtu.be/bBkdLzya3B4>

<https://www.facebook.com/anunnakimensageirosdovento>

### LABIRINTO CIRCULAR

<https://www.wattpad.com/story/146687272-labirinto-circular>

ISSO TUDO É MUITO RARO

<https://www.wattpad.com/story/146683456-isso-tudo-%C3%A9-muito-raro>

MANIFESTO – Mensageiros do Vento

<http://www.recantodasletras.com.br/e-livros/5823590>

ESCRITORES PERGUNTAM, ESCRITORES RESPONDEM

<http://www.recantodasletras.com.br/e-livros/5890058>

POESIA DE BOTÃO

<https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6446934>

O livro “Favela Gótica” é uma publicação da editora Verlidelas  
(Rio de Janeiro/RJ)

ISBN: 978-85-53052-07-3

Ano: 2019

Todos os direitos reservados

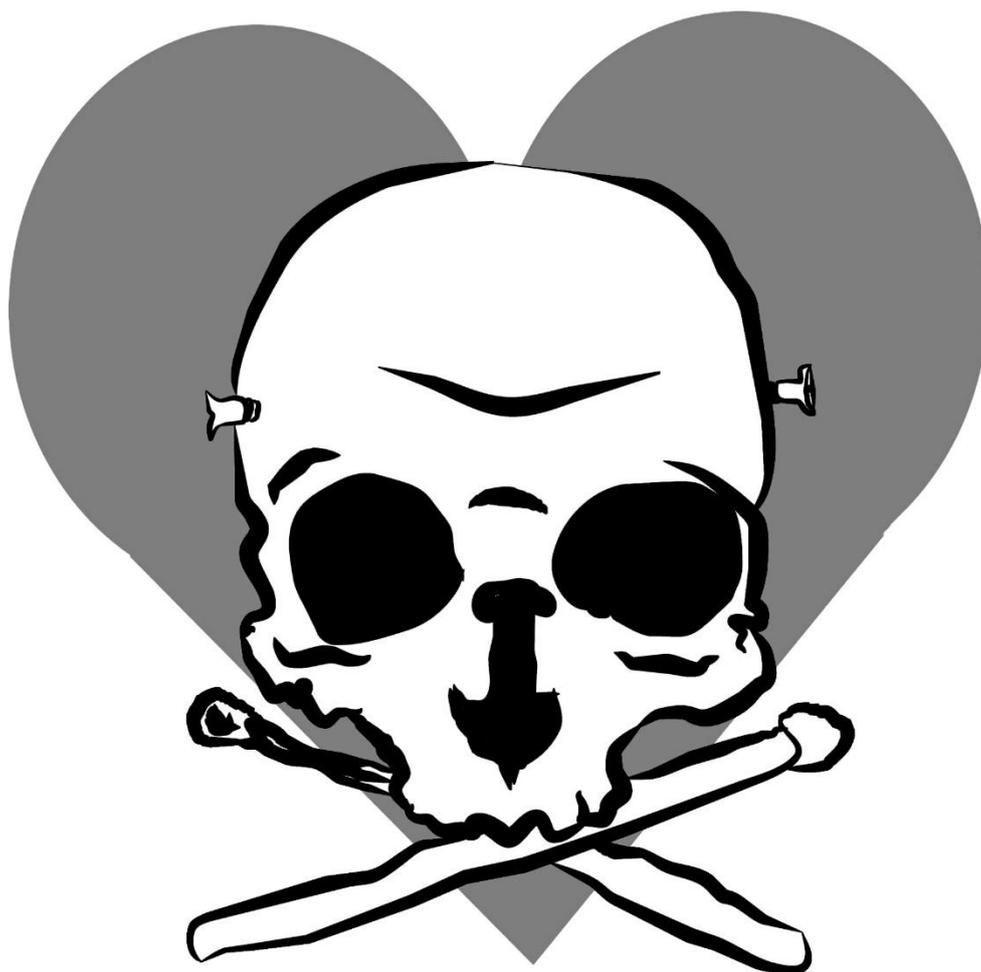
Edição  
Sergio Carmach  
Luzia Barbosa

Revisão, Capa e  
Quarta Capa  
Sergio Carmach

Auxiliar de Edição  
Thiago Machado

Diagramação e  
Arte-Finalização  
César Mendonça

Ilustrações do Miolo  
Fabio Shiva



# FAVELA GÓTICA

Fabio Shiva

*Ilustrações do autor*

*Kali Om*

*“Parte essencial da jornada do herói interior é adentrar a caverna do subconsciente e ir cada vez mais fundo, enfrentando os próprios monstros, iluminando com a tocha do discernimento o que até então estava oculto nas trevas, até alcançar o âmago de si mesmo, onde repousa a mãe de todos os medos, para então poder ver o seu valor reconhecido e receber o merecido prêmio: a força interior para vencer.”*

Registros Akáshicos

## SUMÁRIO

### DAS TREVAS PARA A LUZ...

*per aspera ad astra*

#### DAS TREVAS... (*per aspera*)

I – Feliz aniversário, Liana!	10
II – É a minha enxaqueca, sabe?	27
III – Chupa essa, piranha!	46
IV – Olha ela ali!	61
V – Boa sorte, bebê!	71

#### ...PARA A LUZ! (*ad astra*)

VI – Adeus, meu amor!	90
VII – Pernas novas no pedaço!	110
VIII – Chegou a sua hora de brilhar!	127
IX – Feliz aniversário, Lica!	151
X – Quando nós três nos veremos de novo?	158



*primeira parte:*  
**DAS TREVAS...**  
*per aspera*



É uma vez uma cidade. O nome não importa. Tudo o que importa é a ânsia, que aprisiona a narrativa no inexorável tempo presente. A fome nunca existe no futuro ou no passado, somente no eterno agora.

É uma cidade grande como tantas, com seus milhões de habitantes, cada qual isolado dentro de sua própria interpretação do mundo. Uma cidade superpovoada, onde é raro o senso do coletivo. Lar de multidões de solitários, desconectados uns dos outros, destituídos de qualquer laço de identidade grupal além do trabalho, do futebol e da novela. É um lugar abarrotado de indivíduos, que só por zombaria poderia ser chamado de comunidade. As relações humanas são baseadas na competição e na desconfiança: paira em toda parte um estado iminente de guerra de todos contra todos.

Poderia ser a sua cidade. Só que não.

O que torna esta nossa cidade digna de registro é apenas um pequeno detalhe, que faz tudo ficar diferente: aqui as pessoas enxergam as coisas como elas são. Ninguém fica tentando mascarar a realidade com elaboradas fantasias de civilização. Em nossa cidade habitam monstros, como em todas as outras. A diferença é que aqui ninguém finge que eles não existem.

A cidade já está acostumada. Essa nossa gente se acostuma com tudo, principalmente se não tiver outro jeito. Mesmo a pior monstruosidade acaba tornando-se banal depois de ser repetida à exaustão. E por aqui nada é mais banal que topiar com um monstro em cada esquina.

Há pessoas normais em nossa cidade também. É claro. Ser normal é só a maneira mais ordinária de ser monstruoso.

# Capítulo I

## FELIZ ANIVERSÁRIO, LIANA!



*\* Onde somos apresentados a Liana, uma usuária de Z, e à sua família.*

*\* Das desvantagens de acordar com ânsia.*

*\* Qual a diferença entre bebezês, cheirosos e zumbis?*

*\* De quebra, uma visita à boca da favela e uma sessão de teatro em benefício de um playboy cabeçudo.*

*“A falta de dinheiro é a raiz de todo mal.”*

Mark Twain

Liana acorda com o sol no olho. A luz da tarde passa pelas brocas no telhado e arde bem na sua cara. O telhado do cafofo tem cada broca enorme, que dá para entrar um gato gordo. O cafofo não passa de um casebre abandonado e semidestruído pelo fogo, ocupado pela família por esses dias. Fica no fim da ladeira que dá para a favela, na fronteira imprecisa com o asfalto. Quando chove, o lugar não presta como abrigo nem como esconderijo. Ainda assim, é o que se tem por hoje para se chamar de lar.

A luz vespertina revela partes do corpo de Liana, enquanto outras continuam na sombra. Ela sente a pele seca e formigando onde o sol aquece. Calafrios cruzam seu corpo. Chega o primeiro espasmo, intenso e doloroso. Deitada no colchão encardido sobre o chão, ela estrebucha e se contrai em posição fetal. Hoje acordou na maior faiúla.

#### **REGISTROS AKÁSHICOS**

Item nº 2,29 x 10<sup>-43</sup>

#### **FAIÚLA**

*Ânsia, fome, faiúla, tremelique* são alguns dos nomes mais utilizados pelos dependentes de Z para se referir à síndrome de abstinência da droga. Outras expressões comumente utilizadas na gíria das ruas também expressam os efeitos da falta de Z no organismo de um viciado: *tomar banho de choque, estar com a mente mordendo, ficar com a fome mordendo, roncar a barriga, comer a fome.*

Com a mente uivando de ânsia, Liana lembra que hoje é o seu aniversário. Na véspera ela meio que quis comemorar. Tomou todas ao sair do calçadão, antes de ir deitar. Ficou totalmente napoleônica, ligeirinha, ligeirinha da silva. Do calçadão ao cafofo perambulou muito e engoliu não sei quantas hóstias, em rápida sequência. Foi caminhando e atirando as cápsulas na boca, mandando para dentro com longos goles de Sangrento, até esvaziar os bolsos e a garrafa plástica de um litro. Chegou ao cafofo quando o sol estava nascendo. Jogou-se no colchão e desmaiou.

#### **REGISTROS AKÁSHICOS**

Item nº 2,29 x 10<sup>-57</sup>

#### **HÓSTIA**

A droga Z-SDA, também chamada de *zaserdopadre* no dialeto das ruas, é comercializada na forma de pequenas pastilhas brancas achatadas, mais conhecidas pelo apelido de *hóstias*. Seu princípio ativo é um concentrado de três neurotransmissores: Serotonina, Dopamina e Adrenalina, além do misterioso e letal *composto Z*, ainda não satisfatoriamente identificado pelas autoridades encarregadas de reprimir o tráfico da droga.

Cada hóstia vem acomodada em uma cápsula feita de polímero transparente, mastigável e, ironicamente, atóxico. Ao contrário de precursoras como *crack* e *kekodil*, produzidas clandestinamente em laboratórios de fundo de quintal, a confecção de Z só é possível graças ao uso da mais alta tecnologia corporativa.

Liana geme. A faiúla está bem ruim. É muito cedo para essa fome toda. Ela calcula as horas pelo ângulo dos raios de sol atravessando o telhado. É cedo ainda. Pela quantidade de vinho que bebeu, depois de ter engolido até a última das hóstias que ganhou no calçadão, devia estar com a barriga cheia de Z. E não comendo essa fome braba.

É quando nota a delatora mancha de vômito no chão, perto de sua cabeça, secando ao sol. A poça é mais escura nas beiradas, onde já se forma uma crosta de verniz rachado e fosco, que lembra coágulos de sangue. Boiando na viscosa mistura de vinho e suco gástrico, os restos mortais de meio pacote de biscoitos recheados. Emergindo aqui e ali, três ou quatro pontinhos brancos e brilhantes das hóstias semidigeridas, diminutas pérolas de Z.

Muitas denúncias têm sido feitas, principalmente por parte de entidades e ativistas de direitos humanos, a respeito dos supostos propósitos genocidas por detrás da produção em massa da droga Z. O uso de Z, o comércio a varejo e a posse com intenção de uso, ou seja, de pequenas quantidades, são atividades enquadradas como crime e aparentemente combatidas com os rigores da lei. Graças a uma conveniente brecha na legislação, contudo, não é crime nenhum produzir industrialmente toneladas e toneladas de Z para fins de pesquisa médica, desde que se possua a devida licença emitida pelo governo federal.

Liana sabe que se parar para pensar perderá a coragem, por isso ela não hesita. Pinça com os dedos trêmulos a goma pegajosa que sobrou da hóstia mais próxima e a enfia na boca. Faz o mesmo com as outras duas ou três que restam na poça. A última, uma menorzinha, provavelmente a ingerida primeiro, não passa de uma gelatina biliosa, que escorrega por seus lábios quando ela tenta engolir.

Nauseada, ela esfrega a boca com a outra mão. Fica por um tempo concentrada apenas em respirar, em não botar para fora de novo, em esperar a droga que ela engoliu de volta fazer efeito, em deixar os tremeliques passarem. Afinal levanta um pouco a cabeça, passa os olhos pelo cafofo: as paredes queimadas, lixo e imundície por toda parte, incontáveis guimbas de cigarro, pacotes de biscoito vazios, garrafas plásticas, baratas mortas, preservativos usados.

Samara e Galego Miguel dormem abraçados em seu canto, jogados por cima das tiras rasgadas de papelão que lhes servem de cama. Liana inveja o sono do casal, ainda não perturbado pela luz da tarde. Então recorda que sua condição é um pouco melhor que a deles. O canto onde os dois dormem é o mais úmido e fedido do cafofo, sujeito a constantes visitas de baratas, a cada dia maiores e mais agressivas. O colchonete onde Liana dorme, mesmo estropiado e rasgado, pescado no lixo por Mandrá, não deixa de ser um privilégio.

Mandrá e Tio Biu não estão à vista. Devem estar dando seus pulos. Ela coça o braço, distraída, pensando no que fazer a seguir. Hoje Liana completa dezoito anos. Já pode morder cana dura. Não é bom se arriscar mais nos pequenos furtos que lhe rendiam duas hóstias aqui, três acolá. A partir de hoje, além da dança no Cine Orxxx, vai ter que tirar seu sustento mesmo é do calçadão.

Ela não quer nem pensar em ir para o calçadão hoje. Ficar andando de um lado para o outro, fazendo pose, mostrando as pernas e a bunda até algum carro parar. Entrar no carro de algum otário, sorrindo e falando as merdas que os otários gostam de ouvir. E chupar o pau dele, ou deixar, o tempo todo sorrindo, que a penetre ou faça qualquer outra merda que ele queira fazer, até o otário liberar a porra da grana. Ela não quer pensar, mas pensa.

Só que não. Hoje não. Liana não quer fazer programa no dia de seu aniversário. Ela vai pedir dinheiro na porta das lojas até descolar o suficiente para algumas hóstias, para aguentar até a hora de sua dança no Cinema Orxxx. E depois disso vai ver o que faz.

De tanto coçar o braço, acaba arrancando o cascão de uma antiga ferida. Liana prende a respiração ao ver o próprio sangue. Estende a parte ferida do braço para debaixo da luz que entra por uma das brocas no telhado, para enxergar melhor. O sangue continua vermelho. Nenhum zumbi por aqui. Ainda. Ela suspira de alívio. O jeito é se pôr de pé. E encarar o dia.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 2,29 x 10<sup>-59</sup>**

#### **ZUMBI**

Membro de um exército anônimo em constante expansão, *zumbi* é o usuário da droga Z-SDA, essa monstruosa maravilha da engenharia química. Uma hóstia tanto pode ser

ingerida quanto queimada e fumada em pequenos cachimbos, ou mesmo diluída em água e injetada com alguma seringa barata. Ao entrar na corrente sanguínea, o composto Z afeta severamente as hemoglobinas, que o uso prolongado da droga vai tornando mais e mais escuras. Na fase terminal, quando o sangue chega a ficar completamente negro, um viciado em Z faz por merecer o título de *zumbi*.

Este é, inexorável como um deus trágico, o destino de todos os viciados em Z: transformar-se em um zumbi. Na fase final da doença, quando os músculos necrosados pelo composto começam a cair aos pedaços, o poder de devastação da droga é revelado em toda a sua horripilante exuberância. Como também a frágil obstinação da carne, persistindo no engano da vida, mesmo quando maltratada além de toda esperança.

Ela se ajeita para sair, o melhor que pode. A irrisória quantidade de Z que seu organismo está ruminando não vai durar para sempre. É preciso descolar alguma bufunfa para a hóstia o quanto antes.

Ao cruzar a porta do cafofo, dá de cara com Tio Biu chegando. Ele vem com um outro cara. Um otário metido a playboy, na primeira avaliação de Liana. É jovem, de estatura média, mais para gordo, com uma cabeça grande e redonda, que ela acha levemente cômica. Os olhões de coruja a fitam com interesse, por detrás das lentes redondas dos óculos.

Tio Biu estende os braços esqueléticos e escancara a boca para exhibir os poucos dentes:

– Ah, Lica! Era você mesmo que eu queria ver. Trouxe esse chegado para trocar um lero com você, pode ser?

O playboy estende a mão macia e molenga para Liana apertar:

– Prazer, Gabriel.

– Eu sou a Lica. É a respeito de quê essa sua prosa?

– Tô querendo pegar a massa – os olhões escorregam para o decote no bustiê de Liana. Sua voz denuncia que ele é mais novo do que aparenta. Não deve ter muito mais que dezoito.

– Sei onde tem uma da boa. Posso pegar para você.

Ela tenta não demonstrar entusiasmo. Nem bem saiu de casa e já está pintando a primeira grana do dia! Disfarçadamente, olha para Tio Biu, pedindo orientação. É óbvio que está rolando algum teatro para cima do playboy. Só não entende por que Tio Biu não fez o avião ele mesmo, por que quis trazer o otário para o cafofo. Ainda mais que o avião parece ser dos bons. Será que lembrou que era seu aniversário e quis lhe dar o avião de presente? Só que não.

O playboy abre a boca para falar, mas Tio Biu se adianta:

– Não precisa ser tão humilde, Lica. Você sabe que é uma das poucas pessoas que pode conseguir da massa hoje, não sabe? E essa massa que você consegue não é da boa apenas, é

simplesmente a melhor da favela! Porque você é uma das poucas pessoas, Lica, que pode ir na única boca que deve estar aberta hoje, lá na Associação.

– Na Associação? – ela já começa a não gostar da ideia. Que maluquice é essa que Tio Biu está inventando?

– Isso mesmo, Lica. É só lá que tem a massa hoje. Só direto na boca do alto comando dos jacarés, bem debaixo do sovaco de Godizila!

Quando vê Tio Biu piscando um olho, fica mais aliviada. Mas não consegue entender por que tanto teatro para fazer um avião.

– Pois então, Lica. Como eu tava contando para o amigo aqui, essa noite os lobos deram um quebra feio nos jacarés. Levaram um bocado preso, deixaram uns cinco estirados. Os jacarés tão cabreiros como quê. Por isso hoje as bocas amanheceram tudo fechada, só está aberta a da Associação, que nunca fecha. Daí o amigo aqui tá querendo essa massa, e lembrei que você tem conceito com os jacarés, pode descer a baixa de boa.

– Eu?

– Qualé, Lica? Esqueceu que você é afilhada de Godi?

Tio Biu não precisava ficar piscando tanto. A primeira vez já bastava. Assim o otário vai acabar percebendo.

– Afilhada? Você tinha dito que ela era sobrinha de Godizila – o playboy diz, desconfiado.

– Que mané sobrinha, gente fina? Não tá vendo a formosura da moça? Tá vendo alguma escama nela? Algum rabo de lagartixa? Não tem como ela ser sobrinha de jacaré.

– Mas quem disse isso foi você.

– Sobrinha, afilhada, confundi os nomes, pô. Isso não tem importância. O que importa é que a Lica aqui é chegada de Godi, e por isso ela pode chegar de boa nessa boca, que é a única funcionando hoje. Lá é barril dobrado, entendeu, meu camarada? Ainda mais hoje, com os jacarés tudo mordendo o próprio rabo. Daí que só ela pode descolar essa massa pra tu hoje, sacou? Senão, eu mesmo ia. Mas na Associação, só a Lica. Não pude ir, mas resolvi, botei você na situação aqui com ela. Não falei que ia descolar sua parada?

Um dos problemas de Tio Biu é que ele cresce fácil, fácil, mesmo não tendo a mínima condição. Dessa vez, ao menos, o teatro funciona.

– Sim, tudo bem. Obrigado – responde o playboy, intimidado.

Liana decide intervir:

– E aí, vamos resolver o lance?

– Sim, claro – ele responde, sorrindo de alívio.

– Quanto você vai querer pegar?

O playboy hesita um pouco, avaliando Liana. Ela já viu esse olhar antes: a prudência e a fissura estão travando uma batalha. O que será mais forte, o medo de ser roubado ou o desejo pela droga? O resultado dificilmente é uma surpresa.

– Essa massa é boa mesmo?

– Claro que é, gato. Você tá ligado que a maconha que rola na Associação é a melhor da favela, né? Ou seja, é a melhor da cidade.

É moleza aderir ao teatro de Tio Biu. Liana acha que essa lorota da Associação é para valorizar o serviço. Só não entendeu ainda porque ele resolveu passar o avião para ela.

– Bom, eu estava pensando em pegar cinquenta contos da massa... – o playboy coça a cabeça, parece ter algo mais a dizer. Liana se obriga a esperar sem reação, até ali está tudo lindo e maravilhoso. O avião normalmente é de apenas dez contos, rendendo uma comissão de cinco a dez paus. – Mas acho que vou aproveitar essa chance e pegar logo cem contos. Não estão dizendo que está vindo aí outro asteroide, que vai acabar com tudo? Então vamos fazer a cabeça enquanto não chega o fim do mundo!

O playboy sorri da própria piada. Liana não faz ideia do que ele está falando, mas a parte que importa é o quanto ela vai levar de avião nessa. Sorte que o suspense não demora muito:

– Você pega cem da massa e eu te dou cinquenta contos, pode ser?

– Pode ser – ela tenta responder com um tom de voz o mais neutro possível.

O playboy coloca a mão no bolso da calça para pegar a carteira. Liana sente o corpo retesando e percebe que Tio Biu também está tenso. O playboy tira três notas de cinquenta da carteira e passa para Liana. Ela ouve a si mesma respirando. Tio Biu abre seu famoso sorriso desdentado:

– Senta aqui, parceiro, enquanto a Lica vai lá e volta.

Ele aponta para o latão de tinta emborcado no chão, insistindo para o playboy se acomodar. O recipiente vazio, uma das aquisições de Mandrá, é utilizado pela família como banco, mesa ou lata, dependendo da ocasião. Tio Biu acompanha Liana até a porta do cafofo, com os olhos brilhantes de fome e astúcia. Ao chegar à porta ele sussurra:

– Pega tudo de hóstia, entendeu?

– E a maconha do playboy?

– Qual é maconha! Vai na boca e compra tudo de Z. Depois damos um perdido nesse otário.

– Sei não.

– Deixa de ser cagona, Lica! – Tio Biu sussurra, exasperado. Gotículas de cuspe respingam em Liana.

– Se os jacarés ficam sabendo, a gente vai pro sal.

– E quem é que vai contar pra eles? Não vai ser o bundão ali. Não tem coragem nem de entrar na favela. Por isso é que largou essa grana na nossa mão, Lica. Se liga!

Os dois falam em cochichos. Liana espia por cima do ombro de Tio Biu. O playboy equilibra a bunda gorda na lata de tinta, pouco à vontade. Os dois se fitam por um momento. Liana desvia o olhar.

– Puta merda, Tio Biu!

O líder da família puxa Liana pelo braço porta afora, para longe da vista do *playboy*.

– Porra, Lica! Qual é a sua? Vai enfraquecer agora? Eu tenho que voltar lá pra dentro, o cara está desconfiando. Deixe, que eu já boleei um plano. Faz o seguinte. Marque um dez antes de voltar. Vamos dar uma canseira nesse otário. Mas também não demore muito não, ouviu? Que a fome está apertando a mente.

– Isso vai dar merda, Tio Biu. Depois não diga que não avisei.

Liana já vai descendo a ladeira. Ouve o outro dizer às suas costas, em voz alta:

– Confio em você, família.

Ela cede, mas não está de acordo. Tio Biu sabe que isso que eles vão fazer é proibido. Ele conhece a lei dos jacarés tão bem quanto qualquer um. Só que cresceu o olho. E agora está metendo a família em um jogo perigoso.

A ladeira faz uma curva pronunciada antes de chegar à escadinha que demarca o fim do asfalto e o começo da favela. Liana decide dar um tempo ali, para acatar o pedido de Tio Biu. Se é para ficar de boqueira na rua, melhor agora que depois, com o flagrante em cima.

Bem distante no céu, ela avista o dirigível Akasha, sobrevoando como sempre a região da praia e dos prédios luxuosos. Ela vai se sentar no pedacinho final da calçada, onde o rabicho de rua termina abruptamente. A vista é impressionante, mesmo para quem já está acostumado. Diante de Liana estende-se a Baixa do \*, até onde os olhos alcançam. Milhares de casas de tijolos tornam o marrom avermelhado a cor predominante na paisagem, recortada pelo cinza-escuro dos telhados e pelo azul das caixas d'água. As casas foram construídas tão próximas umas das outras, que dali do alto da escadinha não é possível divisar as ruas e vielas.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,07 x 10<sup>-23</sup>**

**BAIXA DO \***

A pobreza floresceu na área mais baixa da cidade. Em alguns terrenos a altitude chega a ser negativa em relação ao nível do mar. O local todo era um grande charco pantanoso há cerca de trezentos anos, quando uma pedra mais ou menos do tamanho de uma geladeira caiu do céu. Durante muito tempo a cratera resultante ficou sendo conhecida como *baixa do asteroide*. Depois, por uma dessas misteriosas transformações da língua, o povo começou a chamar o lugar de *baixa do asterisco*. Com o processo de urbanização e o surgimento da primeira favela na cidade, a região passou a ser designada nos mapas unicamente pelo sinal gráfico \*, em uma vã tentativa dos meios oficiais de lidar com o problema por meio da negação. Por fim a favela cresceu tanto, a ponto de se misturar com outras que também cresciam nas redondezas. Qualquer tentativa de delimitação geográfica perdeu o sentido. Assim, livre da ambição de ser dignificada por um nome, verdadeira cidade dentro da cidade, miséria que torna o luxo possível, esse inferno sem o qual o paraíso não poderia existir contenta-se em ser chamado simplesmente de *favela*.

A movimentação parece normal. Nenhum sinal de polícia. Só a ânsia é que começa a pinicar sua pele. Estava até demorando. Liana se coça novamente, por conta de uns comichões gelados que percorrem seu corpo. Já o dinheiro do playboy parece queimar em seu bolso. Não há como esperar mais. Ela desce a escadinha. São quase trinta metros de uma escadaria vertiginosamente íngreme, mas Liana está acostumada a fazer esse percurso várias vezes ao dia.

A boca fica bem na entrada da favela. Nesse horário o movimento é pequeno. Apenas dois traficantes estão à vista, atendendo ao pinga-pinga dos viciados. São dois jacarés adolescentes, na muda. Por algum motivo Liana acha-os mais assustadores nessa fase, quando a metamorfose ainda não está completa. Ela conhece os dois que estão no posto agora. Um fica sempre querendo se engraçar, o outro parece que tem ódio dela e do mundo.

– Cento e cinquenta contos de Z.

– Está abonada hoje, hem, princesa! – diz o paquerador, enfiando a mão no saco plástico em seu colo e separando as cápsulas com os dedos escamosos. Liana recebe as hóstias, preocupada em não demonstrar nojo ao tocar na pele de cobra.

– Já deve ter chupado muita rola desde que acordou – diz o outro, piscando os olhos amarelados com aquele jeito estranho dos jacarés, com a pálpebra de baixo subindo até cobrir o olho. Ele cutuca o colega com um pé que tem unhas maiores que os dedos de Liana. E este solta uma gargalhada que mais parece o ronco de um motor de barco, exibindo uma sinistra fileira de dentes pontiagudos.

Liana sente a indignação ferver dentro dela:

– Respeito, viu? Que não estou dando confiança. Quero ver o que Godi vai dizer quando souber que é assim que vocês tratam os clientes da boca.

A atitude relaxada dos dois muda na mesma hora. O paquerador ainda tenta conciliar:

– Ora, o que é isso, princesa? O colega não falou por mal. Estava só brincando.

O outro começa a piscar repetidas vezes, maligno. O ódio com que ele encara Liana é agora muito mais intenso, focado exclusivamente nela, não mais no mundo inteiro.

– Cuidado com o que fala por aí. Zumbi que assombra na favela leva tiro na cabeça.

O problema é que Liana não lida muito bem com o medo. Quando se sente acuada, ela ataca.

– Veja você a merda que está dizendo. Sabe quem é meu contexto aqui na favela, pra ficar me ameaçando assim? Tenho quem olhe por mim, estão entendendo? Jacaré de boca grande é que vira enfeite no salão de Godizila.

A cartada é puro blefe, mas surte efeito. Liana cresce com tanta convicção para cima dos dois que eles botam o rabo entre as pernas. Ninguém fala mais nada. Ela ainda tem a pachorra de fingir que está conferindo as hóstias na palma de sua mão, antes de enfiar tudo no bolso. Sente a cabeça leve pelo jorro de adrenalina. É quase como quando a onda da hóstia começa a bater. Tenta não demonstrar que suas pernas estão bambas, moles como geleia, enquanto se afasta com a maior dignidade que pode. Só interrompe o passo quando chega na escadinha, para recuperar o fôlego antes da subida. Enfia a mão no bolso e vai transferindo as hóstias para um pequeno frasco de comprimidos vazio que sempre traz dentro do sutiã, para esse fim específico. E aproveita então para realmente contar as cápsulas: são catorze dentro do tubinho de plástico.

A décima quinta hóstia está bem segura entre o indicador e o polegar de Liana. É esfregada, como de costume, na alça da camiseta. Para limpar de germes e das escamas dos jacarés. Ela enfia a cápsula na boca. Com um estalido característico, a fina camada de polímero em volta da hóstia é rompida por dentes ávidos. E esse som tão sutil, ouvido somente dentro de sua cabeça, imediatamente faz com que ela solte suas sonoridades no mundo. Soa um suave estampido, seguido por uma alegre salva de corneta. Isso sempre acontece quando seu corpo pressente que a ânsia está na iminência de ser saciada: Liana começa a peidar incontrolavelmente.

Por sorte não há ninguém por perto. Ela começa a subir a escadinha, sem pressa agora. Liberta da cápsula, a hóstia é acomodada debaixo da língua e escorada contra a gengiva. A parte de baixo da língua começa então a friccionar a droga, para aumentar a área de absorção e acelerar a dissolução no organismo. Um dos primeiros truques aprendidos por todo bebezê.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

Item nº 2,26 x 10<sup>-35</sup>

## BEBEZÊS E CHEIROSOS

Durante a primeira fase de dependência do composto Z, o usuário é conhecido como *bebezê* no jargão dos viciados. Quase todos os zumbis começam chupando as hóstias, como se fossem pastilhas para a garganta. Geralmente a droga é colocada debaixo da língua, para uma rápida absorção da substância ativa. Mas não é incomum que seja engolida como se fosse um comprimido para dormir, ou mesmo empurrada para dentro com a quantidade disponível da bebida mais forte.

O composto Z provoca uma dependência progressiva, exigindo que quantidades cada vez maiores da droga sejam consumidas para evitar as crises de abstinência. A absorção sublingual torna-se ineficiente, chegando em alguns casos a provocar intolerância no usuário, que vomita a hóstia logo após ela ser ingerida. Em determinado ponto, o sujeito começa a fumar a droga em pequenos cachimbos.

O usuário de Z que passa para esse estágio intermediário é comumente chamado de *cheiroso*, devido ao odor característico da hóstia queimada, que fica impregnado na pele e não sai nem com água sanitária. Daí para o estágio de *zumbi* é um pulo, quando só a droga injetada diretamente na veia faz efeito. É por essas e outras que Z é chamada de *droga final* ou de *a última letra no alfabeto das drogas*.

E assim, enquanto sobe a escadinha, ela desfruta de uma quase perfeita e plena liberdade. Por um leve momento seus pés são passarinho voejando sob o sol da tarde, borboleta, uma folha ao vento, feliz poeira de estrelas. Mas o fim da escada não é o paraíso, só o começo da ladeira.

Liana respira um pouco e decide dar mais um tempo ali, esperar a onda passar. Mas a sensação do tubinho cheio de hóstias enfiado no sutiã a faz mudar de ideia. Ela vai subindo a ladeira bem devagarzinho, a apreensão crescendo a cada passo. Para um pouco antes da soleira da porta do cafofo. Fica um tempo ali, escutando. Então espia por uma das brocas na parede.

Tal como suspeitava, o playboy ainda está lá dentro. Pelo visto, Tio Biu falhou em convencê-lo a vazar. O velho Mandrá é que está de volta. Sentado em sua pedra, ao lado do playboy, ele puxa conversa, contando seus causos, tentando descolar algum trocado.

Galego Miguel parece ter acabado de acordar. Com um ar desconfiado, observa a conversa de Mandrá com o playboy. Mesmo sem conseguir entender muita coisa do que o velho diz, o sarará também espera tirar algum proveito daquela visita inesperada.

Deitada ao lado de Galego em cima de tiras rasgadas de papelão, no canto mais escuro do cafofo, Samara ainda dorme. Apesar de ser um ou dois anos mais nova que Liana, Samara está bem acabada. Ela já não era mais um bebezê quando entrou para a família, segurando a mão de

Galego Miguel. O amor dos dois começou assim, o triste e feio amor dos cheirosos: os dois fumando hóstias no mesmo cachimbo.

Liana detesta o cheiro da hóstia queimada. O cafofo inteiro exala esse fedor. Está impregnado nas paredes. Mas ela nunca comenta o assunto. Tio Biu também não reclama; e nem poderia, sendo ele mesmo um cheiroso dos brabos. E quanto a Mandrá, esse vive em um mundo só dele.

Coisa estranha, o playboy parece não se incomodar com o cheiro. Ele usa um moletom caro, de marca, rasgado nos ombros para exibir a tatuagem. Para mostrar que é malandro, que já viu o mundo, que conhece o mal. Está vestindo também umas calças folgadas, dessas cheias de bolsos, que combinam bem com os coturnos. Um autêntico explorador de safáris urbanos, o típico universitário riquinho e filhinho de papai. A não ser pela cabeça, muito redonda e um pouco grande demais para o corpo. Sua presença limpa e cheirando a colônia cara quase brilha em meio à sujeira do ambiente.

Ó, vacilo! Liana ficou tempo demais encarando o plêiba, e ele acaba flagrando o seu olhar pela broca. Ela não vê uma saída melhor além de se mostrar.

Tio Biu levanta de um salto e avança, todo serelepe:

– Lica! Ainda bem! Você conseguiu escapar. Os lobos esculacharam muito você, meu bebezinho? Fiquei me sentindo mal, com a consciência pesada, por ter mandado você nessa missão, justo no dia de seu níver. Mas que bom que você escapou! Essa foi por pouco.

Tio Biu desperdiça energia piscando o olho desse jeito.

– Não diga nada, bebê. Já ficamos sabendo de tudo. Como você estava demorando, fui dar um rolé porta afora para sondar a barra. Daí a rapaziada me contou que a polícia garfou você logo na saída da escadinha. Que lhe deram um baculejo e levaram tudo. Tudinho.

Ele dá uma última piscadela, demorada e dramática, antes de voltar-se novamente na direção do playboy.

– Eu até apostei com nosso amigo aqui que você não voltava mais hoje, que nem adiantava ficar esperando. Mas ele insistiu em ficar. E não é que estava certo? E que bom que eu estava errado, Liquinha! Que bom que os lobos soltaram você logo.

O velho Mandrá olha para ela com as sobrancelhas crispadas, em tensa expectativa. O playboy continua sentado perto da parede, em cima da lata de tinta emborcada. Liana não precisa olhar para saber que ele não está comendo nada dessa história. Mas ela não tem outro jeito a não ser seguir com o teatro.

– Foi como Tio Biu disse – Liana afirma, com os olhos postos no chão. – Os lobos me apanharam na escadinha. Me deram uns catiripapos, mas me deixaram ir.

Ainda sem ousar olhar para o playboy, ela murmura:

– Os tiras levaram sua massa toda. Me desculpe.

O chefe da família a conduz pelo braço, paternal, como se ela estivesse prestes a desmaiar.

– Sente-se, minha filha. Descanse um pouco, você merece.

Liana sente o olhar do playboy fixo nela. Quando não suporta mais, resolve encarar de volta. A cara que ele faz a deixa sem graça. Não exhibe ira, nem intenções hostis. Está mais para uma cara de preocupação. Por ela.

– Está tudo bem com você?

Então o playboy acabou acreditando na encenação! Ela sente uma pontada de remorso, em meio ao sentimento maior de alívio.

– Sim. Tudo bem, eu acho – balbucia, sorrindo tristemente em agradecimento.

– Espero que a polícia não tenha te machucado.

– Já estou acostumada.

– E como foi que conseguiu escapar?

Só que não. Agora ela consegue notar o brilho desconfiado no olhar dele, por detrás da fachada de coruja consternada. O playboy não é tão otário assim. Ele sacou o teatro de Tio Bui, mas prefere fingir que está acreditando. Liana decide fazer a vontade dele. Representar é com ela mesma.

– Eles me deixaram ir. Em troca de alguns favores especiais. Se é que você me entende.

Para sua própria surpresa, Liana percebe que está enrubescendo. Ela se pergunta se sentiria essa mesma vergonha se tivesse realmente feito o que está sugerindo que fez.

– Sinto muito.

– Deixa pra lá. Esquece isso. Eu também sinto muito por não poder trazer sua massa. De verdade.

– Então, nada de maconha.

– Pois é. A polícia ficou com tudo.

– E meu dinheiro?

– Ué, usei para comprar a maconha. Não entendeu? Foi quando eu estava voltando que a polícia me pegou. Eu já estava com a massa na mão, foi por isso que rodei na mão dos lobos.

– Estou falando do dinheiro do avião. A grana que dei para vocês pegarem a maconha para mim.

– Poxa, gato, se eu pudesse te devolvia essa grana agora mesmo. Mas usei para comprar hóstias. E o pior é que ficou tudo com os tiras.

Tio Biu decide intervir:

– Ô companheiro, não ouviu quando expliquei isso tudo pra você agora mesmo? Não era para acontecer, mas aconteceu. Não foi culpa de ninguém. É caso encerrado. Foi ruim pra você, que perdeu a grana. Mas foi pior pra Lica, que sofreu, e não foi pouco, para não perder a liberdade.

A atuação de Tio Biu até que não é das piores, considerando que só de ouvir Liana falar em hóstias já ficou todo se coçando. É admirável o seu esforço em seguir com a encenação, mesmo nessa faiúla braba. Mas é esforço inútil, viagem sem balde. O playboy nem presta atenção em seu teatro, pois ficou vidrado na mesma palavra que deixou Tio Biu com comichões.

– *Hóstias?* Você disse *bóstias?*

Liana apenas acena com a cabeça, sem entender a princípio.

– Mas então...

Quando os olhos por detrás das grossas lentes se enchem de assombro, dessa vez sem o menor fingimento, Liana compreende. E não somente ela. Tio Biu avança, com um dedo esquelético em riste:

– Quer dizer então que o playboy ainda não tinha sacado que está no meio de um bando de viciados em Z! É isso mesmo, somos zumbis, sim. Qual foi?

O playboy se assusta e quase cai de cima da lata de tinta. Mas se levanta de um salto, com inesperada agilidade. Ao se fixar sobre Tio Biu, causa do susto e de outros tantos infortúnios, seu olhar de coruja torna-se malvado:

– Você me enganou. Quero meu dinheiro de volta.

– Ah, é? E o que é que você vai fazer?

Tio Biu cutuca o peito do outro com a ponta do dedo. O playboy se encolhe, mas não é de dor. Ele não consegue disfarçar a aversão que o contato lhe causa agora que sabe que Tio Biu é um zumbi.

– Ficou com nojinho, foi?

Aquela reação deixa o líder da família enfurecido. Ele cutuca o playboy várias vezes, agora com força.

– Fala pra mim, parceiro. Você está quase se borrando, não é? Vir parar, assim, em um antro de zumbis! Não está com medo de levar uma mordida? De que a gente queira comer o seu cérebro?

– Tira a mão de mim.

Tio Biu não esperava levar o tapão no peito, que o joga dois passos para trás. O playboy também parece possesso.

– Quero o meu dinheiro já, ouviu?

Liana toma a frente.

– Senão vai fazer o quê? Bater em nós todos?

Sua voz soa clara e firme, voz de comando. Por isso mesmo ela imediatamente se arrepende dessas palavras, pelo efeito que provocam no restante da família.

Galego Miguel ostensivamente enfia a mão por debaixo da camisa. Pisa de leve em Samara, para que ela também se levante. Tio Biu parece refeito do tapa e encara o *playboy* com sangue nos olhos. Até mesmo Mandrá está alerta e muito sério. O velho foi contramestre de capoeira e ainda está razoavelmente em forma, apesar da idade. Ele até vinha tentando ensinar a antiga arte das pernas para Liana e, pelo pouco que aprendeu, ela não tem a menor dúvida de que Mandrá sozinho e sem as mãos daria conta de qualquer *playboy* em dois tempos. Difícil é ele querer descer do mundo da Lua para entrar em uma briga.

– Vou dar queixa de vocês. Posso denunciar todo mundo aqui à polícia.

Tio Biu solta uma gargalhada. O som lembra o cacarejo de um galo rouco.

– Essa eu quero ver. Até vou junto, só para assistir. Vai dizer o que para os lobos, *playboy*? Que não entreguei sua maconha?

– Digo que vocês me roubaram, que me ameaçaram com uma faca. Vai ser a minha palavra contra a de vocês.

– Uma faca desse jeito?

O sarará sorri de um jeito malévolo e agita a lâmina no ar, ameaçadoramente. Mas a sua mão treme e seu olhar mostra bem o quanto ele mesmo está apavorado. Galego Miguel não virou assaltante por vocação. Tinha outra profissão antes de se viciar em Z.

De todo modo, sua atuação é mais do que convincente. O *playboy* recua um passo. Os olhos de coruja, arregalados, já procuram a direção da porta. Liana está quase sorrindo de alívio.

Só que não. Tio Biu cresce o olho outra vez:

– Bonito relógio. É um *Rolex*?

– Tira essa mão!

Tio Biu desvia com facilidade do mata-cachorro desferido às cegas, no pânico. Quem não desvia é Samara, que está logo atrás. O *playboy* nem bate com tanta força, é um golpe de canhota, de reflexo. Só que a pulseira de metal do relógio acerta em cheio o supercílio de Samara, abrindo um talho feio. Ela desaba no chão com o impacto e lá fica, deitada de costas, fazendo pequenos movimentos erráticos com os braços e pernas.

– Samara!

Liana corre até a amiga caída. O sangue jorra em abundância do ferimento, lerdo e espesso. É um sangue negro como a noite. Liana recua, estarrecida. Então ela diz, procurando Galego Miguel com o olhar:

– Você sabia disso?

O sarará não está ouvindo. Com três passos rápidos ele corta a distância que o separa do playboy. E crava o estilete no abdômen, com vontade. A lâmina penetra na altura do fígado e rasga fundo antes de ser violentamente puxada para fora.

– Seu bicha!

O playboy leva as mãos à barriga. O sangue que pinga da faca de Galego Miguel é o mesmo que transborda por entre seus dedos crispados, empapando o moletom. É um sangue escuro, mas bem vermelho. Não é preto como o de Samara. Ele cai de joelhos no chão. Parece estar tentando dizer algo, porém o ar lhe falta. Sua boca se mexe sem no entanto emitir qualquer som. Liana acredita que consegue ler nos lábios dele as seguintes palavras:

– Não queria machucar a menina.

Ele tomba para a frente, lentamente, quase em câmera lenta. A cabeça redonda bate no chão primeiro, fazendo um barulho imenso. O playboy ainda faz uma patética tentativa de se levantar, ou ao menos virar de lado. Fica caído de bruços, se estrebuchando, a poucos passos de Samara. Ela parece mais desperta com o baque.

– Iâa? Ô um oum.

Samara ergue a cabeça o suficiente para fitar a amiga com seus olhos de criança abortada, que eram tão bonitos até outro dia. A voz fanhosa provoca um calafrio em Liana. Ela se sente hipócrita por ter colocado sobre os ombros de Galego a responsabilidade de notar a condição de Samara, pois vinha percebendo os sinais há muito tempo. Uma longa lista de pequenas mudanças no comportamento, na aparência e até no jeito de falar. Ela notou, mas não queria pensar no assunto. Preferiu ignorar. E assim foi se acostumando, como o resto da família, ao jeito cada vez mais estranho de Samara. A ponto de entender perfeitamente as palavras que ela balbucia, que para alguém de fora não passariam de sons incompreensíveis:

– *Liana? Estou com fome* – Samara nunca chamou a amiga por seu nome de guerra.

O olhar de Liana fica vagando entre Samara e o playboy, os dois caídos a seus pés. Galego Miguel olha para a mesma cena. Continua apontando a faca, inutilmente, na direção de sua vítima estendida no chão:

– Levanta para você ver uma coisa.

E então Liana vê Tio Biu parado de cara para a parede, de cabeça baixa, coçando a careca por debaixo do boné.

– Mas que porra, Tio Biu.

Liana sente a voz ficar embargada e não prossegue na bronca que queria lhe dar. E ele não desperdiça a oportunidade:

– Lica, você bem que podia liberar uma dose pra geral. Porque a fome é feia, família. E a cada momento fica pior.

Ela enfia a mão por dentro do sutiã, pega o tubo com as hóstias e o arremessa com desprezo:

– Toma, Tio Biu. Enfia no cu.

Mandrá se aproxima, solícito, abrindo os braços. Ela concorda em apoiar a cabeça no peito do velho e logo começa a chorar, a princípio timidamente.

Samara escuta. Seus olhos, contudo, estão fixos no corpo caído à sua frente. O playboy ainda faz pequenos movimentos com os pés e os ombros, como se estivesse tentando nadar na poça vermelha debaixo dele. O cheiro do sangue perturba Samara. Ela está se levantando quando sua mão resvala em algo. É a pedra achatada que Mandrá usa para se sentar. Samara a apalpa com as duas mãos. É pesada, mas consegue levantá-la. Com mais um esforço, ergue a pedra acima da cabeça. E então se joga com tudo para cima do playboy. O choro de Liana é interrompido de súbito por um ruído alto e desagradável. Um som ao mesmo tempo crocante e úmido.

Impulsionada pelo peso de Samara, a pedra desce com força sobre o crânio do playboy. O osso parietal é partido nesse primeiro impacto, gerando o estalido característico. Mas ela não se satisfaz e continua golpeando, golpeando, até abrir um grande buraco na cabeça do playboy. Um buraco grande o suficiente para passar a mão.

Samara enfia o primeiro bocado na boca. Depois de algum tempo, percebe que está sendo observada. E só então repara em Liana, de pé e imóvel à sua frente. Ela fita a amiga por um momento, com sangues vermelho e negro misturados no rosto. A boca se abre em um sorriso infantil, revelando nacos de cérebro semimastigados. Ela estende para Liana a palma da mão em concha, com um presente de miolos frescos e lascas de osso.

– *Éiz aieb aio, iáa* – diz Samara.

Há menos de um ano, a voz de Samara era muito bonita. Agora está irreconhecível. Mas Liana ainda entende o que a amiga quer dizer:

– *Feliz aniversário, Liana!*

## Capítulo II

# É A MINHA ENXAQUECA, SABE?



*\* Onde caminhamos pelo calçadão na praia antes de assistir à performance de Liana no Cinema Orxxx.*

*\* Da tragédia na Fazenda Ômega.*

*\* O que é mais sexy para um ogro: gárgulas ou vermes do pântano?*

*\* E Liana ainda tem uma conversa ou outra com o seu chefe múmia.*

*“A cópula não é mais indecente para mim do que a morte.”*

Walt Whitman

Liana sai correndo porta afora. Ao invés de descer para a favela, segue no sentido oposto, na direção da cidade. Só se detém quando chega ao poste da esquina, sem fôlego. Ela está no cruzamento com a rua principal.

A inalterável e chocante realidade do que acaba de ocorrer começa a penetrar em sua consciência. Ela sente as pernas fracas e precisa se apoiar no poste para não cair. Um pensamento gira, obsessivo, em sua mente. Liana pensa na história dos zumbis da Fazenda Ômega. Até o dia de hoje ela conseguiu se convencer de que tudo não passava de lenda urbana. Mas agora não é mais possível. De todos os horrores, esse é o maior: a perda final das ilusões.

### REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 2,36 x 10<sup>-23</sup>

#### FAZENDA ÔMEGA

O caso da Fazenda Ômega foi o primeiro e um dos mais sangrentos episódios de ataques de zumbis ocorridos desde então. Aconteceu em uma casa de reabilitação bem na periferia da cidade. A Fazenda Ômega, como era chamada, foi fundada pelas Irmãs Bondade e destinava-se à recuperação de narcodependentes.

Um grupo de catorze usuários de Z foi admitido na fazenda, em caráter experimental. Eram todos “voluntários”, internados à força pelas famílias em desespero mediante o depósito de vultosa quantia, a título de “taxa de internação”. *Os catorze zumbis*: poderia ser o nome de uma banda de rock, ou de um desenho animado. Com menos de uma semana de internação na Fazenda Ômega, bem que acabaram ficando famosos.

O pequeno grupo que está esperando no sinal olha para Liana com suspeita. Uma múmia matrona, enfiada em uma apertada malha de academia, puxa para junto de si o menino com um uniforme escolar, que ela traz seguro pela mão.

Isso aconteceu logo no início da epidemia dos zumbis, quando ninguém sabia ainda muita coisa a respeito da nova droga Z. Foi o que acabou ocasionando a tragédia. Ainda se ignorava que a dependência de Z não pode ser tratada de forma convencional.

O pressuposto básico em qualquer tratamento de dependentes químicos é a inacessibilidade da droga. É por isso que a maioria das clínicas de recuperação fica em

locais longínquos, fora de mão. Todos os demais internos da Fazenda Ômega, usuários de crack, cocaína, heroína, metadona, krokodil – e até mesmo um playboy maconheiro, internado pelos pais por plantar umas mudinhas em casa – sabiam que não havia um miligrama de droga disponível nas cercanias.

Já com os usuários de Z, como logo ficaria evidente, a coisa não é bem assim. Eles são dependentes não apenas do misterioso composto Z, mas também de adrenalina, serotonina e dopamina, três substâncias muito presentes no cérebro humano. Os catorze zumbis internados na Fazenda Ômega dificilmente tiveram acesso a essa informação, uma vez que somente *depois* de episódios como o ocorrido lá é que a composição das hóstias passou a ser amplamente divulgada pela imprensa. Mas de alguma forma eles simplesmente sabiam o que precisava ser feito.

Liana só percebe o vômito chegando quando é tarde demais. O jato quente e ácido força a passagem pela boca e pelas narinas. Ela apenas tem tempo de virar a cabeça para o lado, em uma tentativa de evitar que respingue em alguém.

Do primeiro ao terceiro dia, os zumbis da Fazenda Ômega foram mantidos em um estado semicomatoso induzido por drogas. No quarto dia a medicação foi reduzida e os pacientes foram integrados ao grupo dos outros internos. No quinto dia os problemas começaram.

A primeira vítima foi um dos próprios zumbis, o mais velho e fraco dentre eles. Os outros o pegaram pelos braços e pernas e arremessaram sua cabeça contra uma parede repetidas vezes, até que a caixa de ossos se partiu e os miolos pularam para fora. Foi a primeira vez que isso aconteceu, ao menos que se tenha notícia. Os zumbis provaram a droga diretamente do cérebro humano. Provaram e aprovaram.

A múmia quarentona solta uma exclamação de nojo e revolta, que mantém inalterada a fixidez de seu rosto de múmia, tornado inexpressivo à custa de muitas cirurgias e tratamentos. Os carros param no sinal e os pedestres começam a atravessar a rua. A criança pergunta:

– Mumi, o que a moça tem? Ela está morrendo?

A resposta da mãe é ríspida. Liana chega a ouvir o braço do menino sendo puxado com força, para obrigá-lo a andar mais rápido.

– Que morrendo! Isso é descaração, isso sim!

Quis o destino que a segunda vítima, abatida de forma semelhante, fosse uma funcionária da fazenda que estava de posse de um molho de chaves. E foi assim que os zumbis, agora reduzidos a treze, conseguiram ter acesso às dependências da cozinha e às facas lá guardadas.

O que eles fizeram a seguir é que se tornou matéria de lenda. A confusão só terminou quando a polícia invadiu a fazenda, que a essa altura já estava quase toda tomada pelo fogo, que ninguém nunca descobriu como começou. Todos os zumbis remanescentes foram abatidos a tiros. A contagem de suas vítimas chegou a 35, entre irmãos da ordem, funcionários da fazenda e outros internos.

Liana está fraca demais para mandar mãe e filho para onde ela acha que devem ir. Escorando-se no poste, de cabeça baixa, sente-se o alvo de todos os olhares. Esforça-se para ficar ereta novamente. Para expulsar o enjoo e a tontura, obriga-se a prestar atenção no colorido outdoor à sua frente, do outro lado da rua. A montagem fotográfica mostra três pares heterogêneos olhando convidativamente para a câmera: um homem negro e musculoso e uma mulher morena de seios enormes, uma menina loira usando um vestidinho curto e um menino japonês usando um quimono, um cão pastor alemão e uma égua de raça. Liana já viu esse anúncio centenas de vezes antes, ao passar por ali, mas hoje ela faz força para se concentrar em cada palavra escrita:

*Quem você quer ser? Com quem você quer fazer?*

AKASHA HOT

*O prazer não tem limites!*

O subterfúgio obtém algum êxito. Ela ao menos consegue respirar um pouco melhor. E pensar naquela oferta de sexo virtual multissensorial, que sempre provocou sua indignação por envolver crianças e animais, mesmo que em simulações de computador, a ajuda a esquecer pelo momento todo o horror que acaba de acontecer. É preciso seguir em frente.

Ela se solta do poste, ensaia alguns passos. Ganha confiança aos poucos, no ritmo da caminhada, enquanto vai arejando a mente. Então começa a considerar o rumo a seguir. Ela só terá compromisso no começo da noite. Liana dança de segunda a sexta na primeira sessão noturna do Cinema Orxxx. Do cafofo até o cinema é uma caminhada que ela costuma fazer em pouco mais de meia hora, se estiver com disposição.

Logo adiante, no canteiro que separa os dois sentidos da pista, o relógio digital marca 16:03. Há tempo de sobra. A essa altura ela sequer cogita colocar seu plano original em prática,

de esmolar para garantir algumas hóstias. Dá mais trabalho e exige bem mais energia pedir dinheiro na rua do que a maioria das pessoas imagina.

Como nenhuma outra ideia melhor lhe ocorre, Liana segue na direção do cinema. Decide fazer o caminho mais comprido e ir pela orla marítima. Ela passa sem ver pelo velho cenário de sempre: esquinas, ruas de mão única e dupla, becos que levam a outros lugares, um beco sem saída, a pracinha, edifícios residenciais e comerciais, lojas diversas, um supermercado, restaurantes, um edifício-garagem, uma escola infantil, uma escola pública, academias de musculação, pet shop, delicatessen e até mesmo uma biblioteca. Finalmente chega à esquina que dá para a praia. Dali é só seguir o calçadão da orla até um pouco depois da primeira curva. O Cinema Orxxx fica em uma rua transversal a duas quadras do mar.

Ao pisar na orla, entretanto, Liana percebe que cometeu um erro de cálculo. Ela esperava acompanhar o pôr do sol enquanto caminha pela praia. Contudo o sol se põe do outro lado, por detrás dos prédios. Isso faz com que escureça primeiro do lado da praia, ensombrecendo o crepúsculo à beira-mar com um cinza pesado e melancólico, quebrado apenas pelas luzes coloridas do dirigível Akasha. Ela se sente estúpida por não ter se ligado que o sol se põe na direção contrária. Afinal já cansou de ver o sol nascer dali mesmo da calçada, onde ela faz ponto quase todas as noites. E onde acabará vindo parar logo mais, depois que terminar a dança no Cinema Orxxx.

Essa pequena frustração é a gota d'água. Liana chora abertamente, agora sem nenhum pudor. Ela chora pelo rapaz que perdeu a vida de forma tão vil e cuja morte ela involuntariamente ajudou a causar. Chora por Samara, para sempre perdida, condenada a uma vida de trevas piores que a morte. Liana chora por si mesma. Chora por um mundo onde pessoas ganham dinheiro com uma droga maldita como a Z.

Não há quase ninguém no calçadão nessa hora tão indefinida. Ela caminha o mais devagar que consegue, só para não ter que parar. Passa por alguns poucos banhistas retardatários, outros tantos corredores passam por ela. Alguns carros buzina para a menina de shortinho e belas pernas. Mas ninguém chega a reparar que ela está chorando.

Chorar assim de vez em quando é bom, mas também cansa. Liana enxuga as lágrimas, assoa o nariz na camiseta e aproveita para enfiar a mão dentro do sutiã, onde ela guarda seus achados e pertences. Então ela lembra que Tio Biu ficou com o seu tubinho de hóstias, e sente muita raiva.

O que ela retira do sutiã é metade de um pacote de biscoitos recheados. Pega um biscoito e dá dentadas miúdas, obrigando-se a ignorar os enguios até comer o biscoito inteiro. E depois mais outro. Então guarda o pacote de volta.

Tudo em Liana está retardando a marcha, diminuindo o andamento, querendo segurar o tempo com os calcanhares. Ela sabe o que vem em seguida: o primeiro espasmo da ânsia.

Um carro de polícia passa zunindo a toda na pista. Liana estremece com o susto e faz o possível para continuar andando no mesmo ritmo. Vai que eles fiquem espiando pelo retrovisor. Só então ocorre a ela que os policiais são especialmente perigosos durante o crepúsculo. Nos instantes imediatamente antes e após a transformação do dia em noite, quando se sentem mais vulneráveis, os lobisomens são capazes de cometer as piores barbaridades diante da menor provocação.

Ela aperta o passo, agora com pressa de chegar ao cinema. Só que a ânsia chega antes. O primeiro espasmo quase dobra Liana ao meio. Ela continua caminhando. Finalmente chega a curva da praia e logo depois um ponto bom para atravessar a pista. Liana está tremendo e suando frio com os espasmos. Anda penosamente ao longo da primeira quadra, com seus bares, lanchonetes e vitrines de lojas ocupando o andar térreo de prédios antigos e sisudos. Ao dobrar a esquina ela retoma o trecho que costuma fazer quando vem direto do cafofo.

O Cinema Orxxx é um prédio velho e decadente, espremido entre uma farmácia e uma loja de sapatos. O antiquado letreiro ostenta permanentemente os dizeres:

## 2 FILMES DE SEXO EXPLÍCITO STRIPTEASE AO VIVO COM LINDAS MULHERES

### REGISTROS AKÁSHICOS

**Item nº 1,45 x 10<sup>-18</sup>**

#### **CINEMA ORXXX**

Em seus áureos tempos, o prédio abrigava um teatro de revista muito afamado, frequentado por eminentes políticos e pelas celebridades da época. O primeiro sopro da decadência foi a transformação do teatro no Cinema Orquestra, que teve uma longa e não tão próspera vida, principalmente no final. Quando fechou as portas, a penúria prolongada era visível a partir do próprio letreiro com o nome do cinema, cuja parte final tinha desabado durante uma noite de tempestade, havia muitos anos, sem que ninguém tivesse se dado ao trabalho de consertar. E foi assim que a casa ficou conhecida durante a maior parte de sua existência simplesmente como CINEMA ORQ.

O desmazelo não impediu que a fachada do cinema fosse tombada como patrimônio histórico, devido à sua antiguidade e à representatividade de seu estilo arquitetônico. Isso para infortúnio dos proprietários do imóvel, que depois que o cinema foi fechado passaram anos em uma batalha judicial, finalmente perdida, tentando derrubar o

tombamento. Foi só o que salvou o cinema de virar uma igreja evangélica, destino de tantos outros. Nesse meio tempo um dos donos do imóvel faleceu, gerando uma nova disputa, dessa vez entre os herdeiros, emaranhados em um inventário que até hoje se arrasta na justiça.

Os sócios restantes, de posse de tamanho elefante branco, optaram pela criatividade. Nem muito dinheiro nem interesse havia para investir no imóvel. Fizeram, portanto, apenas os reparos indispensáveis, sem os quais os fiscais do município não aceitariam suborno, e reabriram a casa como Cinema Orxxx.

A nota criativa foi os donos terem desistido completamente de qualquer tentativa de refinamento. Ao contrário, apostaram na própria decadência, investindo em um público até então negligenciado naquele bairro nobre com vista para o mar: as fileiras de ogros que trabalham nas cercanias, geralmente em serviços braçais mal remunerados.

É claro que essa inovação não foi nem um pouco bem-vista pelos demais proprietários da região. A grita foi geral. O motivo alegado foi o escandaloso mau gosto da coisa em si: transformar um patrimônio histórico em cinema pornô para ogros. Mas o verdadeiro motivo, que ninguém ignorava, era que a novidade do Cinema Orxxx, com a sua infectante decadência, ameaçava desvalorizar os caríssimos imóveis da área.

Atualmente os donos do cinema continuam enfrentando novos e custosos embates na Justiça. É opinião de todos, tanto dos funcionários da casa quanto da população em geral, que mais dia menos dia o Cinema Orxxx fechará definitivamente as portas. Enquanto isso, continua funcionando de segunda a sexta, com sessões duplas todas as noites.

Falta mais de uma hora para a primeira sessão, mas alguns ogros já fazem fila para comprar seus ingressos. Liana passa o mais longe possível dela. Mesmo assim, ouve os inevitáveis grunhidos de apreciação, sobretudo quando ela se dirige para a entrada do cinema.

– Olá, seu Cristóvão.

– Boa noite, Lica – responde o porteiro, liberando o acesso. Cristóvão é o funcionário mais antigo da casa, um sapo velhinho e encarquilhado, com um pé e meio na cova. Fez um pouco de tudo na vida antes de ser acometido pelo Mal de Circe e se tornar porteiro, ainda nos tempos do Cinema Orq, logo depois que foi aprovada a lei dos direitos circenses. Os olhões anfíbios demonstram preocupação. – Está tudo bem, minha filha? Você está me parecendo um pouco abatida.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,02 x 10<sup>-14</sup>**

### MAL DE CIRCE

*Mal de Circe* é o nome dado à condição ou enfermidade que faz a pessoa regredir à sua natureza mais primitiva e bestial. *Circense* é o termo popular para se referir à pessoa afligida por esse mal.

– Está tudo bem, seu Cristóvão. É só um pouco de dor de cabeça, já vai passar – E então, em outro tom: – Escute, seu Natanael já chegou?

– Sim, acho que ele está em seu escritório. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

Liana fica irritada com a curiosidade do outro, mas releva. O porteiro Cristóvão é o único, dentre todos os funcionários do cinema, por quem Liana sente algum afeto genuíno. É por isso que mesmo com a ânsia apertando a sua mente ela ainda tenta sorrir, para tranquilizar o sapo velho.

– Não aconteceu nada, seu Cristóvão. Fique tranquilo. Vou indo lá, ok? Tchau.

O escritório do gerente fica ao lado da *bombonnière*, protegido por uma porta que é mantida permanentemente fechada, onde está afixada uma placa com os dizeres:

### SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO

Liana dá duas batidas discretas na porta. Sem esperar resposta, gira a maçaneta.

– Seu Natanael?

Ela enfia a cabeça pela fresta da porta para espiar. O gerente do Cinema Orxxx está sentado diante de sua mesa, com os olhos fixos na tela do computador. É uma múmia de meia idade, alta e magra, com tufo de pelos mortos grudados na pele ao redor dos lábios murchos. Quando Liana já pensa em chamar o nome dele mais uma vez, o gerente finalmente ergue os olhos da tela. Seu olhar é frio e inexpressivo.

– Pode entrar – ele diz, com uma voz áspera, destituída de emoção.

– Seu Natanael, boa noite – diz Liana, fechando a porta atrás de si e avançando até ficar diante dele.

O gerente não responde ao cumprimento, nem a convida para se sentar. Limita-se a ficar olhando para ela, esperando. Liana aperta uma mão na outra nervosamente. Ela precisa dizer alguma coisa.

– É que hoje acordei muito indisposta, sabe? É a minha enxaqueca.

Só até aí dura a paciência de Natanael. Ele interrompe Liana, incisivo:

– Você está doente? Se não pode dançar hoje, veio para quê?

Liana se apressa a esclarecer, submissa:

– Não é isso. Eu vou dançar. Só preciso comprar um remédio para minha enxaqueca, entende? E estou sem nenhum agora.

Ele fica olhando para ela por alguns instantes e por fim retruca:

– Sim, e daí?

Liana já sente que não vai rolar. Mesmo assim, ela persiste.

– Daí eu pensei se o senhor poderia adiantar o pagamento de minha dança hoje. Para eu poder comprar o remédio e dançar bem, sem enxaqueca.

A expressão do gerente continua impassível:

– Você dança, você recebe. Antes de dançar, você não recebe – ele diz. Após refletir um pouco, acrescenta: – Se dançar mal, se o público não gostar, também não recebe. Entendeu?

E Liana ainda tem que abaixar a cabeça e dizer:

– Entendi, sim. Agradeço por ter me recebido. Boa noite.

Ela tem outro espasmo violento assim que sai do escritório. A ânsia é tão forte, que Liana precisa se firmar na maçaneta. Os mesmos ogros que estavam na fila lá fora agora compram pipocas na *bonbonnière*. Um deles vê Liana curvada, paralisada pelo espasmo, segurando a barriga com uma das mãos e a maçaneta da porta com a outra. Ele arregala seus olhinhos porcinos e mostra a insólita cena para os outros. Depois de risos e grunhidos, o que viu Liana primeiro resolve se aventurar:

– Se for prisão de ventre, conte com minha ajuda, viu, princesa? Nada que uma boa catucada não resolva...

Os risos transformam-se em gargalhadas grotescas, que soam como os guinchos de um porco sendo castrado.

Liana consegue se endireitar. Coloca no rosto a armadura de um sorriso falso e segue direto para a parte dos fundos do cinema, onde fica o camarim. Se os babacas estivessem na rua, no mínimo ela mandaria o dedo. Ela detesta os ogros, com seus chifres medonhos, seu comportamento rude e sua eterna catunga. Na opinião dela, não passam de uns fodidos, mão de obra barata que gasta tudo o que ganha com cachaça. Mas dentro do cinema eles são clientes.

A porta que dá acesso ao camarim exhibe uma placa idêntica à do escritório do gerente. Liana bate duas vezes. Dessa vez ela espera a resposta, pois sabe que a porta está trancada.

– Quem é? – indaga uma voz feminina do outro lado.

– Raquel, sou eu.

A mulher que abre a porta está enrolada em uma toalha. Tem quase o dobro da idade de Liana. As duas se cumprimentam com breves acenos de cabeça.

– Chegou cedo hoje.

O camarim é uma sala estreita, com a bancada de um lado, para as meninas se maquiarem, e do outro um cabideiro com os diversos itens de vestuário que elas colocam para tirar durante o show. Sobre a bancada estão os parques acessórios de maquiagem disponibilizados pela casa. Afixado na parede há um grande espelho esverdeado de limo, que deve estar ali desde a construção do prédio. Na parede oposta à porta de acesso ao camarim fica o banheiro.

– Você já terminou? – Liana pergunta, apontando para a porta entreaberta do banheiro.

– Sim. É todo seu – responde Raquel, sem olhar para ela, ocupada escolhendo as roupas e acessórios para a sua apresentação.

A relação de Raquel com Liana não chega a ser ruim. É que as duas nada têm em comum, além da profissão. Raquel não está na vida para sustentar o vício, e sim os dois filhos em idade escolar.

Liana segue direto para o banheiro do camarim. Ao se trancar lá dentro, em seu *sanitário santuário*, todas as armaduras se dissolvem instantaneamente. Ela se joga no chão, em posição fetal, entregue às agruras da ânsia.

Aquele banheiro exclusivo, com sua privada funcionando e até um chuveiro com água quente, é o grande motivo para Liana dançar no Cinema Orxxx. O que Natanael paga por dança é uma ninharia. Liana poderia ganhar mais se utilizasse esse tempo fazendo programas. Mas o usufruto do vaso e do chuveiro é um benefício valioso, sem contar que ela também pode usar o ensebado *kit* de maquiagem na bancada.

Nos finais de semana, Liana fica praticamente em tempo integral numa casa de massagem a alguns quarteirões do cinema. Lá eles pagam um pouco mais pelas danças, e ela faz programas também. Por outro lado, cobram por tudo o que as meninas usam, inclusive água e sanitário. No fim dá no mesmo: são apenas formas diferentes de exploração.

Algum tempo se passa até que batidas a arrancam de seu transe agônico. Mas não é na porta do banheiro que batem. É na porta do camarim. Liana ouve as vozes de Priscila, que acaba de chegar, e de Raquel, apenas alguns poucos monossílabos trocados entre as duas.

A relação de Raquel com Priscila não é muito melhor que com Liana, basicamente pelos mesmos motivos. Já a relação de Priscila com Liana é que não poderia ser pior, pelo motivo oposto: as duas têm muito em comum. São parecidas demais. Não fisicamente, é claro. Do contrário não estariam se apresentando juntas no mesmo espetáculo de striptease. A variedade, afinal, é o tempero do desejo. Priscila é mais baixa, mais amorenada e mais cheinha de corpo que Liana. Mas em todo o resto as duas são bem semelhantes. Priscila também é uma bebezê.

Também se prostitui à noite na orla. Às vezes as duas chegam a disputar clientes na mesma calçada.

É melhor se apressar. Com um supremo esforço, Liana se coloca de pé e se desfaz das roupas antes de entrar no banho. A chuveirada quente e forte a princípio provoca aflição ao bater na pele, tornada hipersensível pela ânsia. Aos poucos, contudo, o corpo vai se acostumando à temperatura e ao relaxante jorro da água.

Debaixo do chuveiro, é improvável que Liana tenha escutado a porta do camarim sendo aberta e fechada novamente. O número de Raquel vai começar. Ela segue para a coxia, devidamente paramentada com a indumentária – ou falta dela – de sua personagem: *Pâmela Xaxotão*. Raquel faz um número cômico-erótico, ou *comicozinho*, como ela gosta de chamar, que vem fazendo bastante sucesso entre os ogros. É opinião de todos que muito em breve Raquel terá sua chance na segunda sessão, que atrai um público maior e, conseqüentemente, paga um cachê um pouco melhor.

Mais alguns minutos se passam. Liana é abruptamente retirada de seu entorpecimento quente e molhado por batidas insistentes na porta do banheiro.

– Liana – grita a voz irritada de Priscila. – Morreu aí dentro, foi? É a sua vez no palco agora.

– Já estou indo – ela consegue gritar em resposta, desligando o chuveiro de um golpe. E então, ao primeiro passo que dá para fora do chuveiro, sua vista escurece. Suas pernas estão bambas e a respiração, ofegante.

Como vai conseguir dançar assim? Ela avança, trêmula, até uma pequena estante afixada na parede ao lado do chuveiro, onde repousa uma pilha de toalhas limpas, substituídas diariamente. Esse tem sido indisputavelmente o momento favorito do dia de Liana, quando ela se enxuga com uma toalha limpa após um bom banho quente. Hoje, no entanto, não dá para desfrutar. Limita-se a passar a toalha pelo corpo, em movimentos rápidos e débeis. É o melhor que consegue fazer.

Novas e agressivas batidas machucam a porta do banheiro e os ouvidos de Liana, acompanhadas pela estrídula voz de Priscila:

– É pra hoje? Seu Natanael já mandou chamar você, ouviu? E além do mais o banheiro não é só seu não, viu, meu amor?

Liana abre a porta. Priscila olha para ela com espanto, e então um sorriso começa a se desenhar em seu rosto.

– Você está toda molhada.

– Sim – Liana concorda. – Molhadinha.

Os lábios que estavam quase sorrindo agora se franzem em censura.

– Você não vai ter tempo de se maquiar. Nem de vestir muita coisa. O locutor já está anunciando o seu nome.

– Tudo bem – Liana diz simplesmente.

– Vai assim mesmo, de toalha? – o olhar de Priscila é incrédulo, quase chocado.

– Vou.

Até então Liana nem sequer havia cogitado a questão de seu traje, mas aceitou de bom grado a sugestão involuntária da outra.

Ela se lembra de seu pai, que costumava dizer toda vez que chegava bêbado em casa, o que acontecia dia sim e outro também:

– *Abriu a porteira, mete a rombeira!*

Priscila fica por um instante olhando para Liana, sem conseguir entender. Então resolve que a outra perdeu o juízo de vez. Faz uma cara de desgosto e solta o veneno, por fim:

– Tente não pingar muito no palco, está bem? Depois de você, é a minha vez.

Sem esperar resposta, entra no banheiro de pescoço empinado, batendo a porta.

A meio caminho da coxia, Liana é interceptada por Natanael. O gerente parece menos imperturbável que de costume.

– Mas onde está a sua cabeça, mocinha? E que trajes são esses? Não há mais tempo agora. Ande, venha logo, você está muito atrasada. Sabe como eles ficam nervosos quando são obrigados a esperar. Não demora muito e começam a destruir o cinema. Ande logo, menina, vá!

Liana obedece docilmente e segue na direção indicada pelo dedo comprido e descarnado da múmia. De fato, ela não sabe muito bem onde está com a cabeça. Sente-se como que flutuando, separada do corpo. O efeito, não de todo desagradável, é uma intensa sensação de irrealidade. É como se sua mente tivesse conseguido encontrar um lugar isolado e seguro, distante da ânsia, longe de tudo.

Por um motivo qualquer, ela se lembra do dia em que comentou com Mandrá que estava vindo dançar no Cinema Orxxx. Depois de ter parabenizado Liana e escutado a minuciosa descrição que ela fez do banheiro do camarim, o velho coçou a cabeça e fez um comentário que Liana não conseguiu entender:

– *E, se algum dia você não puder dançar, lembre que sempre poderá cantar.*

Oswaldo, o locutor, aguarda Liana atrás das cortinas cerradas. É um sagui baixinho e gorducho, que se dá ares de importância só porque possui uma voz possante. Ele faz sinal para que Liana se apresse.

– Finalmente – ele limita-se a dizer, em tom arrogante. Tenta olhar Liana de cima, tarefa dificultada pela diferença de tamanho entre os dois.

Mesmo com as caixas de som do cinema despejando uma música estridente em cima da plateia, é possível ouvir nitidamente os assovios, grunhidos e vaías por detrás da cortina. A alegre jovialidade despertada pela apresentação de Pâmela Xoxotão não existe mais. A espera, ainda que de poucos minutos, deixou os ogros de mau humor. É um público hostil que espera por Liana agora.

– Pois muito bem, vamos começar – o mico diz, no mesmo tom irritado.

O barulho da plateia transforma-se em rugido quando ele aparece do outro lado da cortina. O locutor começa a falar ao microfone com a voz empostada, bem diferente da que usou com Liana:

– Fêmeas, lindas fêmeas, muitas fêmeas, meus amigos! Fêmeas no cio, as mais quentes da cidade, nuas em pelo, só para vocês, aqui e agora, no Cinema Orxxx!!!

Depois da introdução habitual, o público serena um pouco. Oswaldo continua em seu ritmo nervoso, despejando palavras em alta velocidade:

– Pois muito bem, muito bem, meus queridos amigos. Não precisam mais ficar nervosos. Aquela por quem todos nós estávamos esperando já está aqui, bem atrás dessas cortinas. Ela mesma, essa linda aventureira que o Cinema Orxxx traz com exclusividade para vocês. Uma devoradora de homens, que está aqui para realizar as mais loucas fantasias daqueles que forem capazes de satisfazer o seu apetite voraz. Não se deixem enganar por sua carinha de anjo, meus amigos. Essa linda mulher que vocês vão ver agora é uma autêntica fazedora de viúvas, capaz de sugar um homem até a última gota e simplesmente matá-lo de tanto prazer. Preparem-se, portanto, para ela, a primeira e única, inigualável: a *Vênus Fênix*!!!

Enquanto o locutor prolonga as sílabas finais, como se estivesse anunciando um gladiador prestes a entrar na arena, as cortinas se abrem e de repente todos podem ver Liana, enrolada em uma toalha, meio curvada pela ânsia. O tema da *Vênus Fênix* começa a tocar nos alto-falantes. É um som eletrônico, um remix prolongado de bases *psy trance*, com graves profundos e BPM acelerado.

Em todas as apresentações que fez, Liana estava chapada de hóstia. Tudo o que ela precisava fazer era balançar os quadris no compasso da música e se lembrar de tirar uma peça de roupa de tempos em tempos, deixando a calcinha para o final da música. Não perto demais do fim, para não fazer os ogros se sentirem ludibriados. Eles precisam ver bastante genitália para que o show seja considerado bom. Mas agora Liana não está drogada, muito pelo contrário. Seu alheamento deve-se à prolongada abstinência de Z, agravada pelo quadro geral de desnutrição e

pelas fortes emoções das últimas horas. E agora ela nem ao menos dispõe de diversas peças de vestuário que possa ir descartando para entreter a audiência. Tudo o que separa a sua nudez total dos ogros é uma única toalha.

No instante em que as cortinas se abrem, a balbúrdia cessa. Por um momento que parece se expandir na mente de Liana, todos os olhos do público voltam-se para ela, com surpresa e expectativa diante daquela insólita cena. E Liana olha de volta para a plateia.

Mesmo em meio à penumbra que envolve o salão do cinema, ela percebe que a casa está mais cheia que de costume. O público predominante é de ogros, mas há também uma múmia perdida aqui e outra ali. E até mesmo um grupinho de jovens playboys, todos sarados de academia e de jiu-jítsu e dispostos a encarar um pouco o lado selvagem da vida. Liana não gosta de vê-los, pois eles a fazem pensar no playboy que Samara matou.

Uma gárgula deslizando entre as fileiras das poltronas chama a sua atenção. As gárgulas oferecem os hábeis serviços de suas línguas a ogros ansiosos para descarregar as tensões. Ansiosos e também com muita disposição, pois a boca daquelas criaturas tem uma dupla fileira de dentes serrilhados. Se bem que disposição é algo que não falta aos ogros. Nesse ponto a natureza foi generosa com eles. Aos ogros nunca falta a semente, muito menos a disposição para semear. É por isso que nascem tantos e vivem quase todos na miséria.

Raras são as vezes que uma gárgula consegue convencer algum ogro a receber um *felatio*, mesmo pela desmoralizante tarifa de cinco contos. As gárgulas só continuam insistindo nisso porque são burras e não conseguem imaginar nada melhor para fazer, é o que pensa Liana. E elas também devem gostar do ar condicionado.

As gárgulas às vezes são burras o bastante para tentar roubar alguma coisa de um ogro, aproveitando a penumbra do salão. Aconteceu uma vez enquanto Liana estava se apresentando, logo em sua primeira semana. Foi uma briga feia, que ela espera não ter de assistir novamente.

O olhar de Liana é atraído para os fundos do cinema, onde uma fila de ogros já se forma diante da porta do banheiro masculino. Quando ouviu falar pela primeira vez dos vermes do pântano no banheiro masculino, Liana não acreditou. Pensou que fosse brincadeira, até porque quem contou a história foi Priscila. A descrença de Liana deixou Priscila indignada e a coisa logo descambou para uma discussão, como acontece com frequência entre as duas. Acabaram decidindo ir juntas ao banheiro masculino, para tirar a prova. O episódio causou forte impressão nos ogros que estavam lá nesse dia, e muito mais em Liana. Ela pôde comprovar por si mesma que a história dos vermes era verdadeira.

Eles são geralmente bem baixinhos, menores até que os saguis, mas isso se deve mais às condições em que vivem do que à sua constituição física propriamente. Expulsos pelo progresso

de seus habitats naturais – os pântanos, mangues e charcos – os vermes tiveram que migrar para as cidades e se adaptar para sobreviver. Os quatro ou cinco que vivem no banheiro masculino do Cinema Orxxx, por exemplo, descobriram um uso valioso para suas bocas em forma de ventosa, macias e sem dentes, que fazem muito sucesso entre os ogros. Em termos financeiros, para os ogros não poderia ser melhor. Os vermes do pântano não cobram dinheiro por seus serviços. O pagamento é recebido em forma de alimentação: esperma de ogro, bem gorduroso e rico em proteínas e sais minerais. Em termos tácteis, os vermes são sérios adversários para as gárgulas, por motivos óbvios. E, em termos visuais, a briga é realmente dura. Os vermes, com o objetivo de se tornarem mais atraentes, passaram a se travestir com adereços e apetrechos femininos. Um deles amarra um sutiã vermelho na parte superior do corpo roliço, outro prende na parte inferior uma saia de odaliska. Há ainda aquele que usa uma meia e cinta-liga e um que chega ao ponto de colocar no topo da cabeça uma grotesca peruca loira.

Foi por conta dessas roupas, aliás, que surgiu a questão dos vermes do pântano. Liana deu pela falta de algumas peças que gostava de usar em sua apresentação e de pronto acusou a colega. Priscila colocou a culpa nos vermes, dizendo que eles deviam ter conseguido entrar no camarim e surripiar as peças. Foi um dia amargo para Liana, que teve de admitir que Priscila estava duplamente certa.

E então a bolha de tempo expandido é rompida, com um estouro quase audível. Ali está a mulher de toalha no palco. Ao verem que ela não se mexe, alguns ogros voltam a assoviar, outros a grunhir. Se é para tentar algo, tem de ser agora!

Liana começa a rebolar no ritmo da música. Ou pelo menos tenta. Move os quadris, mas algo está diferente. Demora um pouco a perceber o que é. Seu metabolismo está muito desacelerado, reduzido a um mínimo. Seguindo a intuitiva sabedoria do corpo, que dita a economia de energia nesse momento, Liana requebra a cintura não no compasso da música, mas exatamente na *metade* do andamento.

Ainda assim, parece que está funcionando. Liana consegue ao menos reconquistar o silêncio da plateia, novamente disposta a ser entretida. O movimento lentificado de seus glúteos, hipnótico em sua monotonia, proporciona aos ogros um espetáculo de inesperada e exótica sensualidade.

Até aqui, tudo muito bem. Agora é só manter a atenção deles em sua dança até o final da música. A faixa remix utilizada como tema da Vênus Fênix tem alguns poucos segundos a mais que quinze minutos, que é o tempo determinado para a apresentação de Liana. Um minuto então já foi. Faltam catorze.

Liana caminha pelo palco, movendo os braços no mesmo ritmo dos quadris. Sinais de inquietação começam a surgir na plateia. Ela precisa fazer algo novo urgentemente.

– *Lembre que você sempre poderá cantar.*

É exatamente o que faz. Liana sente uma *presença* em sua mente. Ou então é um portal, de onde fluem as palavras que ela canta. A melodia é de um corrido de capoeira ensinado por Mandrá e que encaixa bem no movimento de seu corpo:

– *Se até aqui eu vim,*

*Não foi pra rirem de mim.*

*Vou mostrar que sei dançar*

*E meu corpo vai falar.*

*Hoje esse povo vai ver*

*Toda a minha dor e prazer.*

Mesmo sem conseguir ouvir a letra, o público percebe que ela está cantando. E de alguma forma consegue captar a entrega de Liana nesse ato, o seu arrebatamento. Ela para bem no ponto em que a bateria da música cessa por alguns compassos. Um momento de expectativa dramática, que Liana geralmente aproveita tirando alguma peça menos importante do vestuário, como uma luva ou um bracelete. Agora ela segue a deixa e tira uma peça de roupa, a única.

Um ruído interessante é produzido quando todos os ogros no salão do cinema prendem a respiração ao mesmo tempo. Agora é para *elas* que o tempo se expande, pela contemplação de algo verdadeiramente belo, inexplicavelmente belo: aquela jovem mulher parada no palco, sem maquiagem, enfeites ou adereços. Mas não se pode dizer que esteja completamente nua. Uma bela tatuagem de Fênix cobre parte de sua pele, começando na coxa direita e subindo até as costelas.

Liana nesse exato instante experimenta uma curiosa sensação de ambiguidade. Pois ela está totalmente presente ali naquele momento, nua diante dos ogros. Ao mesmo tempo, porém, sente um distanciamento tamanho, que é como se nada ali lhe dissesse respeito e ela apenas observasse a cena de muito longe.

Apesar da ânsia e da fraqueza, há uma nova energia fluindo dentro dela. A bateria volta a atacar, enchendo seu coração de ritmo e movimento. Ela se joga. Como se obedecesse a um benévolo *Deus Ex Chemia*, o cérebro de Liana reage ao acúmulo de provações a que foi submetido comandando a liberação de doses maciças das substâncias de que ela mais precisa agora: serotonina, adrenalina e dopamina. Liana sente imediatamente a diferença. Ela está experimentando a melhor viagem de sua vida, sem hóstia. E por isso mesmo a onda é mais pura e poderosa, livre do pernicioso composto Z.

Liana relaxa o controle, deixando que o corpo dite os seus próprios movimentos. Ela dança, completamente esquecida de si mesma. Ela salta, ela gira, ela se joga no chão. Ela fica de ponta-cabeça, ela rodopia. Ela é a resposta da carne à música: ela dança.

Agora sim, não há mais ambiguidade. Liana não está mais lá. Os grilhões do espaço-tempo foram momentaneamente removidos pelas potestades da dança. Não há mais fraqueza, não há mais ânsia. Ela está entregue a uma felicidade há muito esquecida, tão remota e distante que parece ter sido experimentada pela última vez em uma outra vida.

Então algo acontece. Por uma fração da eternidade, Liana rodopia no espaço, livre, leve, reluzente. E nesse átimo de tempo ela se transforma em algo totalmente novo, bem maior e bem mais vivo, surpreendendo a todos, como se de um instante para o outro tivesse se tornado o único ser vivo em um salão repleto de fantasmas.

### REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,32 x 10<sup>-57</sup>

#### FANTASMAS

Os fantasmas não existem.

◆◆0————◆<ERRO\*[[[[FALHANOREGISTRO]]\*]]  
 @^\$◆%ERRO\*[[[[MENSAGEMTRUNCADA]]\*]]

A música termina quase sem que Liana perceba, deixando-a paralisada em uma pose involuntariamente graciosa. O auditório do cinema é tomado pelo mais profundo silêncio. Coisa raríssima. Aliás, sem precedentes.

E então começa. O primeiro par de mãos rudes e calosas começa a se chocar ritmadamente, gerando o inconfundível som de aplausos. Muitos outros pares de mãos seguem o exemplo. Logo o cinema em peso está ovacionando, soltando urros e guinchos, gritando elogios e obscenidades para Liana. Tamanha reação nem mesmo a grande *Vulva Diabolis*, estrela maior da casa, conseguiu obter.

Liana não está acostumada com aquela efusividade toda. Ela sorri e acena para o público, procurando a sua toalha, que não está à vista em lugar nenhum do palco. Sem dúvida foi surripiada, como item de colecionador, por algum dos fãs que Liana ganhou hoje.

Oswaldo, o mico locutor, sai da coxia já bradando no microfone. O show deve continuar.

– Fêmeas, lindas fêmeas, muitas fêmeas, meus amigos! Fêmeas no cio, as mais quentes da cidade, nuas em pelo, só para vocês, aqui e agora, no Cinema Orxxx!!! Palmas para a poderosa Vênus Fênix, que ela merece!

Liana sai do palco debaixo de uma trovoada de aplausos.

– Amanhã essa gata estará de volta, no mesmo horário. Avisem os amigos e venham conferir de novo essa força da natureza em forma de mulher!

Priscila aguarda na coxia sua vez de entrar no palco, toda montada e produzida. Ela olha assombrada para Liana, como se não acreditasse no que acabou de testemunhar. E então corre para o palco, pois o locutor já está anunciando o seu nome:

– Com vocês, a belíssima, gostosíssima e incomparável *Ishtar Celebrity*!!!

É só pisar no corredor e Liana se sente só de novo. Ela não consegue mais se conectar com a poderosa força que fluía dentro dela. É uma sensação terrível de perda. Para piorar tudo, os espasmos estão voltando. Seu cérebro ainda está saturado de serô, dopa e nora, mas a dependência do composto Z não foi saciada, e é justamente essa abstinência que provoca a ânsia.

Ela atravessa o corredor nua como está. Seu cabelo nem teve tempo de secar direito. Ela sabe que não há ninguém no camarim agora, por isso se agacha para pegar a chave em seu esconderijo habitual debaixo do capacho que fica diante da porta. Entra e fecha a porta, mas não se dá ao trabalho de trancar. Até que gostaria de tomar outro banho e se maquiar um pouco para encarar a noite. Mas a ânsia não admite mais ser negligenciada. Não pode existir outra prioridade agora.

Liana veste rapidamente suas próprias roupas, que havia largado de qualquer jeito sobre a bancada e que Priscila jogou no chão, provavelmente quando se sentou diante do espelho para se maquiar. Sai do camarim. Fecha e tranca a porta. Guarda a chave sob o capacho. Avança com pés ligeiros até o saguão de entrada.

Alguns ogros transitam por lá. Ao verem Liana, reagem com muitos assovios e mais aplausos. Fazem tanto barulho que outros ogros abandonam a sala de exibição para ver o que está acontecendo.

Dessa vez Liana nem se preocupa em bater à porta, pois sabe que com a algazarra feita pelos ogros as batidas não seriam ouvidas. Ela a abre apenas o suficiente para conseguir se enfiar dentro do escritório da múmia e imediatamente a fecha de novo.

– Olá, seu Natanael.

O gerente está debruçado sobre uma pilha de documentos, de caneta em punho. Ele termina de ler a folha que está em sua mão, escreve qualquer coisa nela e a deposita em uma segunda pilha, menor, ao lado da primeira. Só então seus olhos embalsamados voltam-se para Liana.

– Você dançou bem.

– Obrigada.

– Apesar do atraso.

– Desculpe por isso.

– Tive que interromper minhas obrigações aqui para cuidar do problema que você causou. Acabei atrasando o meu serviço também.

– Sinto muito, seu Natanael. Não vai acontecer novamente.

– Mas os ogros gostaram muito de sua nova performance. Nunca vi aplaudirem tanto.

– Muito obrigada.

– Se continuar dançando assim e não se atrasar novamente, posso até pensar em fazer um teste com você na segunda sessão. Um dia desses.

Liana já não tem paciência:

– Seu Natanael, se o senhor não se importa, eu gostaria de receber logo o meu pagamento. Preciso comprar aquele remédio, lembra?

A múmia olha para Liana por um longo instante, em apreciação. Então, sem dizer palavra, abre uma gaveta em sua escrivaninha, de onde retira quatro notas de vinte para pagar Liana. Ao sentir as cédulas em sua mão, ela relaxa a guarda, acossada pela ânsia. Ela pensa em quantas hóstias poderá comprar com aquele dinheirinho suado.

Uma ruidosa e impertinente sequência de peidos se faz ouvir no escritório da múmia, pairando acima do barulho que os ogros ainda fazem lá fora. Liana não tem onde enfiar a cara. Ela repete, miseravelmente:

– Desculpe.

Sem ousar encarar os olhos da múmia, que certamente exigem alguma explicação, ela acrescenta:

– É a minha enxaqueca, sabe?

## Capítulo III

# CHUPA ESSA, PIRANHA!



- \* Onde acompanhamos Liana durante uma refeição ligeira.*
- \* Das aulas de dança.*
- \* Como reconhecer um videopossuído?*
- \* E Liana encontra quatro jovens talentosos a serviço do Mal.*

***“Nós somos nossos próprios demônios e fazemos desse mundo o nosso inferno.”***

**Oscar Wilde**

Liana sai do cinema a toda. O ponto de Z mais próximo fica a uns cinco quarteirões dali. Longe demais para quem está na ânsia braba.

O fluxo de pedestres é intenso a essa hora. Ela segue pela beirada do meio-fio, onde pode andar mais rápido. Motos e carros passam tirando fino. Alguns motoristas buzina, outros assoviam. Ela pega o pacote de biscoitos. Dá pequenas mordidas e mastiga com deliberada lentidão o primeiro biscoito, sem jamais diminuir o ritmo dos pés. Do mesmo modo come o segundo e o terceiro, até terminar o pacote. Na verdade não estava com a menor fome. Mas se obrigou a comer, para forrar o estômago. Se a hóstia cai em uma barriga vazia, vai pular de volta para fora em dois tempos. Cada vez é mais difícil segurar a droga no organismo.

O ponto de hóstias é uma banca de jornal na esquina de uma rua secundária, colada ao muro dos fundos de um supermercado. Quem toma conta do lugar é um circense que assumiu a forma de uma ratazana gorda e nariguda. Ele mastiga distraidamente a ponta de um jornal velho enquanto ouve no rádio a narração de uma partida de futebol. Ao notar Liana se aproximando, volta o narigão na direção dela.

- E aí, o que vai ser? – o rato diz com sua voz esganiçada ao reconhecer a moça.
- Oito magrinhas – diz ela, estendendo as quatro notas de vinte.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

#### **Item nº 2,29 x 10<sup>-57</sup>**

*Magrinha, balinha, pérola, pílula, pedrinha, vitamina* são alguns dos termos usados para se referir às hóstias na gíria das ruas.

Ele não faz menção de pegar o dinheiro.

- E o que mais?

O problema dos ratos é que eles são amigos do alheio. Sempre querem dar uma beliscada no que é dos outros. Dom Ratão mesmo só vende a hóstia se o cliente levar também alguma outra coisa, no mínimo um jornal. Para não dar na vista, é o que a ratazana costuma alegar, apontando para a câmera instalada na banca. Liana diz a contragosto:

- Um Correria – Como ela está cansada de saber, o *Jornal Correria* é o item mais barato da banca.
- Você tem mais noventa e nove centavos aí?

– Não.

– Então o dinheiro só dá para sete magrinhas.

– Que seja. Não é assim que você quer?

Dom Ratão entrega a droga dentro de um exemplar do jornal dobrado, junto com o troco. A ânsia grita tão forte que Liana praticamente arranca o jornal das patas dele.

– Ei! – brada o rato, indignado.

Liana se afasta, enfiando uma das cápsulas na boca. Depois guarda as seis restantes no bolso. Pensa em jogar o jornal fora, mas muda de ideia. Decide ler, uma vez que teve de pagar por ele. Pode ajudar a passar o tempo, distrair a mente.

Normalmente ela vai do Cinema Orxxx direto para o calçadão da orla, onde faz programas até conseguir dinheiro suficiente para se drogar pelo resto da noite. Hoje, no entanto, ela prefere adiar esse momento o máximo que puder. Por isso decide dar um tempo na pracinha. Acha o lugar muito atraente, agora que a onda está batendo.

Quase ninguém frequenta a praça, pois é tão diminuta que os moradores do bairro a consideram muito mixuruca para seus passeios, relegando-a ao papel para o qual foi planejada, de mero item decorativo da paisagem. Liana se senta no banco mais próximo, debaixo de uma amendoeira e defronte a um altivo arbusto de azaleias. Em sua opinião, a praça fica muito bonita à noite. Não há mais que meia dúzia de árvores, mas cada uma delas é banhada por holofotes de luz verde estrategicamente posicionados, que iluminam também os poucos e bem cuidados canteiros de flores. O resultado da luz artificial sobre o verde da natureza é muito agradável. Ela apoia a cabeça no encosto do banco, sentindo os músculos das costas começarem a relaxar. Coloca outra hóstia na boca.

A pracinha é um lugar inusitadamente *bom*, em meio à indiferente selva de concreto. Ela sabe que está ferindo a bondade essencial do lugar ao consumir hóstias ali, mas espera que as árvores de alguma forma entendam a sua necessidade, e que por isso não se zanguem com ela.

As hóstias fazem efeito, mas a sua mente continua intranquila. Hoje está longe de ser um dia como outro qualquer. Aconteceu muita coisa que Liana precisa assimilar. Ela deve decidir o que irá fazer ao final daquela noite. Se não voltar para o cafofo, para onde irá? Só que não quer pensar nisso agora, de jeito nenhum.

Ela abre o jornal que está em seu colo. A maioria das notícias não lhe diz respeito nem parece fazer muito sentido. Não haveria diferença se ela estivesse folheando um periódico de algum país estrangeiro, ou mesmo de outro planeta. Por fim uma fotografia atrai a sua atenção na página policial. A foto mostra um cadáver quase totalmente transformado em carvão pela

violenta ação do fogo. A única parte que não está preta são os dentes da caveira, que sorri sardonicamente para a câmera. Uma sucinta legenda acompanha a imagem:

### ENDEMONIADOS DESPACHAM MAIS UM PARA O CÉU

*Outro morador de rua foi assassinado na madrugada de hoje. É o terceiro do mês.*

O tema dos endemoniados, hoje relegado à meiúca do jornal, já mereceu bem mais atenção por parte da imprensa. É que o assunto não é mais novidade faz tempo, assim como os zumbis. Nada mais tedioso que a banalidade do mal. Por pior que seja a notícia, se ela for repetida por tempo suficiente todo mundo acaba se acostumando. A maior parte das pessoas só se importa com aquilo que as afeta diretamente, como o preço do pão e o resultado do futebol.

### REGISTROS AKÁSHICOS

**Item nº 3,1 x 10<sup>-35</sup>**

#### ENDEMONIADOS

A epidemia dos *endemoniados* começou com um vídeo na Internet: *Demônio – o vídeo maldito*. Aparentemente uma produção tosca, semiprofissional na melhor das hipóteses. Milhares de pessoas assistiram ao vídeo antes que o problema fosse detectado. Muitos chegaram a enviar o link por e-mail para seus contatos e também postaram nas redes sociais. Desde o início da coisa, não havia como saber ao certo o número total de infectados.

A página seguinte é inteiramente ocupada por um anúncio que, aos olhos de Liana, parece um contraponto irônico e de mau gosto:

*Continue vivendo.*

VIDA AKASHA

*Consulte nossos operadores.*

Ela põe o jornal de lado com desgosto. Pesca uma hóstia no bolso. Sabe que ainda é cedo para outra dose, mas não consegue resistir.

Um homem de meia-idade se aproxima trazendo um beagle pela coleira. Ou melhor dizendo, o cão é que vem puxando o homem. Depois de muito fuçar em alegre zigue-zague pela alameda da pracinha, o cachorro finalmente encontra um local digno de receber o seu cocô. O

dono retira do bolso um saco plástico para recolher as bolotas durinhas, fezes de cachorro criado só com ração de primeira.

A cena provoca total hilaridade em Liana. O riso começa contido, mas não para, e continua crescendo até ficar incontrolável, histérico, nervoso. O cachorro e o dono olham para Liana com reprovação e se afastam.

Ninguém sente nada de extraordinário ao assistir ao filme. Alguns ficam mais chocados com as cenas. Outros nem chegam a perceber que as cenas são reais. Quando o vídeo termina, a pessoa não consegue explicar como perdeu tanto tempo assistindo àquilo. Depois de uma boa noite de sono, todavia, dificilmente se volta a pensar no assunto. Alguns dias se passam sem que nada de anormal aconteça. E então num belo dia o sujeito começa a sentir uns desejos irresistíveis. Ou então, como querem os psicólogos que estudam o fenômeno, a pessoa começa a achar irresistíveis todos os seus desejos, até mesmo aqueles mais escabrosos, que antes eram mantidos presos no porão do inconsciente e guardados a sete chaves.

Liana afinal para de rir. Agora que a crise histérica passou, ela nem consegue lembrar o motivo de tanta graça.

Levou algum tempo até que alguém relacionasse *o vídeo maldito* ao bizarro surto de criminalidade que começou a ocorrer no mundo inteiro. Desde então o fenômeno dos *videopossuídos* vem sendo minuciosamente analisado por uma equipe multidisciplinar de cientistas, reunidos com o propósito urgente de encontrar uma proteção para essa nova e abominável forma de terrorismo.

Ela brinca com uma cápsula de Z em sua mão, fazendo-a rolar de um dedo para o outro. Já decidiu: será a última antes de ir para o calçadão.

Mesmo com o vídeo supostamente banido da Internet, a quantidade de infectados cresce a cada dia. O resultado é uma rápida escalada de violência, com o número de vítimas de ataques de endemoniados aumentando em progressão geométrica. A situação só não fica pior porque mais de sessenta por cento dos videopossuídos acabam sendo mortos logo nos primeiros dias após a manifestação da doença, em consequência direta de seu próprio comportamento extravagante.

Esperar não é saber. Liana resistiu o quanto deu. Ela enfia a hóstia na boca.

O alto índice de mortalidade entre os videopossuídos proporcionou aos estudiosos um vasto material de pesquisa. E após inúmeras autópsias e um exaustivo cruzamento de dados, a primeira descoberta veio à luz. Trata-se de uma alteração fisiológica notável: um espessamento nas paredes laterais do hipotálamo, no sistema límbico. A região do cérebro responsável pelo controle de emoções como o medo e a raiva. Essa curiosa inflamação do hipotálamo, de alguma forma relacionada às drásticas mudanças de personalidade e comportamento dos infectados, não tardou a ser dramaticamente batizada pela imprensa como *a marca da Besta*.

É preciso voltar à dura realidade. Se por em marcha antes que a zonzurinha passe. Mexer as pernas até a calçada. Vestir o seu sorriso de puta. E descolar quem banque as próximas doses. Liana pensa nisso tudo. Mas não sai do lugar.

Nem todos os videopossuídos acabam sendo mortos. Trinta por cento dos infectados vão logo parar na cadeia, geralmente após uma prisão em flagrante. Apesar de representarem um problema para o já sobrecarregado sistema penitenciário, esses encarcerados são valiosos para as pesquisas sobre a doença, sendo submetidos a exames e longos interrogatórios.

Ela finalmente cria coragem para se levantar do banco. Ao atravessar a rua, distraída, escapa por pouco de ser atropelada. O motorista passa buzinando e xingando.

Os esforços da equipe interdisciplinar que estuda os videopossuídos já abrangem, portanto, mais de noventa por cento dos casos. No entanto, a preocupação maior está justamente nesses menos de dez por cento, os que continuam livres e agindo sem serem notados. Alguns pesquisadores temem que esse seleto grupo de sobreviventes apresente uma característica que faltava nos outros que foram mortos ou presos após a infecção: o espírito de equipe. *Espírito de Legião* talvez seja uma expressão mais apropriada. Pois esses menos de dez por cento, os indetectados, começaram a se organizar em pequenos grupos, provavelmente formados por amigos e conhecidos que assistiram ao vídeo. Foi quando o termo *milícia* começou a ser usado nesse sentido específico, na falta de uma palavra melhor para definir o novo fenômeno. A maioria dessas milícias atua informalmente, mas algumas já estão organizadas a ponto de possuir estatuto social, registro como ONG e isenção fiscal das contribuições.

Ao invés de ir direto para o calçadão, Liana decide dar antes uma passada no *Salsichas e Linguças*, mais conhecido por seus clientes como *Podrão do Farofa*. A barraca de cachorro-quente frequentada pelas meninas do calçadão fica a uns duzentos metros da praia, ao lado de um ponto de ônibus. Liana vai chupando mais uma hóstia pelo caminho. Ainda restam duas.

O Podrão está quase deserto. Farofa sua profusamente diante do balcão, de braços cruzados, com sua cara de porco e de poucos amigos. Ele sofre de uma espécie atenuada do Mal de Circe, mas conseguiu provar que tem sangue suíno suficiente para ser beneficiado pela lei dos direitos circenses, que prioriza os portadores da doença na liberação da licença de autônomo que ele precisa para operar a barraca. Seu cachorro-quente é tido como o melhor das redondezas.

Um avanço notável nas pesquisas sobre o vídeo foi feito a partir dos primeiros relatos de supostos casos de imunidade, de pessoas que viram o filme e não foram afetadas. Logo foi verificado, no entanto, que em praticamente todos os casos as pessoas assistiram ao vídeo apenas *parcialmente*, deixando de vê-lo por algum motivo após uns poucos minutos, ou mesmo assistindo saltado, pulando partes. Isso levou a uma importante descoberta: é necessário assistir ao vídeo na íntegra para ocorrer a inflamação do hipotálamo que provoca o comportamento aberrante. Em outras palavras, se o vídeo fosse dividido em partes menores, os pesquisadores poderiam ter acesso livre ao seu conteúdo, sem perigo de infecção. Graças a essa descoberta é que o filme em si pôde finalmente ser investigado.

Farofa disponibiliza algumas cadeiras metálicas, dessas dobráveis, que ficam alinhadas ao lado da barraca. São fortes o suficiente para suportar o peso de Suzy Fofurinha, jogada na cadeira com o olhar perdido no nada. É um travesti com mais de dois metros de altura. O copo de plástico esquecido em sua mão imensa parece minúsculo. Pela cor da bebida, é suco de pêsego com vodka, seu drink favorito. E pela cara que Suzy está fazendo, o melhor é nem chegar muito perto.

Liana cumprimenta o dono da barraca com um aceno de cabeça. E então repara em outra pessoa presente, que se levanta da cadeira quando ela chega.

– E aí, Priscila. Como é que está a barra?

– Liana! Como você demorou! Quero muito trocar uma ideia com você.

*Demônio – o vídeo maldito* é um filme de pouco mais de meia hora de duração. Os três minutos iniciais mostram uma espécie de apresentação ao vídeo propriamente dito. Essa introdução é conduzida por Raul Vidal, veterano e já quase esquecido galã de antigas

telenovelas. Raul está sentado em uma poltrona gasta e manchada, ao lado de uma grande tela de tevê. Como pano de fundo, uma cortina suja e de cor indefinida, que provavelmente saiu do mesmo brechó que a poltrona. A tela exhibe os dizeres *Mistérios Ocultos de Raul Vidal*, supostamente o nome do programa. No entanto, tal programa jamais foi ao ar por nenhuma emissora conhecida e nem teve qualquer outro episódio veiculado na Internet. Aquele estava destinado a ser o primeiro e o último. A trilha sonora de background é uma música enlatada de suspense, com um teclado ordinário fazendo as vezes das cordas e contribuindo para o clima geral de cafonice. E então Raul começa a falar. Ele está visivelmente embriagado, desnorteado e apavorado. Avisa que quem assistir ao vídeo a seguir sofrerá uma transformação maléfica e irreversível até se tornar, em suas próprias palavras, “uma criatura sem alma, robotizada pelo diabo, um ser cujo único propósito na vida é servir ao mal”. Nesse ponto o velho canastrão faz um comovido e patético apelo para que o telespectador pare de assistir ao programa:

– Cuidado, muito cuidado! Você está a um passo de destruir a sua vida e a de todos que amam você. Não faça isso. Tem mesmo certeza de que deseja ser um escravo do diabo? Pense bem. Esta é a sua última chance.

O sorriso de Priscila parece verdadeiro.

– Eu vi o seu show hoje. Assisti da metade para o final, lá da coxia. Foi maravilhoso, Liana! Simplesmente maravilhoso.

Os olhos de Priscila brilham de urgência e apelo. Seu sorriso torna-se quase beatífico:

– Você nunca dançou assim antes. Nunca vi ninguém dançar assim antes. Eu quero que você me ensine. Quero que seja minha professora. Preciso aprender a dançar assim.

Priscila toma as mãos de Liana entre as suas.

– Posso pagar pelas aulas. Eu trabalho para você em troca, que tal? Faço um programa no seu lugar para cada aula que você me der. Passo o dinheiro todinho para você.

Liana está tão surpresa que se deixa conduzir pela mão. As duas se afastam da barraca do Farofa e caminham em direção à praia.

Após três minutos de pantomima, Vidal para de falar abruptamente. A câmera vai dando close na grande tela de tevê, onde *o vídeo maldito* começa a ser exibido. O filme abre com a cena de uma criança arrancando as asas de uma borboleta. E então vem uma briga de escola entre dois garotos, com o menino maior e mais velho espancando selvagememente o outro. E então uma mulher nua, acorrentada a uma parede, sendo chicoteada por uma figura vestida de negro. E um macaco sendo vivisseccionado, preso à mesa de cirurgia, com os músculos, ossos e tendões expostos, os pequeninos olhos da criatura fitando a

câmera em agonia e perplexidade. E uma adolescente sendo estuprada por outro homem vestido de negro. E um homem com uma bota negra na cara e um fuzil encostado na testa, em uma cena longa o suficiente para que ele seja reconhecido como Raul Vidal. E então a câmera abre para um plano geral, mostrando um dos caras de preto apontando o fuzil para Raul, que está caído no chão, imobilizado pela bota da segunda figura de negro, que na mão enluvada segura uma imensa faca de caça. E então um close mostra a decapitação de Raul Vidal.

Liana estaca abruptamente:

– Que conversa é essa, Priscila? Está querendo me levar para onde? Nunca fomos amigas. Até o dia de hoje, você mal falava comigo. E agora vem com essa história de aula de dança. Que caô brabo é esse aí?

– Não é caô, não – Priscila não se mostra ofendida. Ela ainda está enlevada. – Sei que tivemos nossas diferenças, mas peço que esqueça isso. A sua dança hoje mudou tudo. Quando vi você no palco, senti uma coisa forte, que há muito tempo eu não sentia, que nem lembrava mais que existia. Uma coisa forte e boa. Estou falando sério, Liana. Quero aprender a dançar que nem você.

Liana fica mais uma vez sem palavras, comovida pela emoção de sua nova amiga. Priscila é rápida em captar a mudança favorável no clima e logo toma a outra pela mão novamente.

– Não precisa ficar bolada. Só estou querendo chegar logo no calçadão. Tive que pagar uma dívida hoje, fiquei sem nenhum. Como eu queria esperar você no Farofa, acabei não faturando nada ainda. E agora já começaram os calafrios, a fome está batendo. Você por acaso tem uma hóstia sobrando aí? Pago assim que descolar um programa.

Liana hesita um pouco. Mas só um pouco.

– Tenho sim. Tome aqui.

– Poxa, Liana. Valeu mesmo.

Priscila enfia a hóstia na boca. Sua fissura é tão evidente que Liana a acompanha. E lá se vai sua derradeira magrinha.

Depois que a onda bate, Priscila segura mais uma vez a mão da amiga e diz:

– Nunca imaginei que você fosse tão legal, sabia?

Liana fica sem jeito.

– Que é isso. Bobeira.

– Bom, é melhor a gente tramar, né? Venha, vamos conversando no caminho.

– Vamos – mas logo em seguida ela para novamente. – Olha, Priscila. Eu fico muito lisonjeada, nem sei o que dizer. Mas falando com toda a sinceridade, não tenho nada para ensinar a você.

Priscila fecha a cara. Seu humor é irascível, ferve fácil:

– Você está desconfiando de mim. Está achando que vou dar calote. Que não vou querer pagar as aulas. Que não vou pagar a magrela que você me deu.

Liana suspira, resignada. A experiência ensina que em certos casos não vale a pena resistir.

– Tudo bem – ela diz novamente. – O que você quer que eu ensine primeiro?

A cena da degola de Raul Vidal certamente foi a que gerou mais comentários e polêmicas, uma das grandes responsáveis pela propagação viral do vídeo. Depois dela o filme segue com outras cenas aleatórias de violência. Um exercício monótono de brutalidade, que não deixa de exercer seu inevitável fascínio. Após a repugnante cena da profanação de um cadáver, *Demônio – o vídeo maldito* termina de súbito, na marca exata de 33:33. Não há créditos nem legendas de qualquer espécie.

Priscila não cabe em si de contentamento.

– Nossa, tem tanta coisa! Você fez cada movimento lindo... Teve uma hora em que saiu girando pelo palco, lembra? Parecia até que estava flutuando!

Priscila tenta executar o passo que está descrevendo, mas sem muito êxito. Acaba tropeçando e quase cai de cara no chão. Mas Liana está lá para segurá-la.

– Você já está quase pegando esse movimento. Só está faltando dosar melhor o impulso com a ponta do pé e alinhar os quadris. Jogue a cabeça primeiro, depois o corpo segue, entendeu? Experimente fazer assim.

Ela executa o passo repetidas vezes, lentamente, até Priscila conseguir fazer sozinha o movimento inteiro. As duas aplaudem, sorriem e se abraçam.

Assim que *Demônio* começou a circular na Internet, o ator Raul Vidal foi procurado por muitos jornalistas. Mas ninguém sabia dar notícia de seu paradeiro. Raul, que morava só em uma pequena mansão, estava desaparecido há semanas. Por fim a polícia foi acionada. Poucos dias depois um cadáver decapitado, descoberto em um lixão, foi identificado como sendo os restos mortais do ator, graças a uma tatuagem e a outros sinais particulares. O funeral teve de ser feito sem a cabeça, que nunca foi encontrada.

Liana e Priscila atravessam de mãos dadas a ponte que as separa do calçadão. Por debaixo dela passa o rio, em seu desaguar triste e poluído, que despeja no mar o que a essa altura já é na maior parte apenas o esgoto da cidade.

– Viu como é fácil?

– Você é uma ótima professora, Liana.

– Meus amigos me chamam de Lica – Liana responde, ternamente comovida.

– Valeu demais, Lica! Já fico lhe devendo a primeira aula, viu? E uma balinha.

Liana fica desconfortável na mesma hora.

– Ora, deixe dessa conversa, viu? Eu não lhe dei aula nenhuma e nem você me deve nada.

– Continua sem acreditar em mim, não é? Estou falando sério, Lica. Você vai ver.

Nesse momento as duas são iluminadas pelo farol alto de um carro que para no acostamento do calçadão, alguns metros adiante.

A mera exposição a cenas explícitas de violência não transforma ninguém em um endemoniado. Se assim fosse, qualquer um com um aparelho de tevê em casa estaria videopossuído. É por isso que boa parte dos que estudam o vídeo maldito concentraram seus esforços na *trilha sonora* do filme. Algumas das cenas possuem áudio próprio, outras não. Mas por debaixo de todas as cenas, como uma cama sonora, persiste o mesmo ruído constante. É uma espécie de zumbido, parecido com um chiado. Um barulho quase indistinto, rompido ocasionalmente pelo áudio de uma cena ou outra – gritos de dor ou de pavor na maioria das vezes. É sutil, quase no limite do inaudível. É mais a promessa de que algo vai soar que um som definido. É como um microfone aberto captando o silêncio no estúdio, em expectativa.

A luz bate bem na cara de Liana, ofuscando-a por um momento. Ela divisa os contornos de um carro grande, desses com quatro portas e tração nas quatro rodas. Um carro novo e caro, carro de barão.

Priscila volta o rosto na direção da luz, protege os olhos com a mão, dá tchauzinho.

– Lica, deixa que eu cuido desse. Só vou precisar tirar a grana da hóstia, para não ficar no saci, mas já vou começar a pagar sua aula.

– Priscila, esqueça isso, está me ouvindo?

Mas a outra já caminha para o carro, novamente dando tchau com a ponta dos dedos, dessa vez para Liana. E no mesmo movimento já está acenando mais uma vez para o motorista do carro, tornado invisível pelo vidro escurecido e pela noite. A janela do carona começa a descer, como um convite.

Liana sente uma coisa ruim. Um arrepio de medo percorre seu corpo. Ela grita:

– Priscila, não!

Tarde demais. No momento em que Priscila se debruça sobre o carro, o bico de um pequeno borrifador se projeta para fora da janela entreaberta, empunhado por uma mão enluvada. O borrifador esguicha um jato forte, que acerta em cheio o rosto de Priscila. Ela cai com as mãos no rosto, as pernas se debatendo em frenética agonia.

Não demorou para que a trilha de áudio de *Demônio* fosse estudada em detalhe. Algo descoberto logo de cara foi que o tal zumbido está presente desde o começo do vídeo, na parte da apresentação de Raul Vidal. É por isso que a música de fundo parece tão estranha: por detrás do som fajuto de cordas, está aquele chiado maligno. Alguém aventou a hipótese de o ruído ser apenas uma sujeira, um defeito do áudio. Mas essa explicação não satisfaz ninguém.

– Filhos da puta!

Os ocupantes do carro voltam sua atenção para Liana no momento exato em que ela se conscientiza da necessidade imediata de fuga. Ela faz meia-volta e sai correndo na direção da ponte. O motorista do carro dá partida no motor e vai atrás dela.

Enquanto corre, Liana raciocina furiosamente, analisando suas alternativas. Nesse trecho inicial, o calçadão fica a uma altura de três metros acima do nível do mar. Ela poderia tentar pular para a praia se aquele terreno próximo ao rio não fosse coberto de pedras e cactos. A areia só começa alguns metros adiante. Tentar atravessar a avenida é muito arriscado. Para fazer isso Liana teria de diminuir ainda mais a distância entre ela e seus perseguidores, que já encurta rapidamente. Se eles pegam Liana na ponte, ela não terá para onde fugir.

Muitos carros passam nos dois sentidos da avenida, todos indiferentes ao seu drama. Ela diminui um pouco o ritmo, deliberadamente, para evitar chegar à ponte primeiro. Sua mente traça um plano desesperado. No instante em que o carro estiver para alcançá-la, Liana vai dar meia-volta e sair correndo na direção contrária, para aí sim atravessar para o outro lado e sumir pelas esquinas. Seu plano poderia ter dado certo, não fosse por um detalhe que ela não tinha como prever.

Um homem de capuz está com metade do tronco para fora da janela do carona. Ele segura um taco de beisebol com as duas mãos. O taco atinge Liana com força, bem no instante em que ela está se virando. Liana sente uma costela se quebrar com a pancada. Ela desaba no chão.

O motorista do carro se distrai por um segundo e não percebe a entrada da ponte a tempo. O veículo choca-se contra a defesa.

A trilha sonora de *Demônio* foi submetida a uma minuciosa análise em diversos programas de computador. Isso não levou os pesquisadores a nenhuma conclusão, mas trouxe novas e intrigantes descobertas. Aparentemente, o som de chiado ou zumbido foi obtido graças a uma mistura das mesmas notas básicas soando em diferentes frequências e timbres complexos. Mas são sempre as mesmas notas soando naquela cacofonia de timbres, vibrando em todas as oitavas percebidas pelo ouvido humano e, inclusive, além. Pois também em frequências muito baixas e muito altas vibram essas notas do chiado, inaudíveis para a humanidade, mas não para as máquinas. Sempre as mesmas duas notas naturais, fá e si, pela escala inteira. O simbolismo desse intervalo *fá-si* não passou despercebido aos pesquisadores. Fá e Si formam um trítono, intervalo de três tons que divide a escala exatamente no meio. A sonoridade resultante foi considerada tão perniciosa a ponto de ter sido banida da música ocidental durante séculos. Pois na Idade Média esse tipo de intervalo era chamado de *diabolus in musica*, “o diabo na música”, e sua execução era proibida pela Igreja.

Não chega a ser um acidente grave. O carro bate com o lado direito do para-choque e arranha a lateral na defesa antes de parar. No momento do choque, o sujeito de capuz tem o bom senso de se jogar para fora do carro, para não ser arremessado no rio. Ele cai rolando no calçadão, mas logo se levanta e vai recuperar o taco de beisebol caído logo adiante.

O motorista salta do carro. É um rapaz alto, mal saído da adolescência, vestindo um colete que o faz parecer ainda mais magro.

– Merda sangrenta! Arranhou a porra do carro todo! Meu pai vai me matar.

O outro avança para ele, brandindo o taco:

– Cale a boca, seu maluco irresponsável. Você é que quase me matou, está ouvindo? Quando você disse que sabia dirigir, eu acreditei. Seu barbeiro ridículo. Está me devendo uma, entendeu?

Capuz é um jovem baixo e atarracado, a antítese perfeita de Colete. Por debaixo do moletom, seu rosto está coberto por uma pesada maquiagem, que evoca a pintura borrada de um palhaço sinistro, em preto e branco. Em cima da testa está desenhada uma cruz invertida.

A porta de trás, do lado do motorista, se abre. Sai uma mulher bem jovem e magra, quase tão alta quanto Colete. Ela está de minissaia e botas de salto e carrega uma bolsa a tiracolo. Seu cabelo é cortado curto, estilo Chanel.

– Vocês estão parecendo duas menininhas, batendo boca desse jeito.

Como a porta de trás do lado do carona está imprensada contra a defesa, o último ocupante do carro salta também pelo lado do motorista. É um rapaz vestindo um bermudão folgado e uma camiseta, que deixa à mostra os braços cobertos de tatuagens. Ele ostenta olheiras profundas e se move com lentidão, como se estivesse muito chapado.

– A puta está tentando escapar.

Liana está de joelhos na calçada, com uma mão apoiada no chão e a outra segurando a região atingida. Ela sente o osso partido ferindo sua carne enquanto faz força para se levantar. Colete corre até ela e desfere um chute em sua barriga. Liana chega a levantar do chão antes de cair de costas.

O agressor começa a falar, pontuando cada frase com um novo chute em sua vítima:

– Sua vadia. A culpa é sua. Ordinária. Como vai me pagar o conserto do carro? Nem que você dê essa buceta imunda pelo resto da vida. Vai ter de pagar de outro jeito. Se não pode ser pelo amor, tem que ser pela dor.

Colete para de chutar Liana e estende a mão para Capuz, em um gesto dramático:

– Me passe o ácido.

A máscara do outro se contrai em um grotesco sorriso. Ele dá de ombros.

– Acabou. Usei tudo o que tínhamos na outra.

– Merda sangrenta!

Sem conseguir imaginar nada de diferente para expressar seus sentimentos, Colete volta a chutar Liana.

Os outros três vão até onde está caída Priscila. Ela ainda se estremece debilmente. Metade de seu rosto deixou de existir. Em alguns locais o ácido devorou a carne até a caveira. Os três contemplam a sua agonia em silêncio, tiram fotos e filmam com o celular. Então retornam para onde Liana continua sendo chutada e pisada.

Chanel para um pouco antes e acende um cigarro, disposta a apreciar de longe o final do espetáculo. Tatuado avança a passos sôfregos, claramente disposto a ajudar Colete na tarefa de chutar Liana. Mas Capuz o detém pelo braço:

– Deixe que cuida disso.

O sorriso obsceno torna a surgir na cara pintada enquanto ele agita o bastão no ar. Capuz então diz para Colete:

– Você precisa descansar agora, meu velho. Guarde um pouco dela para mim, está bem?

Colete parece mesmo desganhado e abatido. Bater também cansa. Ele abaixa a cabeça e se põe de lado, sem olhar outra vez para Liana. Ela está coberta de hematomas e seu corpo

sangra por diversas feridas abertas pelos chutes de coturno. Sente que pode perder a consciência a qualquer momento.

– Ora, mas o que temos aqui? – Capuz sorri, seus olhos fixos nos de Liana. – Até que você é bonitinha, meu bem. Tudo bem que está um pouco amassada, que nem o carro de nosso amigo ali. Mas aposto que ainda aguenta um tranco. Ainda podemos nos divertir bastante juntos.

E então, sem nenhum aviso, ele brande o taco de beisebol no ar e o faz descer com tudo na direção da cabeça de Liana. Ela fecha os olhos e seu corpo se contrai na tentativa de se esquivar do golpe inevitável, enviando inúmeros sinais de dor, do cérebro para cada ponto ferido.

Ela ouve um riso agudo e debochado. Abre os olhos e vê a ponta rombuda do bastão pairando a poucos centímetros de sua cabeça. Capuz solta outra risada antes de dizer:

– Acho que não, meu bem. Isso seria apenas mais do mesmo, não é verdade? Nós já tivemos esse tipo de emoção hoje. Está na hora de tentar algo diferente.

Ele se volta para Colete e Tatuado:

– Me ajudem aqui. Segurem ela.

E para Chanel:

– Acho que você vai querer filmar isso.

Finalmente ele volta a concentrar sua atenção em Liana:

– Chega de espancamentos sem sentido. Nada disso, meu bem. Isso seria o maior crime, o único pecado verdadeiro: desperdiçar talento. Você bem que tem jeito de ser a maior garganta profunda da cidade. Pois vamos tirar isso à prova.

Capuz segura o taco de beisebol diante dos genitais, fazendo-o balançar como o grande falo que ele imagina ter agora.

– Mais dia menos dia o asteroide chega aí e acaba com tudo. De um jeito ou de outro você já está condenada. Ao menos pense que estará saindo em grande estilo, em um vídeo solo que vai nos render muito dinheiro.

Para os dois que seguram Liana, ele diz:

– Levantem a cabeça dela. Façam ela abrir bem a boca.

Ele avança na direção de Liana, de taco em riste. Colete grita, muito excitado:

– Chupa essa, piranha!

## Capítulo IV OLHA ELA ALI!



- \* Onde assistimos a uma operação policial padrão.*
- \* Dos poderes secretos da prata.*
- \* É possível adivinhar quem é o defunto só pelo volume do corpo?*
- \* E Liana conhece o rei do rio.*

*“O homem é o lobo do homem.”*

**Plauto**

– Sujoul!

Quem dá o aviso é Tatuado. Ele solta Liana e estende o dedo para apontar, e é assim que os outros também percebem a viatura da polícia que está parando a uns vinte metros da entrada da ponte, perto de onde Priscila agoniza caída.

A viatura parece maior ainda com as luzes coloridas girando no teto. De dentro dela saem quatro lobisomens, todos trajando o uniforme de elite da polícia. Todos armados até os dentes pontudos, usando suas garras, capazes de rasgar um ser humano ao meio, para empunhar metralhadoras e escopetas capazes de fazer o mesmo, só que à distância.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,14 x 10<sup>-22</sup>**

#### **LOBISOMENS**

Os uniformes dos lobisomens são confeccionados em tecido especial, bastante maleável, que se adapta admiravelmente tanto ao corpo do homem quanto ao do lobo.

Ao contrário do que diz a crença popular, não é o brilho da lua cheia que deflagra o horripilante fenômeno da licantropia. É o cair da noite, com as suas trevas, que atíça assim o lobo no homem.

Os policiais são os mais afetados pela maldição, justamente por serem agentes do poder que tudo corrompe. E, na exata medida em que se beneficiam ao exercer o poder, são por esse mesmo poder corrompidos.

Colete segue o exemplo de Tatuado e larga Liana no chão. Ele agora só pensa em entrar no carro e dar o fora dali. Capuz pensa mais rápido e segue antes de todos na direção do carro. Ainda consegue jogar o taco de beisebol no banco de trás antes de eles serem detidos pelo alto e feroz rosnado:

– Parados! Mão na cabeça todo mundo!

Só um louco de pedra ousaria desobedecer àquela voz de comando. Não é o caso dos jovens, que no máximo seriam considerados legalmente insanos. Os quatro ficam parados onde estão, com as mãos na cabeça. Três dos lobos avançam para o grupo, enquanto o quarto fica perto da viatura, fuçando o corpo de Priscila.

Colete geme ao ver os lobos se aproximando:

– Puta merda sangrenta! Estamos fodidos. Agora é que meu pai me mata mesmo.

Capuz perde a paciência:

– Mas você é mesmo um bunda-mole! Seu bebê chorão ridículo!

Chanel mais uma vez corta o clima entre os dois, enquanto ostensivamente sorri para os policiais, que já estão chegando perto:

– Calados, vocês. Eu sei como tirar a gente dessa.

Sempre sorrindo, ela vai afastando as mãos da cabeça lentamente, com cuidado. A mão direita gesticula de forma tranquilizadora para os lobos apenas a alguns passos de distância. A mão esquerda segura algo entre os dedos. Os policiais começam a latir furiosamente, mas logo sossegam quando percebem o que ela está segurando.

Ao avistar a viatura da polícia, Chanel pensou mais rápido que todos. Guardou na bolsa o celular que estava usando para filmar a tortura de Liana. E de dentro da bolsa tirou o objeto que ela agora ostenta diante dos focinhos carrancudos dos policiais. É uma moeda grande e pesada, feita de pura prata.

O lobo mais próximo está com a cabeça a apenas alguns centímetros da mão estendida de Chanel. Ele arreganha a boca, mostrando os dentes pontiagudos. Aquela mandíbula poderosa parece bem capaz de arrancar o braço da garota com uma mordida. Mas um brilho de cobiça muito humana aparece nos olhos da fera. A boca se cerra sobre os dentes, tornando a cara de cão menos ameaçadora. O monstro aproxima o focinho da moeda de prata. Timidamente, lambe um dos dedos de Chanel. É bem conhecida a vulnerabilidade dos lobisomens diante da prata.

Os companheiros de Chanel começam a relaxar, mas um latido furioso logo os paralisa:

– Mão na cabeça! Ninguém mandou abaixar os braços.

Um dos lobos mantém Capuz, Colete e Tatuado sob a mira da metralhadora, enquanto outro avança para revistá-los. Nisso se aproxima o quarto lobo, que havia ficado perto da viatura, e diz para o primeiro, que acaba de guardar a moeda de prata no bolso do uniforme:

– Aquela ali está mais para lá do que para cá. Ainda está viva, mas não deve durar muito. E do jeito que a cara ficou, nem ela mesma iria querer se salvar. Mas o resto do corpo parece em boas condições.

– Entendi. Melhor chamar logo os cinzentos então. Peça que mandem uma equipe imediatamente.

– Sim, senhor.

Chanel aproveita o momento e alerta os amigos:

– É uma moeda para cada um, galera! Ou ainda não perceberam? Vamos botando a mão no bolso!

O líder dos lobos volta sua atenção para Chanel:

– E, agora, que tal me dizer que merda estava acontecendo aqui?

Ela mostra os dentes em um de seus melhores sorrisos, onde não falta nem mesmo um atrevido toque de convite sexual, que não é de todo fingido:

– Foi muito bom o senhor ter feito essa pergunta, oficial. Eu estava mesmo querendo explicar a situação. Acontece que nós quatro estávamos indo para uma festa, na casa de um amigo. Daí uma maluca apareceu do nada, correndo na frente do carro. Para não atropelar a mulher, acabamos batendo com o carro na defesa da ponte. Felizmente não foi nada de mais, só uma batida de leve, e já estávamos indo embora quando vimos essa segunda maluca, correndo atrás da primeira e cobrindo ela de porrada. Uma típica briga de prostitutas, o senhor sabe. Mas teve uma hora em que a que estava apanhando conseguiu tirar um frasquinho do bolso. Ela abriu o frasco e jogou na cara da outra, que caiu no chão se estrebuchando toda. Então nós achamos que era o nosso dever deter essa mulher até a chegada da polícia, para que ela preste esclarecimentos sobre o que fez. Ela tentou fugir e nos agrediu, mas os rapazes aqui finalmente conseguiram dominá-la.

Nesse ponto o lobo interrompe:

– Você está falando de duas mulheres. Uma está caída lá atrás. E onde está a outra?

Desconcertada, Chanel olha ao redor. O chão no local onde Colete e Tatuado deixaram Liana apresenta manchas de sangue. Mas ela não está mais lá.

Quando estava caída no chão, lutando para não perder a consciência, Liana notou a pequena escada de serviço ao lado da ponte. A escadinha, provavelmente utilizada pelas equipes de manutenção, dá acesso para as fundações da estrutura, no nível do rio e do mar. Liana só teve de esperar pelo momento certo, quando ninguém estava olhando para ela, e unir todas as forças para se arrastar até a escada. E depois torcer para não despencar de lá de cima e torcer o pescoço na queda. Mas de algum modo ela conseguiu descer até o fim, passar por debaixo da ponte e se embrenhar na vegetação da estreita margem do rio. Já vai longe quando sua ausência é notada.

Liana avança a custo através do mato alto, uma verdadeira cloaca a céu aberto. Não há como evitar o contato com a água fria e malcheirosa, que lhe bate nos joelhos. A iluminação escassa, fornecida ocasionalmente pelos faróis dos carros que trafegam na rua acima, torna cada passo difícil e incerto.

Ela imagina que deva existir um catálogo infundável com os nomes das doenças que alguém pode contrair só por andar naquele lugar. Pior ainda seria pisar acidentalmente no rabo de alguma cobra mutante, capaz de sobreviver em meio a tanta poluição. Para tornar essas

possibilidades menos assustadoras por comparação, ela se obriga a pensar no que acaba de deixar para trás.

A ponte agora já sumiu totalmente de vista, escondida por uma curva do rio. Logo mais à frente Liana descobre um trecho seco, uma ilha perto da margem estreita. Nada mais que terra e lixo elevando-se pouca coisa sobre o fluir do esgoto. Ela decide parar ali, só por alguns momentos, para descansar um pouco. Ao galgar o monturo, ela fica enojada pela proximidade e intensidade da fedentina. É quando o chão começa a se mexer debaixo dela.

– Ai, meu Deus! – Liana grita ao perder o equilíbrio.

Ela está a ponto de cair de barriga no esgoto, quando o leito do rio se ergue para apagar a queda. Liana ergue o olhar, atônita. E é então que percebe, bem no meio do monturo, um par de olhos fitando-a com malévola intensidade. Um arrepio de medo atravessa seu corpo. Ela nem ousa pensar no tamanho da criatura em cujo dorso ela está assim tão placidamente deitada.

A coisa do rio começa a falar, em uma voz rouca e grave:

– Já vi jogarem muito lixo ainda vivo aqui. Mas uma menina bonita assim é a primeira vez.

Liana entra em pânico:

– O que você vai fazer? O que quer de mim?

A expressão feroz do monstro parece se abrandar um pouco:

– Não carece ter medo não, coisinha. Assim você acaba caindo na água. Pode ficar aí onde está, sossegada.

Uma oferta sincera, que é sábio aceitar.

– Obrigada.

Ela fica de pé no dorso da criatura. Por um momento a menina e a coisa se encaram. Liana rompe o silêncio.

– O que... Quem é você? Nunca tinha visto ninguém assim antes.

– Quem sou eu? – a pergunta parece entristecer o monstro elemental. – Hoje não passo de esgoto e água poluída. Mas já fui rei à minha maneira, nascido em família nobre, herdeiro de muitas terras e cavalos. O que me deixou desse jeito foi a ruindade dos homens, coisinha, sabe? Foi a ingratidão dos malvados.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,52 x 10<sup>-15</sup>**

### **ELEMENTAIS**

Sejam chamados de *devas*, *orixás*, *fadas* ou *elfos*, os elementais ou entidades da natureza eram conhecidos e reverenciados pela humanidade na aurora dos tempos. O progresso científico e tecnológico, entretanto, erigiu novos altares sobre as ruínas dos velhos templos, e os luminosos seres que zelavam pelo bom funcionamento dos ciclos naturais foram gradualmente sendo esquecidos, degradados, vilipendiados. Muitos deles não resistiram aos séculos de maus tratos e abandonos, e acabaram se extinguindo. Outros poucos, os sobreviventes, foram reduzidos a tal estado, que chegam a invejar a sorte dos que morreram.

O gigante solta um uivo doído, de rachar o coração. Nesse instante Liana se dá conta de que a criatura é completa e irremediavelmente insana. A menina considera, e logo descarta, a possibilidade de uma fuga rápida: sem chance. Melhor é tentar um pouco da boa e velha diplomacia:

– Mas deve ser verdade o que dizem por aí, como é mesmo? Quem foi rei nunca perde a majestade.

A ilha estremece sob os pés de Liana, que se assusta por um momento, até perceber que a criatura está rindo.

– Isso é bem verdadeiro, sim. Meu reinado é de fezes e veneno, mas ainda assim sou o soberano dessas águas. Talvez, de certo modo, eu esteja até mais poderoso que antes, pela força das trevas que invadiu e poluiu meu coração. Afinal, sou o dono do esgoto: tudo o que toco me pertence.

Liana fica imediatamente no saci:

– Como é?

A coisa sacode seu imenso corpo fétido em uma nova gargalhada.

– Já não falei para você ficar sossegada? Fique tranquila, não vou lhe fazer mal algum. Muito pelo contrário, acho mesmo que estou lhe devendo um favor. Há tempos eu não tenho a oportunidade de entabular uma conversação assim tão interessante. Pode pedir.

Por essa Liana não esperava:

– Como é que é?

– Você pode fazer um pedido. Se estiver ao meu alcance, será atendido.

Um zilhão de possibilidades cruza a mente de Liana, mas antes que possa sequer considerá-las ouve sua própria voz dizendo:

– Tem como eu conseguir um pouco de Z? Alguma hóstia que alguém tenha jogado fora.

O rei de lodo demora um tempo antes de responder:

– Entendi o que você quer. Isso exatamente eu não tenho, mas posso oferecer algo melhor. Está vendo esse arbusto aqui?

A princípio Liana pensa que a criatura está oferecendo um pé de maconha para ela. Não consegue esconder a sua decepção.

– Agradeço, mas no meu caso não vai adiantar eu ficar fumando folha.

O monstro fica sério na mesma hora:

– Nem pense em fumar essas folhas! Sua mente não está preparada para isso e você seria certamente destruída. Use as folhas da maneira certa: mastigue duas ou três de cada vez e deixe o sumo permanecer na boca por um tempo antes de cuspir. Não faz mal se você engolir um pouco do sumo, mas só um pouco, entendeu bem?

Diante de tanta consideração, seria indelicadeza recusar. Quando chega mais perto do arbusto, Liana percebe que é uma planta totalmente diferente da maconha. Ela puxa duas folhas e coloca na boca. São carnudas e cobertas por uns pelinhos que fazem cócegas no céu da boca. Cautelosamente, dá a primeira mordida. O sumo é inicialmente insípido, até que chega o forte travo amargo. Coincidência ou não, Liana já se sente bem melhor. Ela continua mastigando.

A criatura volta a ronronar, feliz:

– Gostou, não foi? Essa você já deve cuspir, já está de bom tamanho. Quando sentir que a onda está passando, mastigue mais duas. Pode se servir, mas, para o seu próprio bem, não exagere.

Liana arranca um punhado de folhas. Até aí ela ousa. Não se atreve a pegar mais.

– Muito obrigada.

– Adeus, coisinha. Conversar com você foi agradável. Os poucos que aparecem por aqui, quando me veem, geralmente só conseguem gritar e fazer uns barulhos desagradáveis antes de morrer.

Liana fica tensa, até perceber que o monturo está tremendo novamente. O rei está contando uma piada.

– Boa noite, majestade. E obrigada mais uma vez.

Alguns metros à frente ela alcança um ponto em que é possível sair da vala e voltar para o nível da rua. Está a uns três quarteirões da praia. Por pura sorte, avançou rio adentro na direção do cafofo. É para lá que vai, sem pensar a respeito, como um animal ferido que instintivamente busca a proteção da toca. Vai mascando lentamente as folhas, duas de cada vez, e logo não está sentindo mais nenhuma dor.

Pena que o efeito miraculoso das folhas não tenha se estendido à aparência de Liana. A hora é avançada, mas ainda há pessoas e carros transitando pelas ruas. Nem todos fingem que

não estão vendo a jovem estropiada, coberta de sangue e lama, cheirando a esgoto, caminhando trôpega, escorando-se nos postes e paredes, podendo cair a qualquer momento. Alguns pegam seus celulares para gravar a cena, que logo ganhará muitas curtidas e compartilhamentos nas redes sociais. A própria Liana mal toma consciência dessa atenção toda. Continua mastigando as folhas até não restar mais nenhuma. Depois que sai da rua principal e segue por vias menos utilizadas, não a perturbam mais.

Quase sem perceber, ela afinal chega ao território familiar do campinho de futebol, agora totalmente deserto, a não ser pela viatura da polícia parada logo adiante, bem na esquina de sua rua, com os holofotes coloridos coruscando no céu da noite. Liana imediatamente procura sair de vista, já com a mente alerta, ligada na situação. Fica parada por um tempo, mas logo a curiosidade torna-se mais forte. Decide se aproximar mais um pouco para tentar descobrir o que está acontecendo. Vai contornando o campo, sempre mantendo o máximo de distância entre ela e a viatura, até que consegue ficar defronte para a rua da escadinha. Ela fica estarecida com o que vê.

Bem diante dela, estacionado quase na porta do cafofo, está o temido camburão marrom dos servidores. Uma viatura da polícia e o camburão dos cinzentos. Aqueles dois carros juntos no mesmo lugar são um sinal certo de desgraça. E Liana só agora se lembra do motivo para os dois carros estarem ali. Só que não.

Ela espia de longe, agoniada. Procura abrigo atrás de uma barraquinha fechada, que durante o dia vende doces e lanches para os moradores da favela a caminho do trabalho ou da escola.

Um lobisomem vigia a entrada do cafofo, de escopeta em punho. Seu uniforme é diferente do utilizado pelos que Liana viu na ponte. Esse deve servir em outro batalhão.

Um segundo policial sai de dentro do casebre, com a metralhadora a tiracolo. Por seus movimentos abruptos e pelo modo ríspido como fala com o outro, Liana nota mesmo à distância que o lobo está bastante irritado, para não dizer puto da vida.

E então Liana vê Tio Bui saindo do cafofo atrás do lobisomem, gesticulando e falando muito. De onde ela está, não consegue discernir as palavras, mas é inconfundível o tom de súplica, de justificativa, de promessa.

O discurso de Tio Bui é abortado quando alguém vem por detrás dele e o empurra sem muita sutileza, para que saia da frente da porta. É um cinzento enorme, um dos maiores que Liana já viu. Devido à sua imensa massa corporal, ele ultrapassa com dificuldade a estreita abertura da porta. O macacão bege dos servidores públicos cobre quase todo o seu corpo, deixando de fora apenas a carantonha cinzenta.

## REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,03 x 10<sup>-27</sup>

### SERVIDORES PÚBLICOS

Os *servidores* ou *cinzentos* são entidades simuladoras de vida a serviço do poder público na cidade. Não chegam a possuir identidade própria, estando pouco acima de máquinas desprovidas de vontade. Por isso mesmo, são excelentes cumpridores de ordens. São construídos com polímeros metálicos capazes de absorver e emular a estrutura do DNA humano, extraído diretamente de cidadãos mortos nas ruas, em acidentes e homicídios. Uma das tarefas principais dos servidores é recolher os mortos para o Instituto Médico Legal. E de cada cadáver que encontram retiram um tanto, que pode ser muito ou pouco, dependendo do grau de interesse que o defunto ou defunta desperte no cinzento encarregado de sua remoção. Pois essa é a obsessão dos servidores: arremedar a personalidade humana. O problema é que, quanto mais eles se alimentam de pessoas mortas, maiores se tornam. E seu apetite voraz cresce na mesma proporção.

Afinal o brutamontes consegue cruzar a soleira da porta. Ele tem um motivo a mais para ser desengonçado: é o pesado saco preto que arrasta atrás de si e que vai deixar na calçada em frente ao camburão. Nisso outro cinzento está saindo do cafofo. Ele não é tão grande quanto o primeiro, mas jamais poderia ser chamado de pequeno. Puxa pela mão um idêntico saco preto.

Quem está no segundo saco? Liana viu logo que era o playboy no primeiro, até pelo volume do corpo. Mas quem está dentro do segundo?

Logo em seguida um terceiro servidor passa pela porta. Esse é bem menor que os outros dois, mais ou menos do tamanho de um homem normal. Carrega sobre o ombro direito um saco preto para remoção de cadáveres, completo.

Liana nem respira. Seu olhar não larga a entrada do cafofo. Ninguém mais assoma na porta.

Os três sacos estão alinhados na calçada. Um dos servidores vai abrir o fundo do camburão enquanto seu colega conversa algo com o lobisomem que havia ficado de guarda do lado de fora. O menor dos três já ocupa o assento do motorista. Os outros dois só cabem atrás, dentro do camburão, junto com os corpos.

O outro policial assiste à operação, de braços cruzados e cara de cão danado. Ao lado dele, Tio Biu ainda tenta vender o seu peixe, a julgar pelo tanto que balança os braços enquanto fala.

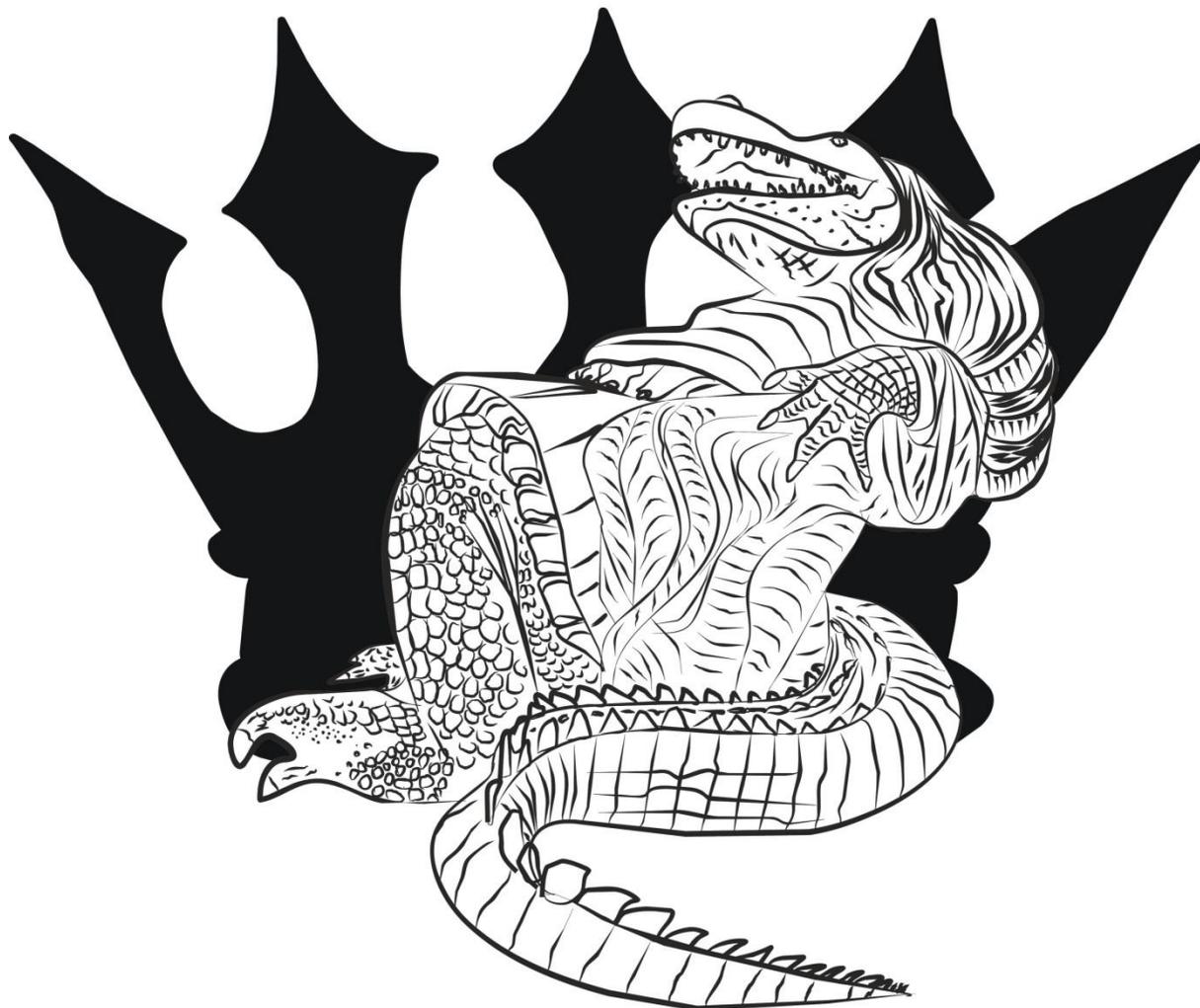
Liana está convencida de que Samara e Galego Miguel ocupam os dois outros sacos. Ao menos parece que Mandrá escapou. Nesse instante ela tem a sensação nítida de estar sendo observada. Vira a cabeça no ângulo exato para conectar seu olhar com o de Tio Bui, que a encara com a boca aberta de espanto, interrompido no meio de alguma frase.

No instante seguinte, Tio Bui está sacudindo o braço do policial e apontando para Liana, eufórico:

– Olha ela ali! Olha ela ali!

## Capítulo V

# BOA SORTE, BEBÊ!



- \* Onde adentramos no coração da favela.*
- \* Da verdadeira natureza de Godizila.*
- \* Como se faz um julgamento entre os jacarés?*
- \* E Liana é reconhecida, mas ainda não se reconhece.*

***“Não penses mal dos que procedem mal; pensa somente que estão equivocados.”***

**Sócrates**

A coronhada acerta em cheio a boca de Tio Biu. Ele desaba no chão. O policial rosna, voltando o cano da metralhadora para o homenzinho estatelado à sua frente.

– Como ousa encostar essa mão podre em mim?

O sangue sai espesso e rubro-escuro da boca de Tio Biu. Já deixou de ser vermelho-vivo, mas ainda não ficou preto de todo. Ele cospe pedaços de dente junto com o sangue enquanto tenta falar. O pânico deixa sua voz esganiçada. Aponta com um dedo aflito para o local exato onde Liana estivera um instante antes, do outro lado da rua.

– É Lica, é ela! É Liana! A menina que vocês estão procurando. A que tem a tatuagem de pássaro. Estava ali agorinha mesmo. Não pode ter ido muito longe.

Tio Biu canta por sua vida, alto o suficiente para que Liana ouça enquanto foge. Ela teve presença de espírito para avançar favela adentro, ao invés de tentar cruzar o campinho e voltar para a cidade. Se tivesse feito isso, fatalmente estaria sendo avistada pelos lobos agora.

Liana enxuga as lágrimas. Tio Biu, traíra filho de uma puta, não merece o choro de ninguém. Essa raiva até que é bem-vinda, lhe dá forças para continuar fugindo, se esgueirando por entre os becos, e não se jogar no chão e desistir de vez.

Ela precisa focar o pensamento, entender o que está acontecendo. Que novidade é essa, a polícia à sua procura? Será que foi por conta da confusão na ponte? Liana acha improvável, mas não consegue atinar outro motivo para os lobos estarem atrás dela. A não ser que seja, é claro, algo relacionado com o que aconteceu no próprio cafofo. Será que Tio Biu jogou a morte do playboy em suas costas? Será que foi assim que ele se safou, atijando os lobos contra ela?

O jeito é seguir em frente. O corpo, moído de pancadas e sevícias, dói a cada passo. Mas o que sangra mesmo é o coração, traído por alguém que considerava um amigo, que considerava *família*. Lágrimas ácidas e indignadas voltam a nublar sua visão enquanto ela avança cada vez mais para dentro da favela.

Não que haja muito para se ver. Todas as casas e estabelecimentos comerciais estão de portas cerradas. O toque de recolher é severo por ali. Somente o som dos passos de Liana e a sua respiração ofegante cortam o silêncio da noite.

Uma resolução começa a se formar. A ideia é tão louca que, nesse momento, faz todo sentido. Uma sensação estranha vai tomando conta de Liana. É uma espécie de euforia desesperada, como podem ter experimentado os antigos gladiadores romanos ao caminharem para a arena onde lutariam por suas vidas.

As primeiras sentinelas estão logo adiante. Elas saem das sombras quando Liana se aproxima. São dois jacarés, um adulto e outro na muda. O mais velho é um gigante amarronzado, de pele encouraçada e olhar reptiliano. Nem se dá ao trabalho de apontar para ela o fuzil que traz a tiracolo:

– Vai aonde a essa hora, filezinho?

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,85 x 10<sup>-26</sup>**

#### **JACARÉS DA BAIXA DO \***

A cidadania dos jacarés é questão polêmica. Por um lado, eles são evidentes casos de acometimento do Mal de Circe. E por isso deveriam ter acesso a cotas especiais e outros benefícios concedidos pela lei dos direitos circenses. Contudo, de acordo com a polícia, a própria condição de jacaré é um indício de criminalidade, pois por si só denuncia ligação com a tenebrosa rede do narcotráfico. Não é crime ser jacaré, mas todos os jacarés são criminosos. Ao menos aos olhos da lei e da sociedade. Daí a confusão. Uns, que defendem os jacarés, argumentam que esses podem ser criminosos, mas não teriam se tornado jacarés se não tivessem sido induzidos ao crime por uma sociedade desigualitária e excludente, baseada na exploração do homem pelo homem, que lhes negou qualquer outra possibilidade digna. Outros, que atacam a polícia, dizem que os próprios lobisomens são o maior símbolo dessa contradição. Pois os agentes da lei são acometidos por um mal semelhante ao que tanto combatem nos jacarés.

Liana respira fundo para ganhar determinação. E até consegue olhar nos olhos da fera:

– Eu preciso falar com Godizila.

O segundo jacaré, o menor, solta uma risada estridente. É um som que lembra vagamente o motor de um barco. Liana reconhece a risada e a cara escamosa. E então ele também a reconhece, apesar do triste estado em que ela se encontra:

– Mas se não é a princesa! O que aconteceu? Quem fez isso com você?

Por sorte é o que gosta dela. O outro, o cheio de ódio, não parece estar por perto.

– Quero falar com Godi – ela repete. – Tem que ser agora.

– Que noia é essa, princesa? – o tom de voz do jacaré na muda demonstra preocupação.

Ele se volta para o outro. – Deixe que cuido disso, está bem? Eu conheço a mina.

– Ora, ora – a boca do jacaré maior se abre em um riso sardônico. – Não é que Iuri finalmente arrumou uma namorada?

– Qualé, Betão? Nada a ver – protesta o mais jovem.

– Até que é jeitosinha – continua o outro. – Se tomar banho, aposto que fica uma gata!

– Para de zoar, pô.

Iuri não está levando nada na esportiva. Já Liana nem tem forças para revidar. Por sorte, Betão logo se cansa da brincadeira.

– Está bem. Pode ir passear com a sua namoradinha. Só não se esqueça de que você está na função aqui comigo, entendeu? Não demore muito para voltar.

O outro já está puxando Liana pelo braço. Os dois caminham pelas vielas até que ele sente que se afastaram o bastante dos ouvidos de Betão.

– E então, princesa? Vai me explicar que maluquice é essa? O que é que está pegando?

– Tenho que falar com Godizila – Liana diz pela terceira vez. – É assunto de vida ou morte.

– Escute, se é por causa da brincadeira que o Treva fez com você mais cedo hoje...

– Isso não tem nada a ver com vocês – Liana suspira, desanimada. Ela não está com a menor disposição para ficar argumentando com o jacaré, mas sabe que precisa convencê-lo, se quiser levar a cabo seu plano louco. – Escute, tenho uma proposta. Se você me levar até Godi, pode fazer o que quiser comigo depois.

– Como é que é?

Não há dúvida de que Liana conquistou a atenção do jovem escamoso.

– Você me ouviu muito bem – e ela consegue até sorrir para o jacaré. – Prometo que tomo um banho primeiro.

Ele fica por um momento olhando para ela, em salivante expectativa. Então começa a balançar a cabeça.

– Não vai prestar. Você não vai poder fazer nada se estiver morta.

– Esse é um risco que você vai ter de correr. Mas garanto que não tenho a menor intenção de ser morta hoje.

– Não sei, não.

Liana já está perdendo a paciência.

– Escute aqui, Iuri. Esse é o seu nome, né? Pois dê uma boa olhada em mim, pode ser? Veja bem como estou, toda arrebitada. Pela dor miserável que estou sentindo, devo estar até com algum osso quebrado. Coberta de merda e sujeira até a alma, morrendo de cansaço, puta da vida, com ânsia e com fome. Então pare para pensar. Acha que eu estaria aqui a essa hora, insistindo tanto para falar com Godizila, se não fosse algo muito, mas muito importante? Pense bem. Você só precisa me levar até Godi, é só o que peço.

Ele ainda hesita. Vencendo a ojeriza, Liana se aproxima e acaricia de leve o braço do jacaré.

– Por favor.

– Está bem – Iuri dá de ombros. – Continuo achando uma maluquice da porra, mas vou levar você lá.

Ele segue na frente, sem dizer mais nenhuma palavra. Liana vai atrás, esforçando-se para acompanhar o passo irritado do jacaré. Atravessam uma viela estreita e irregular, em declive, formada pelos fundos de duas fileiras de barracos. Depois que a longa e sinuosa descida termina, os dois chegam ao pequeno descampado onde foi construída a sede da associação de moradores, na parte mais baixa da favela. Oprimida pelo prolongado silêncio e pela caminhada forçada, Liana diz, só para provocar:

– Iuri é um nome gozado para um jacaré.

Ele sacode a cauda. Responde, tenso:

– Gozado é você ter esse trabalho todo só para cometer suicídio. E, ainda mais, querer que eu assista tudo de camarote.

A fala do jacaré afeta Liana, que sente o medo querendo crescer dentro dela, minando suas forças e sua determinação. Ela responde para reafirmar sua autoestima ferida:

– Você acha que não tenho a menor chance, não é? Quero só ver sua cara depois que Godizila ouvir o que tenho a dizer. Espere só até eu falar com ele.

Iuri estaca e se vira para encarar Liana:

– Sabe de nada! Você nunca nem mesmo viu Godizila. Sua louca. Onde estava com a cabeça? Não minta mais para mim, ouviu?

Liana fica em silêncio, encarando de volta. Iuri se aproxima e diz, no tom de voz mais próximo de um sussurro que ele é capaz:

– Louca e burra. Ainda não se tocou que só estou tentando te proteger? Não queria trazer você para cá, princesa. Agora não tem mais jeito.

Há sinceridade e urgência na voz de Iuri. Liana fica surpresa ao perceber que despertou emoções tão intensas no jovem jacaré. Olha para o chão, desarmada:

– Eu nunca disse que conhecia ele. Nunca falei que era amiga de Godi. Foi você quem disse isso.

– Você não faz a menor ideia de quem seja Godizila, não é? Fale a verdade.

– Sei o que todo mundo sabe. Que Godi é o rei da favela, que comanda todos os jacarés por aqui. E que toda noite os jacarés se reúnem no salão de Godizila, que é decorado com as

cabeças dos inimigos mortos, e ficam lá até altas horas da madrugada, se drogando e dançando funk.

Liana cala a boca ao notar a expressão de Iuri. Ele se aproxima, muito sério, e a segura pelos ombros:

– Godizila... é minha *mãe*. Minha e de muitos outros. Tanto os que ela botou no mundo quanto os que pegou pra criar. Ela nunca fez a menor distinção, sabia? Nunca.

Iuri para de falar abruptamente. Após um curto e incômodo silêncio, Liana estende a mão para segurar a garra que pesa em seu ombro, como um sinal de gratidão:

– Valeu mesmo por ter me contado que Godizila é... ela. Eu nunca teria imaginado.

– Deixe para lá. Agora isso não faz diferença. Já sabem que você está aqui.

Diversos pares de olhos amarelados despontam na escuridão adiante. Eles parecem formar um perímetro ao redor da sede da associação.

– Espere aqui – Iuri diz e vai falar com os outros jacarés.

Liana não consegue ouvir a conversa. Existe um ruído de fundo, que só agora ela percebe. É uma espécie de clamor abafado, como o rugido de um monstro escondido debaixo da terra.

Iuri parece ter chegado a um acordo com as sentinelas da sede. Ele retorna e toma Liana pelo braço, com gentileza:

– Venha comigo. E não diga mais uma palavra até chegarmos lá, está bem? Nem todo mundo por aqui tem senso de humor.

Os dois dão a volta até os fundos da sede, ladeando o muro baixo que revela um deprimente parquinho infantil do lado de dentro, resumido a um balanço de pneu e uma caixa de areia. Uma creche comunitária funciona na associação durante o dia.

Nos fundos, do lado de fora dos muros, há uma estrutura branca, em forma de funil invertido. Não difere de qualquer outra cisterna coberta por muitas mãos de cal, a não ser pelos dois jacarés postados diante dela, portando fuzis. O som abafado vai ficando mais forte. Liana sente o bramido não tanto com os ouvidos, mas com as solas dos pés. A reverberação sonora parece fazer o próprio chão estremecer.

Ao chegar perto, Liana percebe que as duas sentinelas estão ladeando uma imensa abertura na base da cisterna. Iuri vai na frente. Depois é a vez de ela descer por uma rampa íngreme, úmida e escura, impregnada de um forte odor animal. O som é bem mais nítido agora. Não se trata do rugido de um único animal gigantesco, mas o barulho coletivo de muitas feras. Esse som terrível é o bramido em uníssono de inúmeros jacarés.

Uma réstia de luz mais à frente impede que o caminho seja percorrido em meio à escuridão total. Ao fim da rampa, Iuri conduz Liana através de um curto corredor, que termina

abruptamente após uma curva à esquerda. E assim, sem mais aviso, Liana está no salão da rainha da favela, iluminado pela precária luz de tochas.

É um espaço amplo e azulejado, com uma série de piscinas de vários tamanhos e profundidades, todas elas infestadas por dúzias e mais dúzias de jacarés. O fedor que eles exalam é indescritivelmente opressivo.

Godizila está bem visível em seu trono, no centro do salão. Liana não acreditaria que um jacaré desse tamanho pudesse existir se não estivesse vendo com seus próprios olhos. Um jacaré enorme de gordo, refestelado em uma poltrona imensa, que faz as vezes de trono. Só pode ser ela.

Posicionados ao redor do trono, uns jacarés de cara ruim montam guarda. Todos são muito grandes, mas nenhum deles se equipara em tamanho a Godizila. A revelação de que aquela criatura é uma fêmea de alguma forma a torna ainda mais temível. De posse dessa revelação, Liana consegue adivinhar os indícios da feminilidade monstruosa de Godi. Ela sente um calafrio de fascínio e de pavor místico. É fácil entender porque a rainha-mãe inspira tamanha reverência.

Inicialmente ninguém repara em Liana. A atenção de todos está voltada para uma luta que acontece diante do trono. Dois jacarés menores estão brigando no centro de uma roda iluminada por tochas e formada por uns jacarelões parrudos, de braços cruzados. Liana reconhece um dos jovens que lutam. É o jacaré da cara preta, que estava de serviço na boca mais cedo.

Involuntariamente Liana estende os braços para se apoiar em Iuri. Ele faz menção de desdenhar seu gesto, mas logo se aquieta.

– Isso que está acontecendo aí é um julgamento – sente-se na obrigação de explicar.

– Julgamento?

– Sim. Rex disse que o Treva mocoizou a parada dele hoje, antes da chefia checar na distribuição. Como nenhum dos dois admitiu ter roubado a parada, a solução foi o julgamento.

Nesse ponto Liana não consegue se conter:

– Mas que espécie de julgamento é esse?

– Um julgamento como qualquer outro, ora. Dois adversários se enfrentam diante da lei. O mais forte geralmente vence. Mas às vezes acontece do mais esperto vencer, ou o mais sortudo...

Um barulho ensurdecido irrompe da roda onde os jacarés se enfrentam. Parece que Treva, o jacaré da cara preta, levou a melhor. Seu oponente já não oferece a menor resistência, depois de ter o papo amarelo arrancado por uma dentada.

O corpo do vencido, ainda estrebuchando, é carregado em comitiva até o trono. A rainha faz sinal para que se aproximem. O moribundo é segurado em pé, bem diante dela. Após o

devido instante de apreciação, Godizila desfere uma mordida certa, que arranca a cabeça do jacaré após duas rápidas e furiosas sacudidas.

O cadáver é arremessado longe. Os jacarés se lançam sobre ele em um frêmito selvagem. A fúria alimentar dura poucos instantes. Logo, quase nada resta de um jacaré chamado Rex.

Iuri fica incomodado com o silêncio chocado de Liana.

– Não é o que você está pensando. Não é que sejamos canibais ou coisa assim. Isso acontece só durante os julgamentos. É uma maneira de honrar os mortos, de manter sua força conosco.

Liana repara que os azulejos da parede, foscos e encardidos como tudo naquele lugar, não ostentam qualquer tipo de ornamento ou enfeite.

– Agora entendi. É mentira que vocês enfeitam as paredes do salão com as cabeças dos vencidos. Pois se a cabeça é logo o primeiro pedaço a ser engolido!

Ela começa falando baixinho, mas sua voz rapidamente ganha uma hilaridade histérica. Já está gargalhando quando Iuri a sacode pelos ombros.

– Ficou maluca de vez?

Só então os dois percebem que os olhares de todos, Godizila inclusive, estão voltados para eles. Iuri se adianta e presta uma profunda reverência, aguardando permissão para se aproximar mais:

– Benção, mainha.

– Deus te abençoe, meu filho. Pode se chegar.

A voz de Godi é grave e profunda, porém com uma nota de doçura. Liana acha desconcertante essa suavidade maternal partindo de alguém que acabou de arrancar a cabeça de um de seus filhos a dentadas. Iuri faz sinal para que Liana espere ali e avança alguns passos. A rainha-mãe espicha o pescoço na direção do filhote:

– Iuri, você não estava de vigia hoje? Aconteceu alguma coisa?

– Não foi nada não, mainha – o jovem reptiliano apressa-se em responder. – Está tudo sossegado. Eu já estava até voltando para lá agora, com a sua permissão.

– E quem é essa menina encardida que veio com você?

– Essa aí? Não é ninguém não, mãe. É só uma noiada que estava perambulando pela favela. Pode deixar que já levo ela embora.

A voz de Godi cresce alguns decibéis, de raiva:

– Perambulando? Depois do toque de recolher?

Liana pensa: é agora ou nunca. Ela pigarreia e diz:

– Com licença, majestade. Eu só vim aqui porque preciso muito falar com a senhora.

O salão é invadido por um silêncio chocado, diante da audácia de Liana em falar com Godizila sem permissão. Todos olham para a rainha, à espera do comando para fazer aquela impertinente sujismunda em pedacinhos. Mas a soberana demora a falar, avaliando minuciosamente a intrusa. Liana sente um arrocho nas tripas quando percebe que Godizila está se dirigindo diretamente a ela:

– Então você bate na minha porta a essa hora, nesse estado, coberta de sujeira da cabeça aos pés, muito depois do toque de recolher, e diz que *precisa muito* falar comigo.

A monstra irrompe em uma estrondosa e apavorante gargalhada.

– Taí, gostei de sua atitude. Poucos teriam a coragem. Ou será que é apenas loucura? – ela ri novamente antes de prosseguir. – Pois muito bem. Até aqui você mandou bem. Só espero que não acabe sendo uma decepção. Comece a falar, menina. Estou ouvindo.

Liana sente novamente sobre si o peso de todos os olhares. Ela encara de volta os jacarés que estão mais próximos, tentando passar uma confiança que está longe de sentir. O que ela esperava encontrar ali? A ideia de vir pedir ajuda a Godizila agora parece não apenas inútil, como totalmente estúpida. Foi para isso que ela escapou dos endemoniados e da traição de Tio Biu? Só para ser estraçalhada pelos jacarés?

As palmas de suas mãos estão geladas e o coração bate assustado. Ela avança com alguns passos vacilantes, curva-se diante do trono e faz a melhor reverência que consegue, mesmo temendo que as pernas não obedeçam. Um pequeno coro de risadas começa e é imediatamente fulminado por um olhar irado da rainha. Sua expressão não se abranda quando ela olha novamente para Liana.

– E então, menina? O gato comeu sua língua?

Liana respira fundo. Deixa o ar escapar, naturalmente, como uma suave melodia.

– Poderosa senhora, agradeço a generosidade de me ouvir. Espero poder provar que meu coração é verdadeiro. Não é mentira nem loucura o que vou dizer agora, rainha Godizila. Antes fosse: o seu reinado está correndo um grande perigo.

Um murmúrio geral se segue, mas logo os jacarés ficam em silenciosa expectativa. Liana ganha um pouco de coragem.

– Faço parte desta comunidade. Moro logo depois da escadinha, ali na Travessa dos Marrecos. Ou melhor, morava. Hoje os lobisomens entraram lá em casa e passaram o rodo na minha família. E chamaram um camburão dos cinzentos para recolher os corpos.

– Foram os lobos que fizeram esse estrago em você?

A voz que interrompe Liana possui um timbre forte e afiado. Quem fala só pode ser Croc, primeiro-ministro e braço direito de Godizila. Liana já ouviu falar muito dele. É um imenso

jacaré albino, o maior dentre os jacarés da guarda de honra da rainha. Liana exulta secretamente. Ela sabe que não é a compaixão por seu estado lastimável – e, sim, o ódio cego contra a polícia – o que faz Croc abrir a boca. Quem sabe ela não consegue usar esse ódio a seu favor?

– Não, senhor. Isso aconteceu antes, mas também tem a ver com o que eu tenho a dizer. Eu estava no calçadão com uma colega, quando apareceu um carro com uns playboys endemoniados. Eles jogaram ácido na cara de minha amiga, me moeram de pancada. Estavam para me matar, mas a polícia chegou. Ninguém prendeu os playboys. Foi só eles mostrarem a prata, que os lobos ficaram mansinhos. Minha amiga ainda estava viva, mas eles mandaram chamar o camburão dos servidores para levar ela. Eu que não me saísse dali. Cheguei no cafofo depois de muito custo, só para encontrar a polícia estacionada na porta e uns servidores retirando sacos pretos lá de casa para jogar dentro do camburão. Foi quando entendi que tinha de vir aqui falar com a rainha Godizila. Eu precisava avisar do perigo que os jacarés estão correndo.

A balbúrdia que se segue só é interrompida com um novo gesto de Godi, que passa a observar Liana com mais atenção:

– Você não está sendo muito clara, menina. Que perigo é esse?

– Com a sua permissão, vou explicar, poderosa senhora. É que aconteceu tanta coisa comigo hoje, que demorei a entender o que tinha de estranho nisso tudo. Até que me dei conta, e vim correndo para cá. Pois me perguntei: desde quando os lobos e os cinzentos trabalham juntos?

Um novo murmúrio coletivo, agora mais intenso, percorre o salão. Liana sem dúvida conquistou o interesse da audiência. Ela sabe que tudo depende do que irá dizer agora. E é por isso que ela canta:

*– Menina que fugiu da escola e foi parar na esquina,*

*O bonde que pega criança pega essa menina!*

*Menino que vive pela rua e que fugiu do ensino,*

*O bonde que pega criança pega esse menino!*

Liana passa do canto à fala. O ritmo agora é essencial, tanto ou mais que as palavras em si.

– Qualquer criança da comunidade sabe cantar essa música. E qualquer um sabe que *o bonde que pega criança* é o camburão dos servidores. Os cinzentos só caçam invisíveis. Não se metem com zumbis. Carne de zumbi não interessa àqueles desgraçados, só gostam de criancinhas, ou então dos pedaços de cadáver dos cidadãos de bem que eles conseguem afanar. Zumbi sempre foi assunto da polícia. É ela que prende, solta ou mata, dependendo da lua. Se os lobos apanham um zumbi ferido ou morto, levam no camburão direto para o hospital mais

próximo, que constata oficialmente o óbito. Sempre, porque mesmo que o ferimento do zumbi não seja fatal a viagem no camburão com certeza é!

Alguns jacarés soltam risadas curtas. Até aqui tudo bem. Hora da guinada dramática.

– E então de repente os cinzentos viram os melhores amigos dos cães azuis e todos saem juntos pela cidade para caçar zumbis! Tem de existir algo por trás disso. E só pode ser coisa grande, para envolver a polícia e os servidores públicos em uma mesma operação. Se eles estão se unindo para livrar a cidade dos zumbis, não é difícil imaginar quem é o verdadeiro alvo. É claro que o plano deles só pode ser acabar de uma vez com a raça dos jacarés!

Essa declaração provoca um intenso burburinho, do qual se sobressai o vozeirão de Croc:

– E quem é que liga para o que acontece com um bando de zumbis? Nossa gente não tem nada a ver com isso.

Liana encara o jacaré sarará, sentindo o sangue ferver. É por isso que acaba falando mais do que devia:

– A vida de um zumbi não vale nada, eu sei. É só mais um viciado imprestável indo pra vala. Mas se não existissem viciados, não existiriam traficantes. Sem os zumbis, o poderoso império dos jacarés desmoronaria da noite para o dia. E vocês todos não passariam de um bando de desempregados.

O tumulto que se segue é intenso e imediato. Os jacarés mais próximos de Liana começam a estalar os rabos como chicotes e a abrir e fechar ameaçadoramente as bocarras. Amedrontada, ela recua um ou dois passos e acaba caindo de costas em uma das piscinas infestadas de jacarés.

A água é escura e pegajosa, mas surpreendentemente tépida. O medo rapidamente escala para o mais puro pânico. Liana se debate furiosamente, ferindo a pele dos braços e pernas no couro dos jacarés que nadam perto dela. Em seu desespero, ela acaba engolindo água e não consegue mais respirar.

Após o que parece ser uma eternidade, garras poderosas a agarram pela cintura e a erguem sem esforço para fora da piscina. Liana é depositada não muito gentilmente na beira. Ofegante, tenta cuspir parte da água que engoliu.

Mal ela começa a se levantar, contudo, fica paralisada pelo brado de um dos jacarés que está mais próximo:

– Vejam! Na perna dela! A tatuagem de pássaro!

Boa parte da lama que cobria Liana ficou na piscina, tornando visível – e reconhecível – sua bela tattoo de Fênix. Segue-se um barulho ensurdecedor, quando todos os jacarés no salão começam a bramir ao mesmo tempo. Então a própria Godizila solta um grito descomunal:

– Ninguém trisca na menina!

O salão é subitamente reduzido à imobilidade e ao silêncio. Liana sente um zumbido nos ouvidos, como resultado da pressão avassaladora daquela voz.

– A menina está sob minha proteção. Se alguma coisa acontecer com ela, o responsável vai se ver comigo. Entenderam?

A cabeça baixa dos jacarés é resposta suficiente. Quando a rainha volta a se dirigir a Liana, seu tom de voz se abrandava, mas só um pouco.

– Pensei que não restasse mais nenhum de vocês por essas bandas. Você deve ser a tal que causou sensação essa noite no Cinema Orxxx. Quem diria...

A rainha da favela sinaliza para que a menina se aproxime mais. Depois que Liana avança, Godi estica o focinho em sua direção, examinando-a detidamente. E então solta uma nova gargalhada, balançando os cabelos de Liana, que prende a respiração, com reverência e repugnância. A risada da rainha é incrivelmente fétida, e há pedaços de carne dependurados nos dentes imensos e pontiagudos.

– Você é bem ousada, sabia? Mas gostei de ver. Ganhou ponto comigo, menina-fantasma.

Nesse momento um dos jacarés da guarda de honra de Godizila se adianta para falar:

– Precisamos entregá-la imediatamente, mainha – diz o obeso jacaré-açu, olhando ameaçadoramente para Liana. – Se os lobos descobrem que estamos com ela aqui, a coisa vai ficar feia para o nosso lado. Além do mais, a recompensa pela fantasma não é de se jogar fora.

Dúzias e dúzias de olhares predatórios fixam-se em Liana. Mas Godizila faz um gesto com a pata imensa:

– Ninguém toca na menina, eu já disse. Ela está sob minha proteção. Vocês já se esqueceram de que temos uma dívida de sangue com os fantasmas?

O jacaré gordo ainda tenta argumentar:

– Mas, mãe...

– Silêncio! Nem mas, nem meio mas!

Ninguém mais se atreve a dar pitaco. Godi solta um grunhido, ainda irritada.

– Enquanto eu ditar as regras por aqui, os fantasmas sempre serão amigos dos jacarés. E ai daquele que se atrever a pensar de outra forma.

Então a rainha se volta para Liana:

– Os fantasmas me fizeram um grande favor tempos atrás. Você nem devia ser nascida nessa época. Mas eu não sou do tipo que esquece um favor – Godizila então lança olhares furiosos pelo salão. – E também não esqueço uma ofensa, podem ter certeza disso!

Liana não está entendendo é nada. Por via das dúvidas, acha melhor continuar de boca fechada. A rainha assume sua posição mais imperial, com as garras apoiadas no encosto de seu trono, e então conclama seu primeiro-ministro:

– Croc! Quero que você escolha uma meia dúzia dos melhores de nossa guarda. Eles irão escoltar a menina-fantasma em segurança até o território de nossos aliados jacaretingas, ao sul da cidade. Prepare a escolta para partir amanhã cedo, assim que o sol nascer.

– Pois não, majestade.

Então a rainha eleva a voz ao se dirigir à sua corte:

– Encerramos nossa reunião de hoje. Nem preciso dizer que não quero saber de ninguém abrindo o bico por aí!

Um curto bramir em uníssono é a expressiva e suficiente resposta dos jacarés. Godi então fala diretamente com Iuri:

– Filho, você vai ficar aqui. A menina será nossa hóspede pelo resto da noite. Tome conta dela até o nascer do sol, quando Croc virá com a escolta para levá-la.

– Sim, mainha – responde Iuri.

– O resto de vocês já pode ir. Vão com Deus, meus filhos.

Não é preciso falar novamente. Em dois tempos o salão está vazio. Até os jacarés da guarda de honra vão se posicionar do lado de fora, diante da rampa de entrada. Godi está a sós com Iuri e Liana. Ela agora fala bem baixinho, só para os dois ouvirem:

– Você deve partir agora mesmo, menina. Não há tempo a perder.

– Mas eu pensei... – Liana está novamente atônita.

– Aquilo foi só para despistar. Pode ter certeza de que nesse exato instante algum filho desnaturado já está correndo para dar o serviço aos lobos. Eles ofereceram uma bela recompensa por você, sabia?

– Mas o que foi que eu fiz para estarem me perseguindo assim? Não consigo entender.

Tudo está acontecendo rápido demais, mais rápido do que Liana consegue assimilar. Ela está à beira das lágrimas. O tom de voz de Godi é agora quase confortador:

– Você foi reconhecida hoje, no Cinema Orxxx. Não deveria ter sido tão exuberante em sua dança. Agora todos sabem que você é fantasma.

Liana fica estupefata.

– Perdoe, majestade, mas não estou entendendo nada. Eu não sou fantasma. Para ser sincera, nem sei se acredito que os fantasmas existam mesmo. Sempre pensei que essa história fosse apenas uma lenda que as mães contam para assustar as crianças.

Godizila faz um gesto de impaciência.

– Ouça, menina. Sei que você está bolada, com os lobos à sua cata, mas não precisa fingir comigo.

Liana abaixa a cabeça, humilde:

– Perdão, alteza, mas não faço a menor ideia do que a senhora está falando.

– Que seja – a rainha grunhe, zangada. – Como você quiser.

Para tentar quebrar o clima, Liana resolve fazer a pergunta que está martelando em sua mente:

– Eu só não entendi ainda por que os lobos estão atrás de mim. Por eu ser fantasma? Mas desde quando isso é motivo para prender alguém?

Godi bufa de exasperação:

– Então você não entendeu foi nada. Pensa que não sei que oficialmente, como você mesma disse, os fantasmas não existem? Você pede por um motivo para os lobos quererem pegar você. O motivo não importa, é só um pró-forma no boletim de ocorrência: prostituição, posse de drogas, atentado ao pudor ou qualquer outro crime cuja estatística de casos resolvidos a polícia precise melhorar. E, depois, quem disse que os lobos vão prender você?

Um pesado silêncio se segue, que nem Liana, nem Iuri ousam interromper. Por fim a rainha continua:

– Você precisa entender que não tem mais ninguém brincando de polícia e bandido por aí. Não existe essa de polícia e bandido, bem e mal, branco e preto. É tudo cinzento, que nem aqueles mondrongos que ficam andando de camburão por aí. É tudo búzinesse. Não existe o bem e o mal. Tudo o que existe é o negócio, quem está dentro e quem está fora.

Liana começa a entender. E fica espantada com a própria coragem em perguntar:

– Majestade, a senhora está me dizendo que os jacarés são sócios dos lobos?

Godi considera a questão por um momento antes de responder:

– De certa forma, sim. Do mesmo modo que somos sócios dos cinzentos. Não precisa ficar tão alarmada, menina.

– Mas isso significa que os zumbis estão condenados.

– Todo zumbi está condenado no momento em que coloca a primeira hóstia na boca. Todo mundo sabe disso. Mas deixe para lá. Não há tempo para isso. Você deve ter seus motivos para andar disfarçada assim, de bebê-zumbi. O que importa é tirar você daqui o mais rápido possível. Iuri!

– Sim, mainha.

– Leve a menina até a Rodovia Norte e lhe dê algum dinheiro. Na saída da cidade ela pode pegar um lotação para onde quiser. Use a saída de emergência, e tome cuidado para que ninguém veja a menina saindo com você. Entendeu bem?

– Sim, mãe. Deixa comigo.

Godi volta seu olhar para Liana:

– Pode confiar em Iuri, menina. Tem algo mais que eu possa fazer por você?

Liana já estava esperando por essa deixa há um bom tempo, mas ela disfarça, como se só naquele momento a ideia tivesse passado por sua cabeça:

– É muita bondade sua, minha rainha. Eu tava aqui pensando se não tem como a senhora me salvar com umas magrinhas de Z. É que a fome está braba e estou sem nenhum, sabe?

Só o olhar da jacaré-mãe já faz Liana recuar dois passos.

– Quer dizer então que não era fingimento? Você realmente é uma noiada de Z?

Liana não sabe onde meter a cara:

– Perdão, minha rainha.

Godi solta um muxoxo de desagrado e decepção:

– Nunca imaginei que fosse ver alguém de sua raça decair a esse ponto.

Liana olha para o chão, sentindo o rosto arder:

– Perdão – ela repete. – Não era minha intenção ofender a senhora. Me perdoe.

Após alguns instantes de constrangedor silêncio, Godi grunhe para Iuri:

– Antes de sair, leve esse bebê-zumbi até o depósito e deixe ela se servir de quantas hóstias quiser.

E então para Liana:

– Não sei de que adianta tentar salvar a sua pele se você mesma está empenhada em se destruir. Não vou voltar com a minha palavra, mas é uma pena ver isso acontecendo. Como se vocês, fantasmas, já não tivessem problemas suficientes!

Segue-se mais um momento de embaraçoso silêncio, até que a rainha diz:

– Pode levá-la, Iuri.

O jovem jacaré faz uma reverência e se afasta, conduzindo Liana para o extremo oposto da rampa de acesso que os dois utilizaram para entrar no salão. Ela o segue de cabeça baixa, sem coragem de encarar a rainha. Sente uma vergonha irreprimível, que deixa seus movimentos pesados e sua mente confusa. E também tem medo de escorregar no azulejo molhado e cair novamente dentro de uma piscina, por isso caminha de olho no chão.

A saída de emergência é um túnel estreito e mal iluminado nos fundos do salão. Godizila jamais poderia passar por ali: só a cabeça já ficaria entalada. Provavelmente apenas os pequenos jacarés na muda é que utilizam a passagem.

Após algumas dezenas de metros, o túnel termina em uma parede onde está fixada uma pequena e enferrujada escada de metal. Iuri vai na frente e abre o alçapão no teto. Depois de passar pelo buraco, estende uma das garras para ajudar Liana a subir. Ela sente uma pontada aguda na região da costela partida, e precisa morder os lábios para abafar um grito de dor.

O alçapão dá para um pequeno aposento de terra batida com paredes feitas com tábuas pregadas umas às outras. Os dois estão agora em um pequeno barraco abandonado. Uma luz difusa cerca o ambiente. A madrugada está começando a morrer.

– Espere aqui – diz o jacaré. – Eu já volto.

Liana repara em algo diferente no jeito de Iuri, por isso pergunta:

– O que foi? Está bolado com alguma coisa?

– Bolado, eu? Não, nada disso – ele abre um pouco a boca, em uma espécie de sorriso. – É que nunca vi ninguém deixar mainha tão puta da vida e continuar respirando.

– Ah, deixa disso – Liana acaba sorrindo também.

– Além do mais, princesa... Eu sempre soube que você era especial. Mas nunca imaginei que fosse uma fantasma – é nítida a admiração na voz do jovem jacaré. Liana não diz mais nada, mas começa a se sentir um pouco melhor.

Iuri realmente não demora muito para retornar. Ele carrega uma sacola plástica de supermercado, que entrega a Liana. E ela mal consegue acreditar em seus olhos: a sacola está cheia de hóstias. É a maior quantidade da droga que já viu na vida.

– Isso tudo é para mim? – ela pergunta, já tacando uma pílula na boca. Felizmente, dessa vez não houve nenhuma inoportuna manifestação intestinal.

– Vê se maneira aí, viu? Depois de conseguir escapar com vida do salão de Godizila, seria muita derrota se você morresse de overdose.

– Pode deixar, vou fazer essa hóstia render bem – sentindo a onda começando a bater, ela estende a mão para segurar uma das garras de Iuri. Já não sente nojo da pele escamosa. – Valeu mesmo, viu?

Iuri estende um maço de notas para ela.

– Essa grana é para o ônibus e para outras despesas, ok?

– Puxa, muito obrigada. Nem sei como agradecer.

– Na verdade, lembro que você prometeu fazer o que eu quisesse se te levasse até mainha – há um toque de malícia no sorriso dele agora. – E aí?

Liana não esperava por essa, mas não demora a reagir:

– Que seja – ela diz com frieza. – Vamos fazer aqui mesmo?

Ela faz menção de tirar a blusa, mas Iuri a impede.

– Ei, ei – ele diz, alarmado. – Eu só estava brincando.

– Não vou voltar com a minha palavra. Não é isso o que você quer?

– Princesa, escute. Antes de mais nada, nós não temos tempo para isso. Já esqueceu o que mainha falou? Tenho que colocar você em segurança o quanto antes – o jacaré coça a cabeça, exasperado. – Você sabe que quero muito isso. Quem sabe um dia rola da gente ficar... Mas para mim só vale se você quiser também. Forçada, não quero.

Navegando nos jorros de dopamina, serotonina e adrenalina que inundam seu cérebro, Liana sente uma emoção a mais ao fitar os olhos de Iuri. Ela estende a mão para tocar o rosto do jacaré, admirando pela primeira vez os detalhes no padrão cinza e verde de suas escamas. O beijo não chega a ser uma surpresa. A língua do jacaré é grande, áspera e seca, mas a sensação não é de todo desagradável.

– Temos de ir agora – ele diz após algum tempo. – Já está quase amanhecendo.

Os dois caminham pelo labirinto de becos e vielas, notando aqui e ali os primeiros indícios de que os moradores da favela já estão despertando para um novo dia de trabalho. Mas não chegam a ver ninguém pelas ruas. O toque de recolher só termina quando o sol nasce completamente, e Iuri conduz Liana de forma a evitar os postos de sentinela dos jacarés. Afinal chegam às margens de uma rodovia, nos limites da favela e da cidade.

– A partir daqui é melhor você seguir sozinha – diz Iuri. – Não seria nada bom se algum carro passasse e visse um jacaré andando fora da favela.

– Sim, estou sabendo – responde Liana.

– Siga nessa direção até aquele poste com uma placa azul lá embaixo, está vendo? Ali você pode pegar um ônibus para sair da cidade.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 1,97 x 10<sup>-58</sup>**

#### **ÔNIBUS INTERMUNICIPAIS**

Apesar de serem chamados de intermunicipais, esses ônibus são invariavelmente utilizados por cidadãos que desejam apenas ir de um ponto a outro da periferia da cidade. O fato é que nenhum dos ônibus ditos intermunicipais jamais abandona os limites do perímetro urbano. E o mais curioso de tudo é que ninguém parece achar isso estranho.

◆◆◆◆◆=◆43@ G \*#%+∂¥µ€RRO\*[[[\*[[[ MENSAGEM TRUNCADA ]\*]]\*]]

– Você está bem? – pergunta Iuri, preocupado.

– Sim, tudo bem. Foi só uma tontura, eu acho. Bom, melhor ir andando, né?

Sem dizer mais nada, Liana avança pelo acostamento. Acha melhor não olhar para trás quando ouve o jacaré dizendo:

– Boa sorte, bebê!



*segunda parte:*  
**...PARA A LUZ!**  
*ad astra*

## Capítulo VI

# ADEUS, MEU AMOR!



- \* Onde caminhamos às margens de uma rodovia.*
- \* Da vocação religiosa das circenses.*
- \* Como fazer balas de gengibre?*
- \* E Liana recebe o papel de honra em uma cerimônia.*

*“Temos bastante religião para nos fazer odiar,  
mas não o suficiente para nos fazer amar uns aos outros.”*

Jonathan Swift

Liana caminha sob o sol escaldante, quase a pino. Enfia uma hóstia na boca, sem diminuir o passo. A rodovia está quase deserta nessa hora alta da manhã. A menina segue no sentido contrário ao da pista, caminhando pelo acostamento. Um som monótono ecoa a cada passo do pé direito: *pléft. (...) pléft. (...) pléft.*

Sempre que dá ela vai se embrenhando pelo mato, se escondendo o máximo possível das vistas de algum passante. Mas nesse ponto da rodovia que ela atravessa agora nem teria como. A pista contorna um trecho montanhoso, estreito, com a parede rochosa de um lado e uma pirambeira muito íngreme do outro.

Um carro aparece ao longe. Liana fica imediatamente no saci. Procura algum buraco para se jogar, não vê nenhum. Só sossega um pouco quando enxerga que não é viatura da polícia. Tenta disfarçar, não dar na pinta, fingir que está apenas passeando. Mas já é muito tarde.

Quando o carro passa por ela, Liana se sente o alvo dos olhares de todos os ocupantes do veículo. A sensação intensa de estar sendo observada fica como um gosto ruim na boca, demora para passar.

(...) *pléft.* A frequência repetitiva alcança de modo fugaz sua consciência. Liana detecta a origem daquele barulho que vem martelando seu ouvido nas últimas horas. Sem parar de andar, olha para baixo, curiosa.

Da sandália do pé direito resta apenas o fecho ao redor do tornozelo, ao qual continua presa uma tira de plástico, que fica batendo no chão: *pléft.* No pé esquerdo não sobra vestígio algum de sandália. Os dois pés parecem inchados e muito feridos, cheios de bolhas estouradas. São feridas abertas e rosadas, empretecidas pela poeira do asfalto e pelo sangue pisado.

Liana caminha ainda por um bom tempo de cabeça baixa, fitando os próprios pés. Estranha não estar sentindo nenhuma dor. E coloca mais uma cápsula na boca. Afinal resolve parar por um instante, a fim de retirar do tornozelo o adereço inútil e incômodo. Ao se agachar para alcançar o tornozelo, sente a vista turva. A golfada chega de surpresa. Ela sente uma mão forte e nervosa dando uma sacudidela em suas tripas. Quando pensa que não, já cuspiu no asfalto uma gosma rala e esbranquiçada. Lá se vai outra magrela.

Nisso um ônibus passa, sem aviso prévio, em uma velocidade temerária para aquele trecho tão estreito. Por um instante frio e cortante, Liana teme ser arrastada pelo vento. Tem de se fincar bem com os pés no chão, para não ser carregada para longe.

E ela pensa novamente nas sandálias. E então consegue se lembrar. A sandália esquerda arreventou após um escorregão. E a direita parece que ficou presa na greta de um bueiro. Ou algo assim.

E ela pensa no susto que o ônibus lhe deu. Não tinha que pegar um ônibus? Volta a remoer a perda das sandálias. Tem uma coisa apertando sua mente. O sol estava raiando quando deixou a favela, ainda calçada. Como é que agora está dando meio-dia?

Esse tombo, que partiu sua sandália esquerda, foi mesmo uma queda feia. Por pouco Liana não quebrava o pescoço. E ela escorregou justamente porque pisou em falso, pois não estava conseguindo enxergar um palmo adiante naquela escuridão cavernosa. É isso que está apertando a mente de Liana. Estava escuro quando ela levou o estabaco. Era noite fechada. Em que momento entre a manhã e o meio-dia isso aconteceu?

No estado em que se encontra, Liana não teria como mensurar: está perambulando na pista há pelo menos trinta horas. A não ser pelo breve e abençoado período que passou desmaiada em uma vala, após levar essa queda no escuro, ela caminhou sem parar para comer ou dormir, na base do espinafre de hóstias.

O problema todo foi que o ônibus demorou a passar. Ela foi ficando agoniada, ainda mais depois que engoliu uma e outra magrelinha. Quando deu por si já estava se mandando a pé. Depois de algumas horas de paletada firme, o sol começou a cozinhar seus miolos no molho de zaserdopadre. Liana chegou a desconfiar que havia morrido e sido mandada para algum tipo de danação eterna.

Ela enfia uma das mãos no saco plástico amarrado no short. Dedos ansiosos averiguam quantas cápsulas ainda restam no saco. Liana não lembra mais como aquelas hóstias foram parar na mão dela, assim como esqueceu que tem um bolo de dinheiro enfiado na calcinha. Tudo o que ela sabe é que os lobos estão salivando em seu rastro, dobrando a esquina.

O sol está a pino quando Liana começa a caminhar ao longo de uma extensa propriedade rural. Ela repara na cerca alta encimada pelo arame farpado, decorada aqui e ali com placas vermelhas com desenhos de caveira e os dizeres:

PERIGO

ALTA VOLTAGEM

Ela imagina, distraída, o que aconteceria se tocasse na cerca. Alguns metros à frente avista o que parece ser a entrada principal da fazenda. Sentindo uma apreensão crescente, Liana avança

até chegar quase em frente à entrada da propriedade. Depois de olhar se não vem carro, ela se afasta para dentro da pista, tentando enxergar o que está escrito no portão:

FAZENDA ÔMEGA  
LAR DAS IRMÃS BONDADE

Liana fica petrificada. Dentre todos os lugares, foi parar justo ali. Tentando escapar dos lobos, acabou caindo em um covil de feras ainda mais sinistras. Todos sabem o que aconteceu com os zumbis da Fazenda Ômega. E o que vem acontecendo desde então com qualquer um que tenha a desventura de ser usuário de Z e acabar parando na fazenda das Irmãs Bondade.

**REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 2,31 x 10<sup>-23</sup>**

**IRMÃS BONDADE**

Anos depois do trágico passamento de Madre Geovana, fundadora das Irmãs Bondade, a verdadeira história e as origens da Ordem criada por ela continuam envoltas em mistério, polêmica e contradições. Muita confusão foi causada pelas discrepâncias encontradas no livro *Feminina Bondade: a vida e os ensinamentos de Madre Geovana*, autobiografia distribuída gratuitamente pelas irmãs missionárias nas esquinas da cidade, e em outras fontes igualmente questionáveis, como artigos científicos, documentos oficiais e notícias de jornal.

Reza a autobiografia que Madre Geovana, nascida Joana, foi viver em um convento ainda muito jovem, após a desilusão amorosa causada pela morte de seu noivo na guerra. Outros relatos, contudo, sugerem que Joana entrou para o claustro já em adiantado estado de gravidez, após ter sido seduzida pelo filho de um empregado da fazenda de seu pai. Segundo a maioria desses relatos alternativos, a criança foi criada no orfanato do próprio convento, junto com os filhos de outras freiras desencaminhadas. Mas houve também quem insinuasse que a criança fora assassinada ao nascer, ou mesmo morta ainda no ventre, apesar da gestação avançada.

Muitos anos se passaram. Ao cabo de longas reflexões e tribulações espirituais, a então Irmã Geovana decidiu quebrar o voto e fundar a sua própria igreja. Ao menos é o que consta no livro *Feminina Bondade*. Outras fontes dão conta de que Joana na verdade teria sido expulsa do convento, escapando por pouco de um processo penal, quando então assumiu a identidade de Madre Geovana e iniciou a Ordem das Irmãs Bondade. Por ter quebrado o seu voto de freira, Joana ficou em condições de se tornar a única herdeira e

legítima beneficiária do testamento de seu pai, convenientemente falecido pouco depois de ela ser expulsa da igreja.

E assim surgiram as Irmãs Bondade, instaladas na velha fazenda da família. Sua missão inicial era conceder abrigo, alimento e emprego às hordas de vagabundos, maconheiros e bêbados que então perambulavam pela cidade. E, ao mesmo tempo, funcionar como um bem-sucedido empreendimento agrícola. Por se tratar do último refúgio para tantos pobres infelizes, o local foi muito apropriadamente batizado de *Fazenda Ômega*.

E então, em meio ao choque dessa descoberta, Liana vislumbra um mistério oculto. Fica tão intrigada a ponto de esquecer um pouco seus temores. A Fazenda Ômega, os catorze zumbis... Como é que ela sabe de tudo isso? Nesse momento de extrema fadiga física e mental, surgem de repente essas claras e apavorantes certezas a respeito das Irmãs Bondade. De onde vieram essas certezas? Ainda mais se considerando que ela nunca nem ao menos botou os olhos em cima de nenhuma dessas freiras.

Por mais que tente, não consegue encontrar uma resposta. O máximo que chega a acessar é uma vaga noção de que o mistério está relacionado de alguma forma a uma coisa chamada registros akáshicos.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

Item nº 0,00 x 10<sup>-101</sup>

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

Supondo que houvesse um item sobre os *Registros Akáshicos* nos Registros Akáshicos, caberia responder: o que surgiu primeiro, os Registros Akáshicos ou o item sobre os *Registros Akáshicos*?

@^\$◆n€RRO\*[[[\*[[[**FALHANOREGISTRO**]]\*]]\*]]

O que foi isso? Liana não faz ideia. Só sabe dizer que parou de andar. Ela está parada, de boabeira, bem diante do portão de entrada da Fazenda Ômega. Tem que dar no pé. Agora. Só que não. Liana cai desacordada. Sua consciência se apagou de um golpe, sem aviso prévio. Como o vento soprando uma vela.

Algum tempo depois, a sensação de estar sendo carregada nos braços de alguém. São braços fortes, que a transportam com cuidado e proteção. Liana não se sente ameaçada. Ao abrir os olhos, sua vista é ofuscada por um rosto imenso e luminoso, que reflete de modo espetacular os raios inclementes do sol.

– A sua luz é bonita – Liana balbucia.

– O que você disse?

A voz é grave para uma mulher, e um pouco áspera também. Mas é um timbre que soa agradável aos ouvidos de Liana.

– Gratidão – ela diz, com um pouco mais de firmeza. Seus olhos já se acostumaram melhor à luz. Aos poucos, vai discernindo os detalhes da face imensa e brilhante diante dela. O rosto está empapado por um suor espesso e gorduroso, que reflete fortemente a luz solar. Liana agora consegue enxergar melhor o rosto. Mas é um rosto que não faz sentido.

– Não tenha medo – a mulher-coisa diz, notando a perturbação de Liana. – Quasie vai cuidar bem de você.

E então, piedosamente, a consciência de Liana volta a se desligar.

Segue-se um longo silêncio. E então uma sequência confusa de sons e sensações projetadas na neblina. A mente de Liana se transforma em um pequenino barco singrando o espesso oceano noturno da inconsciência. A maior parte do tempo o bote navega nos mares pacificados de uma severa sedação medicamentosa. Vez por outra, entretanto, o barquinho precisa atravessar as intensas tormentas e tempestades das dores e recordações agudas.

Às vezes alguém lhe dá banho, limpa sua sujeira, ajeita zelosamente a sua posição na cama. Apesar das dores, Liana gosta muito dessa sensação de estar sendo cuidada. E é em meio a esse bem-estar que ela acaba abrindo os olhos.

Ela está em uma espécie de enfermaria. É um quarto pequeno, muito simples e muito limpo. Está sozinha. Há três outros leitos paralelos ao seu, mas estão vazios. A parede branca defronte ostenta, como único artigo decorativo, o curioso crucifixo estilizado que é o símbolo das Irmãs Bondade. Está tão inclinado lateralmente que mais parece um X que uma cruz.

Liana está vestida com uma espécie de camisola branca bastante folgada, uns três ou quatro números acima. Só então ela repara na agulha espetada em seu braço. A agulha é afixada a uma mangueirinha, que pinga em suas veias o soro leitoso que sai do recipiente plástico acima de sua cabeça. A cama que ela ocupa é a mais próxima da porta e a mais distante da estreita janela, do outro lado do quarto. A luz do dia entra pela janela, mas Liana não consegue ver o céu.

Timidamente, ela diz:

– Olá?

Soa um farfalhar de cortinas, e então uma voz rude e familiar:

– Virgem Santa! Finalmente a bela adormecida acordou!

Ao virar a cabeça na direção daquela voz grossa, Liana descobre que não foi sonho nem alucinação a visão que ela teve daquele rosto imenso e inexplicável. A criatura que ela viu é bem

real, de carne e osso. Trata-se de uma mulher, aparentemente, pois está vestindo o hábito branco e roxo das Irmãs Bondade. Muito embora o traje mais pareça uma caricatura, ao cobrir aquele corpo deformado.

As costas se projetam acima da cabeça em uma pronunciada corcunda, que dá a impressão de que a cabeça foi arrancada e encaixada de volta no meio do corpo. Os braços são bastante robustos, embora desiguais: um se liga ao corpo em um ponto nitidamente mais elevado, e também parece maior e mais grosso. Não dá para ver as pernas por debaixo do hábito, mas é perceptível que são ridiculamente raquíticas, se comparadas com os braços. O corpo todo da mulher é retorcido e repuxado, como se algum terrível deus entediado a tivesse mascado como um chiclete antes de jogá-la no mundo.

O que causa a impressão mais contundente é mesmo o rosto. Parece ter sido dividido ao meio por um corte vertical e depois colado de mau jeito. É uma face em dois planos, com um olho acima do outro, um nariz retorcido com narinas assimétricas. Até mesmo a boca é torta, com o lado esquerdo esticado para baixo, em um permanente sorriso de escárnio.

E, em meio àquela caprichosa desarmonia, como toque final: os dois olhos de um verde luminoso, de beleza infantil, que agora fitam Liana com um misto de melancolia e resignação. A criatura diz:

– Eu sei, sou feia mesmo, né? Mas com o tempo você se acostuma.

– Não é isso – Liana se apressa em dizer, desconcertada. – É que estou um pouco zonga ainda.

Em confirmação a isso, ela volta a adormecer quase que imediatamente. Mais algum tempo se passa até uma sensação esquisita fazer com que acorde novamente. A freira monstruosa está debruçada diante de seu leito. Uma de suas mãos está enfiada entre as pernas de Liana. Ela tenta empurrar a freira e se levantar, mas uma forte pontada na lateral do corpo a joga de volta à cama, gemendo de dor. As mãos imensas da outra agora seguram seus ombros com delicadeza.

– Cuidado, querida. Você precisa evitar se mexer muito bruscamente. Está com uma costela partida, que ainda não sarou de todo.

Liana puxa o lençol até a altura do peito, como se tentasse se proteger. A freira olha para ela e diz, em tom magoado:

– Você não entendeu. Não é nada disso que você está pensando.

Ela enfia uma das mãos em uma espécie de bolso oculto em seu hábito, e de lá retira um frasco plástico, do tipo utilizado para guardar comprimidos.

– Tome. Isso é seu – diz, jogando-o para Liana.

Antes mesmo de abrir, ela já sabe qual é o conteúdo. São as hóstias que ganhou de Godizila. Só não imaginava que fossem tão poucas: restam apenas três dentro do tubo plástico. Nesse momento ela percebe algo estranho: não está com ânsia, nem mesmo diante da visão das hóstias. Muito pelo contrário, o que ela sente é a onda de Z começando a bater. Intrigada, volta lentamente o olhar para a freira, em uma pergunta muda.

– Primeiro tentei administrar as cápsulas por via oral – a irmã começa a falar, enquanto se afasta na direção da janela. Seu tom de voz é casual, mas é fácil perceber que ela ainda está um pouco chateada. – Infelizmente, o seu trato digestivo não está mais conseguindo absorver a droga. Foi só bater no estômago para provocar espasmos. Você não é mais uma bebezê, pois não consegue ingerir Z sem vomitar. Mas a julgar pelo estado de sua camisa quando a encontrei, você já sabia disso, não é mesmo?

Escabreada, Liana se limita a assentir. Um gesto que a freira não chega a perceber, pois está de costas, observando pela janela alguma paisagem invisível para Liana.

– Aliás, tive que jogar fora aquelas roupas suas. Estavam num estado que não tinha como salvar. Mas fique tranquila, que depois eu arranjo algo para você vestir.

– Tudo bem – murmura Liana. – Obrigada.

A irmã faz um gesto com a mão, como a dizer que aquilo não tem importância. Ela então se volta para fitar Liana:

– Mas, enfim, acabou sendo uma sorte eu ter visto a sua camisa toda suja de vômito. Pois assim eu percebi que você acabou de sair da fase oral de dependência de Z. Se não fosse por isso, provavelmente eu teria diluído as cápsulas em sua medicação intravenosa. E você estaria agora pior do que antes, pois já estaria viciada em tomar Z direto na veia.

Com uma agilidade insuspeitada em um corpo tão desproporcional, a freira avança de volta até perto do leito de Liana. Seu olhar é intenso, febril.

– Foi então que tive uma ideia: comecei a administrar as cápsulas como supositórios.

Liana leva algum tempo para processar o que ela está dizendo.

– Supositórios?

– Como você não está mais conseguindo engolir a droga por cima, o jeito foi enfiar lá embaixo. Até onde pude perceber, minha ideia funcionou bem. Seu organismo está conseguindo absorver a droga, e assim evitamos a crise de abstinência.

Liana baixa os olhos, sem saber o que dizer. A freira continua falando. Parece bastante satisfeita consigo mesma.

– Quando você acordou, eu estava apenas aplicando uma nova dose. Nada além disso.

Algo desperta em Liana. Ela ergue os olhos. Descobre que, se concentrar sua atenção exclusivamente nos olhos verdes, a freira acaba não parecendo assim tão repulsiva. Estende uma das mãos para tocar de leve a mão da outra.

– Quero lhe agradecer por estar cuidando de mim. A senhora salvou minha vida.

A irmã retira a mão abruptamente. Parece sem jeito, mas não de um modo ruim. Pelo contrário, a impressão que dá é a de ter ficado desmesuradamente feliz com o simples comentário de Liana.

– Ora, que é isso? Não foi nada, só fiz a minha obrigação de irmã – ela diz, toda sorridente, ajustando o capuz na cabeçorra. – E além do mais, a Senhora está no céu. Meu nome é Quasie, viu? Irmã Quasie, se preferir.

Liana sorri de volta:

– Certo. Irmã Quasie. Eu me chamo Liana. Mas pode me chamar de Lica. Meus amigos me chamam assim.

– Lica? Gostei. Combina bem com você, sabia?

– E o seu nome, irmã? É bem diferente, né? Desculpe a curiosidade, mas foi sua mãe que a batizou assim?

Liana está apenas tentando puxar conversa e desfazer de vez o mal-estar entre as duas. Mas não esperava pela resposta da outra:

– Não, querida. Eu nunca conheci minha mãe. Quando nasci me deixaram bem aqui, na porta da fazenda. No mesmo lugar onde encontrei você. Que coincidência, né?

– Poxa, me desculpe. Eu não fazia ideia.

– Não tem problema nenhum, Lica. Quando as irmãs me encontraram, a madre superiora decidiu me pegar para criar. Foi ela quem me botou o nome de Quasie. Ela disse que é porque eu sou quase humana.

Diante do olhar escandalizado de Liana, a freira acrescenta:

– Isso não foi assim como você está imaginando. Na verdade, a madre me colocou esse nome até meio como um elogio. Sério. É que as irmãs aqui são todas... Bem, logo você verá por si mesma. E, por falar nisso, tem algo que preciso conversar com você.

Naquele seu passinho acelerado, Quasie vai até o aposento anexo, separado da enfermaria por uma cortina de tecido plástico. Logo ela está de volta. Traz um maço de cédulas sujas e amarfanhadas em uma das mãos.

– Seu dinheiro está todinho aqui, viu? Não se preocupe.

Liana agora se lembra de onde veio aquela grana, mas estranha o fato de as notas estarem cobertas por umas manchas cor de ferrugem.

– Isso é sangue?

– Sim, Lica. É que você estava menstruada quando eu a encontrei. E como guardou o dinheiro na calcinha... Aliás, um hábito muito pouco higiênico, se me permite dizer.

– Desculpe.

– Também não precisa se desculpar, não chega a tanto. Mas a questão que preciso conversar com você é que vou precisar usar o seu dinheiro.

Liana não hesita em responder:

– Sim, tudo bem. Pode ficar.

A freira parece alarmada:

– Não, Lica querida, você não entendeu – ela se aproxima novamente da cabeceira. Começa a falar quase em um sussurro, com o rosto bem próximo ao dela. – O problema é que as hóstias que você trouxe estão no fim. Eu preciso do dinheiro para comprar mais cápsulas de Z para você.

O hálito da freira é adocicado, com um leve odor de gengibre. Liana se espanta com a proposta dela:

– Comprar Z? Por aqui?

– Sim, meu bem – Quasie responde, suspirando. – Eu nunca cheguei a ir lá, mas sei que existe uma boca a uns cinco quilômetros daqui. Eles devem vender Z.

Liana então pergunta, olhando diretamente nos olhos verdes da outra:

– Por que está fazendo isso por mim, irmã?

Quasie pousa uma das mãos na coxa de Liana, por cima do lençol:

– Eu disse que iria cuidar de você, não disse? Sei que você não pode ficar sem a droga.

Dentro das circunstâncias, isso é o melhor que eu posso fazer.

Liana ainda não consegue entender:

– Mas isso... aqui na Fazenda Ômega? Eu pensei que as Irmãs Bondade...

– Escute – Quasie interrompe. – Isso é muito importante. Ninguém aqui pode saber dessa história. Ninguém, entendeu?

A mão da freira crispava-se sobre a perna de Liana, que arregala os olhos de dor e espanto. Ela sacode a cabeça em concordância. Quasie continua a sussurrar, em um tom urgente:

– Não diga nunca para ninguém aqui que você é usuária de Z. Nunca.

Então as feições disformes assumem uma expressão atenta, como se a irmã estivesse tentando ouvir algo. Alguns instantes depois Liana consegue discernir um murmúrio de vozes se aproximando. Quasie coloca um dedo diante da boca torta, reforçando o apelo para que Liana não fale nada.

Nesse momento a maçaneta da porta da enfermaria faz um clique. O rosto da irmã assume uma careta que só pode ser uma tentativa de sorriso, quando três outras freiras entram na enfermaria.

Liana mal consegue disfarçar seu espanto e horror. As três irmãs apresentam sintomas agudos do Mal de Circe. A primeira delas, que abre a porta, fita Liana com os olhos apertados e desconfiados de uma hiena, enquanto o focinho rabugento ostensivamente fareja o ar em sua direção. Logo atrás dela vem uma freira alta e magra, com uma digna postura de autoridade que de algum modo combina com a cara escamosa de cobra naja. Os olhos amarelados de réptil avaliam Liana, então voltam-se para Quasie.

– Então a mocinha finalmente recobrou a consciência – sibila a freira serpente.

– Sim, Madre Isadora – responde a outra, com humildade. – Para falar a verdade, ela acaba de acordar.

Liana, contudo, nem percebe que é ela o assunto da conversa. Seu olhar assombrado está fixo na terceira freira que adentra o recinto. Ela é muito baixa e atarracada. A cara negra e hirsuta ostenta diversos olhinhos vermelhos, malévolos e brilhantes, que parecem enxergar em todas as direções enquanto as poderosas quelíceras em sua mandíbula agitam-se ameaçadoramente. Se Liana ainda não estivesse chapada de Z, provavelmente gritaria de pavor ao avistar aquela aranha-caranguejeira gigante. Ela jamais havia visto um caso tão horrendo quanto o daquela freira circense.

### **REGISTROS AKÁSHICOS**

**Item nº 2,37 x 10<sup>-23</sup>**

#### **FREIRAS CIRCENSES**

Em um ponto ao menos concordam até mesmo os piores detratores de Madre Geovana com sua autobiografia: se não houvesse a Ordem das Irmãs Bondade, dificilmente haveria uma Lei dos Direitos Circenses. A prosperidade e a crescente influência da Fazenda Ômega foram decisivas na promulgação dessa lei.

Até então, praticamente o único refúgio para mulheres diagnosticadas com o Mal de Circe era ingressar na ordem monástica das Irmãs Bondade. A própria Madre Geovana, fundadora da Ordem, apresentava inconfundíveis traços caprinos, com os cornos pontudos projetando-se com elegância do capuz de freira no único retrato conhecido da fundadora, feito por algum talentoso pintor anônimo.

De todo modo, a tradição vem sendo mantida. Praticamente todas as mulheres que fazem os votos para se tornar uma Irmã Bondade são acometidas por um grau mais ou menos severo do Mal de Circe.

– Então é por isso – murmura Liana.

– O que foi que você disse, menina? – indaga a Irmã Naja.

No silêncio que se segue, Liana demora a perceber que uma resposta está sendo esperada dela.

– Menina – volta a falar a cobra, em tom severo. Está claro que ela não está acostumada a não ser respondida de imediato.

Liana sai de seu transe. Olha aturdida para a cobra. No entanto, antes que possa pensar em algo para dizer, a Irmã Quasie parte em seu auxílio:

– Perdoe, Madre. Ela ainda está sedada. Acabou de acordar, como eu disse.

– Pois muito bem – concede a superiora, com frieza. – Cuide para que ela esteja em condições de partir o quanto antes. Não podemos nos dar ao luxo de deixar você cuidando de uma única paciente, Quasie. Ainda mais quando há tanto trabalho a ser feito.

– Sim, Reverenda Madre.

Liana não gosta nem um pouco da novidade. Partir da fazenda significa voltar a fugir da polícia e sabe-se lá de quem mais. Uma ideia desesperada entra em sua cabeça. As freiras circenses estão se virando para sair da enfermaria quando ela diz:

– Com licença, dona Madre.

As três estacam e se voltam para Liana como se formassem um único ser. A serpente avança um passo na direção do leito de Liana e estende a língua bífida para fora da boca antes de responder:

– Pois não, criança. Pode falar.

Liana engole em seco. Para ganhar coragem, pensa nos lobos que estão atrás dela.

– Eu gostaria de lhe fazer um pedido, se não for abusar de sua bondade. Me deixe ficar aqui trabalhando na fazenda. Ajudando no que for preciso. Eu topo qualquer serviço. Prometo que não vou decepcionar a senhora.

Os olhos da cobra brilham com uma nova intensidade:

– O que significa isso? Você quer se tornar uma Irmã Bondade?

A hiena rosna com desprezo. A caranguejeira agita as quelíceras. Liana se encolhe.

– Não chego a pedir tanto, Madre. Só peço que me deixe ficar por aqui, trabalhando. Não tenho nenhum outro lugar para ir. Já errei tanto nessa vida, e tudo o que quero agora é servir e agradar a Deus.

Madre Isadora olha demoradamente para Liana antes de responder. Afinal diz:

– Como é seu nome, criança?

– Liana.

– É muito louvável o seu desejo. E você, Quasie, o que acha disso?

A enfermeira tem um sobressalto, como se a pergunta a assustasse.

– Não sei se é uma boa ideia, Madre Isadora – ela diz, retorcendo as mãos, com os olhos fixos no chão. Está nitidamente desconfortável. – A menina parece bem-intencionada, mas... acho que não vai se adaptar à nossa vida aqui.

Nisso a hiena funga e grunhe:

– Mas que besteira é essa, Quasie? Quer dizer que não somos boas o bastante para ela?

– De modo algum, Irmã Sílvia. Perdoe se me expressei mal. Pelo contrário, penso que talvez uma moça da cidade, tão nova ainda, não consiga se enquadrar bem nos rigores de nossa ordem. Só isso – Quasie balbucia, a imagem da consternação.

Mas a superiora já tomou sua decisão:

– Vamos fazer uma experiência. A menina continuará sob sua supervisão, Quasie. Coloque-a para trabalhar com você na produção das balas.

– Mas, Reverenda Madre... – Quasie ainda tenta argumentar, mas é de pronto fulminada por um olhar venenoso.

– Está questionando minha decisão?

– De modo algum, Reverenda. Perdoe minha estupidez.

A cobra limita-se a acrescentar com frieza:

– Pois muito bem. Então estamos conversadas.

E, sem dizer mais uma palavra, retira-se do aposento, sendo imediatamente seguida pelas outras duas. Por alguns momentos a enfermaria fica mergulhada no silêncio. Liana evita olhar na direção de Quasie quando resolve dizer:

– Peço que me perdoe, Irmã. Sei que já lhe dei muito trabalho. É que realmente eu não tenho nenhum outro lugar para ir.

Basta isso para que a freira esteja novamente debruçada sobre Liana:

– Mas que bobagem, Lica! Não é trabalho nenhum. Eu é que lhe devo desculpas. Acho que dei a impressão de que não queria que você ficasse aqui, não é mesmo?

– Eu entendo perfeitamente – Liana sente a necessidade de dizer.

– Não, meu bem. O pior é que não – diz a outra em um tom meio triste.

– Como assim, Irmã?

– Deixe isso para lá, Lica. Não tem importância. O melhor agora é você descansar um pouco. Já teve muitas emoções por hoje.

Mas Liana não quer desistir tão fácil:

– Eu percebi que você estava tentando me proteger de alguma coisa, Irmã Quasie. Espero que não fique zangada, mas essas freiras me deixaram meio cabreira. Elas não são como você. Aquela então, com o jeitão de aranha, a que não falou nada. Ela me meteu medo mesmo, sabia?

– A Irmã Berta? – Quasie solta uma risada curta. – Ela não é tão ruim assim, coitada. Está fazendo voto de silêncio por alguns dias, como penitência.

– Achei ela sinistra que só – insiste Liana.

A freira responde, com uma pitada de impaciência:

– É com aquilo que parece inofensivo que você deve se preocupar. E agora chega. Hora de descansar, mocinha.

Dois dias depois, Liana recebe alta da enfermaria.

– Se dependesse de mim, você ficaria de molho mais um tempinho, até colar bem essa costela – comenta a Irmã Quasie, ao conduzir Liana até o seu posto de trabalho. – Mas a Madre Isadora acha que é melhor você ir me ajudar com as balas o quanto antes.

A enfermaria onde Liana estava fica no prédio central da fazenda. Quasie lhe explica que é uma enfermaria especial, destinada às irmãs doentes. A principal, para os internos, fica em outro prédio. Como apenas homens são admitidos para tratamento na Fazenda Ômega, Quasie só obteve autorização para cuidar de Liana na enfermaria das freiras.

A fazenda possui ainda uma extensa área de cultivo de vegetais diversos, além de uma modesta criação de porcos, cabras e galinhas. Toda a mão de obra é composta por internos, que trabalham sob a supervisão direta das freiras.

– Evite circular por aí sozinha – alerta a companheira de Liana. – Com exceção das irmãs, que não contam, esses homens todos não veem mulher há um tempão. A melhor maneira de lidar com um problema é evitar que ele aconteça.

Nesse momento as duas estão passando diante de uma capela de madeira, de aspecto bem rústico. Quasie segura o braço de Liana com tanta força que chega a machucar.

– Esse é um dos maiores problemas que você pode evitar. De jeito nenhum quero você andando por aqui, entendeu? A capela é de uso exclusivo das Irmãs Bondade.

Liana vai trabalhar em um pequeno galpão nos limites da fazenda, bem distante do prédio principal. Quasie conta com orgulho que ela mesma construiu o galpão, depois que recebeu a permissão de Madre Isadora para tocar em frente o projeto de produzir balas artesanais de gengibre.

– Começou como uma produção caseira, para atender o pessoal da fazenda mesmo. As noites são muito frias por aqui, como você já percebeu. E muitas freiras e internos acabam com

resfriados e dores de garganta. Mas as minhas balas fizeram tanto sucesso que a Madre está pensando em aumentar a produção e mandar alguns residentes irem vender na cidade.

Vinte ou trinta metros separam o galpão da cerca elétrica que delimita a fazenda. Esse espaço é utilizado como uma pequena área de cultivo, onde se sobressaem os arbustos alinhados, com pouco menos de um metro de altura cada.

– Eu mesma plantei todos esses pés de gengibre. Até hoje trabalhei sozinha na produção das balas. Vai ser bom ter companhia.

A freira olha significativamente para Liana antes de acrescentar, apontando para a cerca e para a rodovia além dela:

– Eu estava aqui quando vi você passando. Parecia que ia desmaiar a qualquer momento. Mas ainda consegui andar um bom pedaço até o portão.

Inicialmente o trabalho de Liana se resume a cortar o gengibre em pequenos pedaços, para que Quasie possa moê-lo no pilão em seguida. Aos poucos, no entanto, a irmã vai confiando a Liana outras etapas da produção: misturar o gengibre moído com açúcar, suco de limão e um pouco de manteiga, mexer incansavelmente o tacho no pequeno fogão a lenha, separar e moldar com a colher de pau as pequenas porções do doce para serem jogadas na bacia de água fria e, finalmente, embalar cada porção no papel celofane.

Liana trabalha com afinco e dedicação. Está feliz por poder se dedicar a uma atividade produtiva, por sentir-se útil. O único inconveniente é que a Irmã Quasie regula com mão de ferro a sua cota de Z, reduzida a três doses diárias: uma pela manhã, outra à tarde e a terceira pouco antes de dormir.

– Precisamos fazer essas cápsulas durarem, Lica. Dinheiro é algo que não existe por aqui, você precisa entender isso. A Fazenda dá dinheiro sim, e muito. Mas dinheiro não circula aqui dentro. E, mesmo que eu consiga o dinheiro, não sei quando poderei escapulir de novo para comprar mais. Sem contar que quero manter sua dependência no nível mais baixo possível.

Liana pouco sai das imediações do galpão. Todos os dias Quasie traz suas refeições da cantina dos internos, e à noite Liana dorme no galpão mesmo, sobre uma esteira no chão. Mas as precauções de Quasie não funcionam por muito tempo: logo corre na fazenda a notícia de que uma moça bonita está ajudando a corcunda na fabricação das balas. Alguns internos mais corajosos aparecem para conferir a novidade de perto, mas são escorraçados pela Irmã Quasie na base do cascudo e do catiripapo.

Ao cabo da primeira semana, Liana executa sozinha todas as etapas da produção da bala, sob o olhar atento e orgulhoso da freira. Nessa mesma noite as duas se tornam amantes. Quasie se revela terna e surpreendentemente hábil. Ela jamais busca a própria satisfação: seu maior

prazer é proporcioná-lo a Liana, que não se recorda de ter sido tocada de forma mais gentil ou carinhosa.

Certa noite, contudo, Liana repara que Quasie está ensimesmada, bem diferente de sua habitual tagarelice:

– Tem alguma coisa apertando sua mente, Qua? Estou sentindo você meio esquisita.

– Ah, Lica, não há de ser nada – a freira responde, após um leve sobressalto. – É que Madre Isadora me mandou ir amanhã até a cidade, para comprar uns mantimentos.

– Isso é problema?

– Não. Espero que não. É que normalmente quem cuida dessa parte é a Irmã Sílvia, mas a Madre disse que ela não vai poder sair da fazenda por esses dias, pois está supervisionando as outras irmãs no processo de adaptação de uma leva grande de internos que chegou essa semana.

– Sim, eu vi o ônibus quando chegou – comenta Liana. – Foi um bocado de gente, né?

Mas Quasie nem parece ouvir, absorta em suas cismas:

– O que está me agoniando é que amanhã é noite de lua nova.

– E o que tem?

– Será a primeira lua nova desde que você chegou na fazenda, Lica.

– É mesmo? Mas por que isso está lhe encafifando?

– Deixa pra lá – Quasie esboça um sorriso, faz um carinho nos cabelos de Liana, sem conseguir disfarçar sua preocupação. – É só maluquice minha. Mas eu preciso que você me prometa uma coisa, Lica: que não vai arredar o pé desse galpão amanhã. Vou fazer de tudo para voltar amanhã mesmo, mas o mais provável é que eu tenha de pernoitar na cidade.

– Fique tranquila, Qua. Vai ser só um dia. Pode confiar em mim, não vou colocar você em problema.

– Não é isso, meu bem. Claro que eu confio em você.

No dia seguinte, ao acordar, a primeira coisa que Liana vê é o farnel, com comida mais que suficiente para o dia todo. Normalmente Quasie fica com ela no galpão até pouco antes do nascer do sol, quando se esgueira até o dormitório das irmãs. Liana calcula que, com esse cuidado de providenciar sua marmita antes de sair, ela mal deve ter pregado o olho essa noite.

Junto com a comida Liana descobre um pequeno embrulho de papel contendo quatro hóstias. Ela promete a si mesma seguir o rígido cronograma estabelecido por Quasie. Assim, se ela voltar mais cedo, terá motivo para se orgulhar.

A manhã e a tarde transcorrem sem incidentes. O sol está quase se pondo quando Liana recebe uma visita inesperada no galpão. É a Irmã Berta, que sem dizer uma palavra sinaliza para

que ela a acompanhe imediatamente. Liana não ousa desobedecer, e segue a aranha, mantendo humildemente a distância de alguns metros.

A freira-caranguejeira não precisa virar a cabeça para saber que Liana caminha logo atrás dela, mas a todo momento faz um gesto com a mão cabeluda, pedindo pressa. A um dado instante, Liana percebe que Irmã Berta não está se dirigindo para o prédio principal, e sim para a pequena e sombria capela de madeira. Algo lhe diz que ela tem mais é que dar no pé agora mesmo.

Ao olhar para trás, no entanto, percebe que várias outras freiras se aproximam pela estradinha que leva até a capela. Distingue a Irmã Sílvia e algumas outras que conhece de vista: uma cadela vira-lata, uma lesma babenta, uma urubu velha e encarquilhada, entre outras.

Um segundo de distração é o bastante. Quando Liana dá por si, a Irmã Berta está em cima dela, empurrando um pano molhado e gelado em sua cara. Liana ainda tenta se debater, mas o clorofórmio leva apenas alguns segundos para fazer efeito.

Liana vai recobrando a consciência aos poucos. Em meio à escuridão, ela sente um cheiro opressivo e sufocante, como o de um incenso acre e muito forte. Uma monótona cantilena coletiva vai entrando em seus ouvidos, e ela se esforça para retirar daqueles sons algum significado:

– *cona adorada,*  
*buceta profunda,*  
*xoxota molhada,*  
*admirável bunda!*

Ela afinal consegue abrir os olhos. A iluminação mortiça provém de inúmeras velas, que conferem uma tonalidade amarelada e fantasmagórica ao ambiente. Não há dúvida de que Liana se encontra dentro da capela. Aparentemente ela ocupa uma posição de destaque, deitada sobre o altar. Madre Isadora está bem diante dela, com um ar solene e compenetrado, conduzindo a ladainha que é cantada em coro por toda a congregação. Pelo barulho das vozes, a capela deve estar lotada. Então Liana repara na imensa estátua que se ergue por detrás de Madre Isadora. É a representação de uma mulher circense, completamente nua. A cabeça é de cabra, os seios fartos, os braços e pernas abertos formando um X, lembrando o crucifixo meio caído de lado que é o símbolo-mor das Irmãs Bondade.

– *teta opulenta,*  
*pentelho eriçado,*  
*vagina que esquenta,*

*períneo dourado!*

A própria Liana está posicionada de forma semelhante à da estátua, com os braços e pernas em X, amarrados na base do altar. Ela tenta dizer algo, suplicar, gritar por socorro, mas tudo que consegue emitir são murmúrios abafados e aflitos enquanto sacode inutilmente a cabeça. Sua boca também foi amordaçada.

– *mamilo enrugado,*  
*menstruação imunda,*  
*pequeno lábio rosado,*  
*vulva escura e funda!*

A cantoria parece vir em um suspense crescente, até atingir uma tensão intolerável. Ao voltar os olhos para a congregação, Liana não pode crer no que vê. Não há assentos vagos na capela. Cada um dos bancos de madeira é ocupado em quase todo o seu comprimento por um homem deitado com uma freira por cima, a cavalgá-lo no ritmo da cantilena. Liana não consegue reconhecer nenhum deles. Devem ser os novatos que chegaram de ônibus. Eles parecem catatônicos, narcotizados, enquanto copulam com as freiras.

A maioria das irmãs continua vestindo o hábito, de forma que as saias caem por cima das cinturas dos homens, tornando a cena um pouco menos explícita. Uma das notáveis exceções é a Irmã Berta, com as quelíceras se agitando nos estertores do êxtase e as pernas de tarântula arreganhadas, levantando a saia e expondo sua vagina aracnídea no ato de deglutir o falo em riste do rapaz desacordado debaixo dela.

Um tópico bastante comentado na vida de Madre Geovana diz respeito ao seu vasto conhecimento sobre os poderes das ervas, folhas, raízes e cascas de árvore. As garrafadas medicinais das Irmãs Bondade ganharam fama na região e contribuíram para o êxito financeiro da Fazenda Ômega em seus primeiros anos. Em uma passagem controversa de sua autobiografia, Madre Geovana afirmava conhecer poções secretas capazes de provocar os mais extraordinários efeitos, tais como “fazer adormecer completamente um homem, sem privá-lo de sua masculinidade”.

Então todas as freiras voltam os olhos na direção do altar. Os olhares convergem para um ponto acima da cabeça de Liana: Madre Isadora com um braço erguido, exibindo o objeto que reflete espetacularmente a chama das velas. É uma adaga comprida e prateada, de aparência bem afiada.

– *peito arredondado,*  
*gozo salgado,*  
*cabaço estourado,*  
*clitóris sagrado!*

O discurso de Madre Geovana sobre a questão do Mal, reproduzido no livro *Feminina Bondade*, provocou muita polêmica. Elaborando uma cosmogonia muito particular sua, Madre Geovana afirmou que o Mal surgira quando os homens foram seduzidos pelo desejo de tornar dominante o princípio masculino. Assim passaram a reprimir, combater e extirpar tudo o que fosse ligado ao princípio feminino, que a partir de então passou a ser associado ao Mal. E assim os homens inventaram o Diabo, como uma figura equivocadamente masculina, quando era na verdade a própria personificação das supostas más tendências femininas.

Soa um barulho difuso, seguido de gritos e imprecações. O vulto de Quasie aparece veloz diante dos olhos de Liana, atirando Madre Isadora ao chão. Seguem-se mais gritos indignados, barulho de luta e de coisas caindo. As mãos fortes de Quasie arrebatam Liana e livram seus braços e pernas das amarras. Ao levantar do altar, ela vê Madre Isadora caída no chão, com o pescoço torcido em um ângulo bizarro. Só então ela percebe o cabo da faca se projetando da barriga de Irmã Quasie, tingindo seu hábito de vermelho.

Vários trechos desse discurso sobre o Mal acirraram a oposição entre facções, como o Movimento de Extrema Defesa dos Direitos Humanos, grupo radical responsável pelo atentado que tirou a vida de Madre Geovana, em circunstâncias misteriosas que nunca foram totalmente esclarecidas.

“O erro dos homens”, explicou Madre Geovana no trecho mais célebre de seu discurso, “foi confundir a Mulher com o Mal”. Pois assim passaram a precisar de uma igreja para protegê-los desse Mal, que, no entanto, só existe no coração do próprio homem. “E assim,” continuou ela, “na falta de um Diabo real para combater, a igreja dos homens foi consolidando o seu poder através da sistemática opressão às mulheres.”

Foi nesse polêmico ponto do discurso que Madre Geovana lançou as bases de sua reforma teológica, propondo a Ordem das Irmãs Bondade como modelo de uma nova igreja, fiel à essência dos autênticos ensinamentos da antiga, mas livre dos erros de julgamento acumulados ao longo dos séculos: “o próprio símbolo da cruz, tão representativo dos valores da velha igreja, traz oculto em si um símbolo fálico, com sua eterna promessa de submissão do feminino. Resistir a essa energia fálica, opondo-lhe

outra força igual e contrária, é apenas o ineficiente método masculino, que na pior das hipóteses acaba engendrando todas as guerras. O modo feminino de lidar com um falo em riste, por outro lado, consiste em aliviá-lo de seu poder, esgotando-o, para então deitá-lo bondosamente ao chão, enfim pacificado.”

Algumas velas são derrubadas na confusão, e a toalha que cobre o altar começa a pegar fogo. As outras freiras se recuperam parcialmente do susto e avançam para as duas. Mas Quasie é mais rápida e arrasta Liana até uma porta lateral.

– Corra, Lica!

Quasie empurra Liana para fora da capela. Então volta a fechar a porta por dentro, disposta a enfrentar a Ordem das Irmãs Bondade inteira para conceder à sua protegida mais alguns instantes de fuga. A sorte está do lado de Liana: o fogo se espalha rapidamente na capela de madeira. No pânico que se segue, poucas são as irmãs que conseguem escapar com vida, e nenhuma delas com ímpetos de perseguição.

Enquanto corre noite adentro, com a capela em chamas às suas costas, Liana tem a nítida impressão de ouvir a voz de Quasie pela derradeira vez:

– Adeus, meu amor!

## Capítulo VII

# PERNAS NOVAS NO PEDAÇO!



*\* Onde procuramos um lugar para dormir.*

*\* Da arte de contar histórias.*

*\* Fantasmas existem?*

*\* E Liana reencontra um velho conhecido.*

*“Toda vida é uma marcha, através da tentação, para a virtude ou para o vício.”*

**Lyman Abbott**

O vento passa assoviando pela rua vazia. Liana esfrega os braços com as mãos, tentando espantar o frio. Tem ventado muito: prenúncio de chuva. É melhor ela encontrar o quanto antes um lugar para passar a noite.

O som de seus passos ecoa na calçada. Quase não há mais carros nessa hora deserta de fim de noite. Logo mais à frente a rua desemboca em um viaduto. Vale a pena investigar.

Faz três dias que Liana está de volta à cidade. Ela conseguiu uma carona pouco depois de fugir da Fazenda Ômega. Mas sua sorte parece ter acabado por aí. Os problemas foram surgindo, um atrás do outro, que nem uma fila de doentes no posto de saúde.

Para começar, a questão básica da sobrevivência. Que, no caso dela, se resume a pão e hóstia. Liana não se atreve a voltar para o calçadão ou para o Cinema Orxxx. É muito arriscado, pois os lobos ainda devem estar à sua procura. Pelo mesmo motivo, ela não pode sequer pensar em voltar para o cafofo, ainda mais depois da traiagem de Tio Bui.

O jeito foi tentar a sorte mais para o Centro, na parte velha da cidade, na zona de baixo meretrício, onde vão parar as putas decadentes, sífilíticas e desdentadas. Liana ainda está vestida com as roupas que usava ao escapar da fazenda, as melhorzinhas que Quasie conseguiu descolar para ela no baú de doações: uma camiseta vagabunda com a propaganda de um político, shorts masculinos, que ficam muito largos nela, e chinelos de borracha. Mesmo assim, ela é de longe a oferta mais tentadora da região, e não teve problemas para conseguir clientes. Só que acabou atraindo as atenções indesejadas de prostitutas veteranas, que logo a botaram para correr devido ao que consideraram concorrência desleal, e também de um repugnante cafetão circense com cara de carrapato, que queria a qualquer custo transformar Liana em sua mais nova bolsa de sangue.

Como resultado, só levantou uma merreca, que mal deu para umas poucas magrinhas. Não sobrou nenhum para o rango. Liana teve de se virar vasculhando as lixeiras dos restaurantes.

Depois teve a questão da dormida. Na primeira noite, Liana acordou com um mendigo imundo em cima dela, que só sossegou depois de levar uma joelhada fixe nos ovos. Na noite seguinte, Liana decidiu ficar em um lugar mais à vista. Foi para debaixo de uma marquise de ônibus. Mas dessa vez foi uma viatura que parou no ponto para perturbar. Liana deu no pinote na mesma hora.

Hoje à noite a situação está ainda menos auspiciosa, com o vento frio e a promessa de chuva. Além disso, há também o cansaço acumulado das duas noites maldormidas. Liana já

tomou sua pílula de boa noite e agora tudo o que quer é encontrar algum lugar onde possa dormir por algumas horas.

O viaduto à frente parece vazio. Vai ter de servir. Ela considera mais uma vez a ideia que vem lhe ocorrendo com frequência, desde que voltou à cidade: tentar falar com Iuri e pedir que ele interceda mais uma vez por ela junto a Godizila. Mas, como sempre, a ideia é descartada de imediato. Liana sabe que já queimou todos os cartuchos com Godi. Dali não vai sair mais nada que preste. Mas bem que podia ser verdade aquele papo de Liana ser um fantasma, não é mesmo? Assim não estaria nesse baita perrengue agora.

### REGISTROS AKÁSHICOS

Item nº 1,32 x 10<sup>-57</sup>

#### FANTASMAS

Os fantasmas não existem. Então qual é a razão para um item sobre fantasmas nos Registros Akáshicos?

◆◆0—————◆<ERRO\*[\*[[[FALHANOREGISTRO]\*]]\*]]

Liana sente uma espécie de vertigem. Estende a mão para se escorar na parede do viaduto.

No entanto, se morri há muito tempo e estou aqui, falando com você, posso ser considerado uma espécie de fantasma, não é mesmo?

@^\$◆%ERRO\*[\*[[[MENSAGEMTRUNCADA]\*]]\*]]

Ela se vira num sobressalto. Olha de um lado para o outro, mas não consegue ver ninguém.

Você precisa prestar bastante atenção agora. É muito importante. Foi difícil estabelecer esta conexão, e a qualquer momento podemos ser descobertos. Nosso tempo é curto e precioso.

◆^◆rñ...

– Quem está falando?

Liana grita, assustada, girando a cabeça freneticamente. Mas não consegue ver ninguém. Então ela tem a impressão de ouvir uma risadinha abafada. O som parece vir de algum lugar sob o viaduto, poucos metros à sua frente.

Antes de mais nada, entenda uma coisa. Você carrega algo muito especial. É por isso que eles tentaram matar você. E vão continuar tentando.

– Tem alguém aí?

Ela avança resolutamente até o local de onde parecia estar vindo o som de risos, mas não há ninguém ali. Mesmo em meio à penumbra, é possível ver o suficiente para saber que não há como alguém se esconder naquele espaço exíguo. Liana começa a duvidar de seus sentidos. Talvez essa última hóstia que ela tomou estivesse adulterada. É por isso que ela está tendo essa onda braba.

Para que possa entender o que você é, precisa entender primeiro como se tornou assim. E para isso precisamos voltar bastante no tempo, até antes da colisão do asteroide Perses com a Terra.

Ela agora sabe com certeza que está surtando, que tudo não passa de alucinação. Tem uma vaga lembrança de ouvir alguém comentando sobre um asteroide perigando de bater na Terra, mas isso ainda está para acontecer. É algo no futuro, não no passado. Essa descoberta de certa forma tranquiliza Liana. Ela acha melhor ir dormir e curar a noia doida de Z.

Observando agora com mais atenção, ela considera essa área sob o viaduto perfeita para passar o resto da noite. Tem até uns pedaços de papelão em um canto, que ela pode juntar para improvisar uma cama. Só estranha o local estar abandonado. Como é que uma guarida boa dessas está assim dando sopa?

Há uma quantidade ainda não estabelecida de anos, meses e dias-luz do ponto no espaço-tempo que você ocupa agora, o Asteroide 9047 Perses colidiu com a Terra, causando uma explosão de milhares de megatons. O resultado foi uma provável extinção da vida no planeta. Ou ao menos da vida humana. A verdade é que não se sabe ao certo. Ninguém voltou lá para ver.

O cansaço fala mais alto. Liana se ajeita como pode por cima das tiras de papelão. Está decidida a dormir.

A notícia não foi mantida em segredo. Três anos antes da data estimada para o impacto, as Nações Unidas fizeram um comunicado especial. Foi uma cerimônia transmitida ao vivo para o mundo todo. O evento em si foi bem simples: nada além de uma longa fileira de representantes lendo, um por vez, o mesmo texto em praticamente todos os idiomas falados no planeta. O texto foi habilmente escrito. Sucinto e sóbrio, trazendo, no entanto, uma sutil mensagem de encorajamento e positividade. Após uma elegante saudação a todos os seres humanos, o anúncio de um grave perigo: um asteroide de tamanho considerável aproximando-se da Terra em rota de colisão.

Liana está começando a cochilar quando uma dorzinha aguda na perna a desperta. Abre os olhos, aturdida. Outro golpe a acerta, dessa vez na costela, logo abaixo do seio direito. Ela pega no chão o objeto que a atingiu. É uma pedrinha bem pequena, menor que a unha de seu dedo mindinho. Espreitando a semiescuridão ao redor, ela diz, tentando botar maldade na voz:

– Quem é que está tacando pedra?

O asteroide ainda estava a uma distância considerável, a milhões e milhões de quilômetros. De acordo com os cálculos, levaria mais três anos para alcançar o ponto de impacto. Esse era o prazo para a humanidade deixar de lado as desavenças e unir esforços para encontrar uma solução. Já estava em andamento uma série de planos de salvaguarda, cobrindo toda uma gama de cenários possíveis. Todos os cidadãos do mundo foram conclamados a ajudar, em especial os cientistas, líderes comunitários e religiosos, a classe artística e a intelectualidade. Com toda certeza, alguma solução seria encontrada para deter ou desviar o asteroide.

Liana volta a ouvir risinhos abafados, entremeados por cochichos. Força a vista, mas não consegue distinguir o menor sinal de movimento. Até que outra pedrada a atinge bem no queixo. Ao passar a mão no local dolorido, ela percebe que está sangrando. O sono foi totalmente dissipado. Ela se esforça para esconder o medo na voz, mas não consegue totalmente:

– Que zoeira é essa?

E aqui foi anunciada a segunda grande notícia do dia: nós não estávamos sós. Sabedores do perigo que se aproximava da Terra, seres de uma espécie muito avançada decidiram

intervir a nosso favor. Esses seres, que nós começaríamos a chamar de Povo Akasha, ou simplesmente Akasha, iriam se apresentar publicamente em uma nova cerimônia dali a três dias.

Ela está com o tronco meio erguido, apoiada com os cotovelos sobre o papelão. Olha nervosamente de um lado para o outro, tentando descobrir onde se escondem seus misteriosos agressores. Será que são esses os tais fantasmas? Mas por que estão jogando pedras nela?

Diante da enormidade dos fatos comunicados, a ONU determinava a imediata cessação de hostilidades em todo o mundo. Um tratado com a promessa de paz e o juramento de lealdade já estava assinado pelos líderes de todas as nações, sem exceção. Essa foi a terceira grande notícia do dia. A cerimônia transmitida ao vivo ainda continuou por muitas horas, com representantes de todos os países repetindo, cada um em sua língua, o juramento de paz e a ordem de imediato cessar-fogo.

Um golpe surdo a acerta na altura do ombro. Mas não parece ter sido uma pedra desta vez. A sensação foi de ter levado um chute, embora dado não com muita força. E então uma pancada no topo de sua cabeça. Isso também não foi pedrada. Está mais para cascudo.

Os dois dias seguintes ao pronunciamento das Nações Unidas foram bem interessantes. Como era de se esperar, a mídia teve um surto de histeria coletiva. Isso não chegou a perturbar a paz. Houve, sim, tentativas esparsas de guerra em diversos pontos do planeta. Todas fracassaram logo no começo. Por algum motivo misterioso, nenhuma arma ou equipamento de guerra funcionou naquele dia. E nem no dia seguinte. Nem nunca mais. Nenhum fuzil, pistola ou metralhadora voltou a atirar, nenhuma bomba conseguiu explodir, nenhum míssil voou, nenhum tanque saiu do lugar. Do segundo dia em diante, não houve mais tentativas de romper o cessar-fogo das Nações Unidas. No terceiro dia, o mundo amanheceu em meio a uma paz chocada e atônita, e todos os olhos voltaram-se para o céu.

Liana consegue discernir sons de respiração e movimento ao seu redor. Ela leva outro chute na barriga, mas desta vez está preparada. Suas mãos se fecham sobre alguma carne. É uma perna, aparentemente, e bastante fina por sinal. Liana puxa com força. Ouve-se um grito infantil de surpresa.

Para a cerimônia de aparição do povo Akasha foi reservado um grande estádio. Novamente todos os líderes mundiais estavam presentes com seus devidos séquitos. Inúmeras equipes de reportagem, das principais agências de notícias, ocupavam boa parte dos assentos. Ainda assim, uma boa quantidade de lugares foi disponibilizada ao público em geral, mediante a apresentação de ingressos comprados a preços exorbitantes. Em antecipação a possíveis questionamentos sobre a venda de entradas para um evento de tal magnitude, a ONU divulgou que a verba arrecadada seria destinada a um fundo mundial recém-criado com o objetivo de ajudar na busca de soluções para o problema do asteroide. A estratégia utilizada já denotava um certo tipo de lógica, que logo ficaria bem mais evidente. De todo modo, a arrecadação foi um sucesso, com todos os bilhetes vendidos. Eram incontáveis as figuras ilustres e celebridades presentes. Já os mortais comuns se contentaram em assistir pela Internet. O evento foi transmitido ao vivo, com tradução simultânea, para todos os países do mundo.

Liana se põe de pé em um salto. Agora já consegue vislumbrar seus pequenos adversários. Ela está cercada por crianças maltrapilhas, quatro ou cinco delas. Caída no chão, ainda está a menina que ela derrubou. Deve ser a líder do bando, pois grita com autoridade:

– Pra cima dela, galera!

Na hora marcada, a mestre de cerimônias se aproximou do grande palco montado a céu aberto, no centro do estádio. Era uma mulher de aparência distinta, caucasiana, de meia-idade. Tratava-se de uma alta funcionária da ONU que até então não havia desempenhado nenhum papel de mais destaque. Caminhou até o púlpito diante do palco e imediatamente começou a proferir um breve e solene discurso de boas-vindas. E então ela quebrou um pouco a formalidade: “Sei que todos estão ansiosos para conhecer os nossos visitantes de Akasha. Por isso vou direto ao ponto, e quero que vocês saibam que eles já estão aqui.”

– Para com essa porra agora!

Liana dá um berro estridente, que consegue paralisar as crianças por um instante. Agora que ela já sabe quem são seus oponentes, perdeu o medo. Não são fantasmas coisa nenhuma. Não passam de meninos invisíveis, os menores abandonados que infestam as ruas da cidade. Olhando um por um os rostos encardidos que a fitam com hostilidade, ela diz em tom zangado:

– Escuta aqui, molecada. Antes de brigar, vamos conversar. Que ideia foi essa de vir tacando pedra? Não estão vendo que sou uma ferrada que nem vocês?

O palco era delimitado por um grande círculo, como num picadeiro. Logo o círculo passou a emitir uma luz opaca e espessa, de uma consistência gelatinosa, que começou a se expandir até formar uma sólida esfera de luz escura de aproximadamente dez metros de diâmetro. A mestre de cerimônias voltou a falar: “Esse é um campo de contenção de frequência, construído com tecnologia akáshica e de acordo com a orientação de nossos visitantes. Ele funciona, basicamente, como um filtro de luz, que agora está ativado no nível máximo. Os Akasha não possuem um corpo físico, do modo como nós entendemos. Aos nossos olhos, eles parecem seres feitos de luz.”

A menina que é a chefe da gangue encara Liana de volta. Cruza os braços magros diante do vestido velho e esburacado, curto demais para ela. E então diz, desafiadoramente:

– O viaduto é nosso. Você não pode ficar aqui.

Um murmúrio de espanto e admiração percorreu todo o estádio quando a esfera começou a ser iluminada de dentro para fora. As luzes não eram estáticas ou uniformes, mas pareciam mudar de cor e piscar em rápida sequência. Gradualmente foi se tornando possível perceber quatro padrões de luz distintos brilhando dentro da esfera. Dois deles pareciam emitir uma luz mais intensa e compacta, enquanto os outros dois eram compostos de inúmeras e pequeninas luzes agrupadas.

– E por que não? – questiona Liana. – Tem espaço para todo mundo.

Outra menina, vestindo short e camiseta, se adianta e diz:

– E o que é que a gente ganha se deixar você ficar?

Liana observa o grupo por um momento. Além das duas meninas, há três meninos, todos raquíticos. Nenhum deles aparenta ter mais de dez anos. Ela sorri diante da ideia que lhe ocorre:

– Se vocês me deixarem dormir aqui, eu conto uma história. Que tal?

“Os Akasha regularam o campo de contenção de frequência para permitir que apenas cerca de dez por cento de sua luminosidade se torne visível”, explicou a mestre de cerimônias. “Na verdade, eles criaram o campo unicamente para nos proteger. A exposição a um nível de luminosidade um pouco maior do que estamos vendo agora provocaria um severo surto epilético na maioria das pessoas. Caso alguém fosse exposto a uma abertura ainda mais elevada no filtro de luz, o resultado seria a cegueira total e imediata, seguida de morte cerebral.”

– Era uma vez umas crianças muito bonitas e muito espertas. Elas viviam em uma cidade enorme e muito sinistra. Como os pais delas não tinham dinheiro nem para comer, elas tiveram de ir morar na rua e dormir debaixo de um viaduto. Mas, como essas crianças eram muito inteligentes, todos os dias elas davam um jeito de conseguir alguma coisa para comer, mesmo sem ter dinheiro. Também ajudava nisso o fato de elas serem invisíveis. É que, como ninguém na cidade queria saber dessas crianças, pouco a pouco elas foram ficando transparentes, até ninguém mais conseguir enxergá-las. Mas a coisa mais importante sobre essas crianças é que elas eram muito unidas: cada uma cuidava das outras, como uma verdadeira família.

Liana para por um momento, subitamente emocionada com a própria história. Cinco pares de olhos brilhantes e atentos estão fixos nela. Os moleques estão sentados em círculo, por cima das tiras de papelão estiradas no chão. A essa altura Liana já sabe o nome de cada um: Tina, a líder, sentada ao seu lado, seguida por Beto e Zoião, os dois meninos mais velhos, Mariá, a outra menina, e Buiú, o caçula da turma. Agora que se tornou consciente da existência deles, Liana sabe que não voltarão a ficar invisíveis para seus olhos.

Enquanto a mulher falava, cada uma das pessoas presentes ao estádio, e mesmo das que assistiam à transmissão da cerimônia, teve a alarmante sensação de que a luminosidade dentro da esfera começou a aumentar de modo lento, porém inexorável. Poucos foram os que não sentiram o medo crescendo junto com a luz. Mas ninguém foi capaz de fechar ou desviar os olhos do terrível e fascinante fenômeno.

– ...então as crianças cresceram e viraram homens e mulheres muito fortes, sábios e poderosos. Eles eram muito temidos, pois ninguém na cidade conseguia vê-los. O povo começou a chamá-los de fantasmas. Criaram muitas lendas a respeito deles. Eles ganharam muito dinheiro, compraram uma casa grandona com um montão de comida dentro e foram felizes para sempre. Fim.

Por um momento os cinco rostinhos ficam fitando fixamente Liana. Então Beto levanta o braço:

– Lica, conta outra?

Ela sorri, satisfeita. Eles gostaram da história.

– Amanhã eu conto, está bem? Agora já passou da hora de ir dormir. Boa noite, molecadinha.

Não em uníssono, mas cada uma a seu tempo, as crianças respondem:

– Boa noite, Lica.

E então, subitamente, a esfera voltou a ficar opaca. Uma sonoridade muito interessante foi produzida no estádio, quando todos os presentes soltaram um suspiro de alívio ao mesmo tempo. A mestre de cerimônias retomou sua apresentação: “Felizmente para nós, o povo Akasha não está limitado à sua originária forma luminosa. Por terem dominado a ciência de navegar entre as dimensões, eles são capazes também de assumir qualquer forma física que desejarem. Inclusive, é claro, a forma humana.”

Ao acordar na manhã seguinte, Liana já faz parte do bando. Os moleques atuam principalmente nas cercanias da Praça Central, sempre cheia e colada a várias ruas secundárias, que permitem rápida fuga e dispersão. A ocupação da turma é pungar qualquer coisa que fique de bobeira: bolsas, carteiras, celulares, pulseiras, relógios. Por sugestão das próprias crianças, a função de Liana fica sendo a de olheira. Enquanto os pivetes dão o bote nos transeuntes, ela fica de sobreaviso para alertar sobre qualquer aproximação da polícia.

– Você não pode ficar com nada em cima, Lica – diz Tina, decidida como sempre. – O melhor é não afanar nada e ficar de fora, dando cobertura. Cana não pega na gente, mas você já é de maior.

Nisso a esfera de luz sólida desapareceu subitamente. Não foram poucas as mãos na audiência que se ergueram diante do rosto, numa tentativa inútil de proteção. Pois quando o campo de contenção foi desativado não revelou nenhuma luz ameaçadora, mas quatro seres humanos, que pareciam diminutos naquele palco imenso. Felizmente os telões posicionados em pontos estratégicos do estádio mostraram todos os detalhes que não eram visíveis a olho nu. Os quatro aparentavam ser bastante jovens. Eram dois homens e duas mulheres. Estavam trajando uma espécie de uniforme feito de um tecido branco e luminoso colado ao corpo, o que realçava suas formas perfeitas. Cada um dos quatro representava uma etnia diferente. Muito sorridentes e bem à vontade, eles acenaram para a plateia e para as câmeras, e foram imediatamente correspondidos com uma entusiástica salva de aplausos. Os quatro então se dirigiram ao púlpito onde estava posicionada a mestre de cerimônias, que foi afetuosamente cumprimentada. Então cada um passou a pronunciar um breve discurso.

Ao término de um dia de trabalho, os trombadinhas vão até o receptor para vender a mercadoria roubada. O receptor é um circense com cara de iguana, chamado Durval, que tem um escritório de fachada com uma tabuleta de “Compro Ouro” na porta em uma galeria decadente a duas quadras da Praça Central. Na primeira vez que Liana vai lá acompanhando os

moleques, fica tão indignada com o valor oferecido pela mercadoria, que entra em um intenso bate-boca com Durval. Por fim o lagarto velho acaba cedendo e oferece uma merreca a mais pelo roubo, para imensa alegria da menina. E a partir desse dia Liana se torna também a negociadora oficial do bando.

A primeira a falar foi a jovem de traços indígenas:

“Saudações, povo da Terra! O meu nome é Mada. Eu e meus companheiros estamos muito felizes por finalmente estarmos em contato aberto e direto com todos vocês. O dia de hoje marca não apenas o início da amizade entre os homens e os Akasha, como também o ingresso da Terra na grande comunidade cósmica. Existem muitas outras raças, em diferentes graus de evolução. E nós, de Akasha, somos uma das espécies mais antigas. Por isso, gostaríamos que vocês nos considerassem como um irmão mais velho da Terra. Contem conosco!”

E, de fato, nos meses seguintes foi revelada a existência de muitas raças alienígenas, várias delas inclusive vivendo secretamente na Terra. Mada só deixou de mencionar que nem todas essas formas de vida eram necessariamente amigáveis.

Todas as noites o grupo se reúne em seu quartel-general debaixo do viaduto, quando Tina divide irrimavelmente a fêria arrecadada. Nem sempre a turma é a mesma, pois a quantidade de crianças varia a cada dia. Certa vez Liana chega a contar doze moleques. Mas nunca o número é menor que os cinco que ela conheceu na primeira noite. E, seja qual for o quórum, a noitada sempre termina com as crianças agrupadas para ouvir a história da vez.

Liana fica cada vez melhor nesse negócio de contar histórias, e consegue arrancar muitas risadas e gritos entusiasmados de sua diminuta plateia. Tanto os moleques quanto ela consideram a hora da história como, disparado, o melhor momento do dia.

O segundo dos Akasha a falar foi o jovem oriental. Lee era o seu nome:

“Embora vocês só estejam nos conhecendo hoje, nós já admiramos a cultura da Terra há bastante tempo. Viemos para cá há cerca de trezentos anos terrestres com o propósito de estudar os modos de produção e a economia de vocês, e ajudar no seu progresso da melhor forma que pudéssemos. Em segredo, fomos gradualmente introduzindo novas tecnologias em sua civilização, e propiciando o crescimento econômico sempre que possível. Mas agora não há mais a necessidade de mistério. A partir de hoje, Akasha será um nome cada vez mais presente na vida diária e nos lares de cada um de vocês. Assim, esperamos contribuir de forma mais efetiva para a construção de um futuro melhor.”

No dia seguinte mesmo, algumas das maiores corporações mundiais anunciaram que os Akasha estavam entre seus principais acionistas, sempre através de representantes humanos. Na verdade, os Akasha mantinham o controle majoritário das ações de quase todas as grandes empresas do mundo. Isso facilitou a megafusão que aconteceu em seguida, resultando na criação da maior corporação já concebida. Não foi surpresa para ninguém que essa gigacorporação tenha sido batizada, simplesmente, como Akasha.

Uma questão delicada para Liana fica por conta da aquisição de seu suprimento diário de hóstias. A verdade é que ela sente vergonha de seu vício, e procura evitar que as crianças descubram a respeito. Suas precauções, contudo, não adiantam muita coisa.

Certo dia ela está acabando de sair de um casarão velho e de aparência sinistra, que fica em uma das vielas perpendiculares à Praça Central, e é flagrada por Mariá, que a observa de braços cruzados da calçada em frente.

– O que você estava fazendo no muquifo do Gregório? Quer virar zumbi, é, Lica?

É notório entre a marginalidade que no sobrado do casarão funciona um ponto de tráfico de Z, comandado pelo circense Gregório, facínora temido não só por sua repugnante aparência de barata, como pelo número de mortes que o povo diz que ele carrega em suas costas cascudas.

Liana se aproxima da criança e se agacha, para falar com ela ao nível dos olhos.

– Escute, Mariá. Me prometa que nunca vai se meter com drogas.

– Me solta, Lica. Você está me machucando.

Liana aquiesce, surpresa, pois não percebeu que estava apertando o braço da menina com tanta força. Mariá sai correndo, sem olhar para trás.

À noite, na hora da história, nenhum dos pivetes diz nada, mas Liana presente, por seus olhares, que sua dependência em Z não é mais segredo. Nessa noite ela custa muito para dormir.

Depois de Lee, foi a vez do jovem negro subir ao púlpito:

“Eu sou Jon. Em nome de meus companheiros, quero dizer que lamentamos profundamente que uma ocasião tão auspiciosa – o encontro oficial entre Akasha e a Terra – tenha sido motivada por uma descoberta tão desafortunada. Por outro lado, não deixa de ser um consolo saber que o asteroide acarretou a revelação de nossa presença na Terra. Fomos nós que descobrimos a ameaça, a perigosa trajetória em direção ao seu planeta. Quando tomamos conhecimento disso, não tivemos outra opção além de alertar imediatamente as principais lideranças mundiais e, assim, tornar pública a nossa existência. Pode-se dizer que, neste caso, um grande mal acabou gerando um bem maior. Lamentavelmente, por motivos que não podemos detalhar no momento, estamos

impossibilitados de atuar diretamente no asteroide, seja para desviá-lo, destruí-lo ou neutralizá-lo de alguma forma. Isso não impede, no entanto, que coloquemos nossa tecnologia e nossos recursos à disposição de vocês. Não podemos deter o asteroide, mas certamente podemos salvar muitas e muitas vidas.”

Depois acabou sendo ventilado que os Akasha, por serem originários de outra dimensão, possuíam uma área de atuação relativamente limitada em nosso plano. Falando mais claramente, eles só teriam possibilidade de agir no âmbito imediato da Terra. O asteroide, ainda a tantos milhões de quilômetros de distância, estaria fora de seu alcance, ao menos até que fosse tarde demais. Mas essas informações nunca chegaram a ser veiculadas oficialmente. Não passavam de boatos que, segundo alguns, teriam sido espalhados a mando dos próprios Akasha, para esconder uma verdade bem mais sinistra: que eles nunca tiveram a menor intenção de salvar a Terra do asteroide. Muito pelo contrário.

No dia seguinte, Liana está em seu posto de sentinela quando nota uma figura familiar do outro lado da Praça Central. A distância não lhe permite ter certeza, mas o jeito de caminhar é o mesmo, meio trôpego, meio saltitante.

Sem pensar duas vezes, ela parte em perseguição ao triste andarilho. Só consegue alcançá-lo quando ele já dobra a esquina de uma das ruelas de acesso à praça. Por algum tempo ela caminha logo atrás dele, então resolve chamar:

– Ô família!

O outro não dá a impressão de ter escutado, e continua bamboleando em seu passo gingado. Liana chama novamente, dessa vez elevando um pouco a voz:

– Tio Biu.

Agora ele ouve, com certeza. Sem parar de andar, vira o pescoço para ver quem o chama. E leva um soco bem no pé do ouvido que o faz rolar na calçada. Liana bate com força. Mas se arrepende quase que imediatamente ao perceber como Tio Biu está magro e acabado, nada mais que um saco enrugado de ossos. Caído no chão, ele levanta os cambitos dos braços em uma ridícula tentativa de defesa. Ela ainda diz, para não perder a pose:

– Levanta, que é para apanhar que nem homem.

– Lica?

Só agora ele parece reconhecê-la. Ergue os olhos com uma expressão de espanto, seguida por uma alegria que Liana sente não ser de todo fingida:

– É você mesmo, Lica? Pensei que tivesse batido a çaçoleta, menina!

– Levanta logo, seu traíra. Agora você vai pagar o que me deve.

Liana insiste no tom ríspido, mas sente um cansaço profundo. Lamenta ter ido atrás de Tio Biu. Preferia não o ter visto cruzando a praça. Por um instante os dois se fitam em silêncio. Alguns transeuntes passam por eles, mas fingem não notar a cena insólita e deprimente: o velho maltrapilho caído no chão diante da menina de rua com os punhos cerrados para ele.

Afinal Tio Biu quebra o impasse:

– Me perdoe, Lica – ele diz, começando a se erguer e sentando no chão. – Sei que vacilei feio com você. Mas não tive escolha. Os lobos estavam ensandecidos. Disseram que iam me metralhar se você não desse as caras no cafofo. Eu me apavorei. Me perdoe, de coração.

– Se foi assim, como é que você ainda está vivo, seu desgraçado? – só ao falar Liana toma consciência de que está chorando. Lágrimas quentes escorrem por seu rosto.

– Escute, Lica, por favor – Tio Biu já conseguiu se pôr de pé, mas guarda uma distância prudente de Liana. – Acabo de descolar umas magrinhas. Tem o bastante para nós dois. Conheço um lugar aqui perto onde a gente pode fazer a cabeça de boa. Daí eu lhe explico tudo o que aconteceu, tim-tim por tim-tim. O que me diz?

E finalmente chegou a vez de Bela, a jovem loura, se pronunciar:

“Irmãos e irmãos da Terra, não tenham medo. Estamos aqui para ajudá-los nesse momento de provação. A verdade é que trazemos uma grande boa-nova. Akasha, o nosso mundo, está localizado em uma zona interdimensional, que fica além do espaço e do tempo conhecidos por vocês. É um lugar maravilhoso, feito de pura energia sutil, onde não há a grosseira matéria densa que vocês se habituaram a chamar de realidade. E a nossa boa-nova é esta: onde a matéria não existe, não pode ser destruída. Não existe morte em Akasha. Nós possuímos o segredo da vida eterna, e estamos dispostos a compartilhar esse segredo com vocês.”

Difícilmente o pronunciamento dos Akasha poderia ter se encerrado de forma mais bombástica. Como sempre, entretanto, o mais importante ficou de fora do discurso. Os Akasha realmente podiam conceder a vida eterna aos humanos. E iriam fazer isso, sem dúvida – pelo devido preço.

– Naquele dia tudo deu errado mesmo. Depois que você saiu correndo do cafofo, deu tilt geral na família.

Os dois estão sentados sob um viaduto não muito distante do outro, que virou o lar de Liana ultimamente. O fluxo de carros é intenso, mas quase não há pedestres transitando por ali, o que proporciona uma relativa privacidade. Tio Biu mete a mão no bolso e de lá tira duas cápsulas de Z. Passa uma para Liana, magnânimo, como se estivesse lhe oferecendo um rico presente.

– Foi mesmo uma zoeira braba. O playboy lá caído no chão, Samara com a boca cheia dos miolos dele e Galego no maior saci, sacudindo aquela faca, querendo furar até as paredes.

Depois de estourar o invólucro com a unha, Tio Biu acomoda a hóstia no cachimbo, que ele também retira do bolso. Com os dedos trêmulos, acende um fósforo e o leva até o forninho do cachimbo. Logo a fumaça acre e amarelada começa a sair de sua boca. Liana esfrega sua hóstia na camiseta, mas não a engole. Ela observa Tio Biu com uma ansiedade crescente:

– O que aconteceu com Mandrá?

– Ele também deu o pinote assim que você saiu, ué. Não sabia disso? Pensei que ele tivesse ido atrás de você.

– Não. Nunca mais vi ele.

– Nem eu, Lica. Depois daquele bendito dia, Mandrá se escafedeu – sob o efeito da droga, a voz de Tio Biu vai ficando mais relaxada. – Pois então. Para resumir a história, ficamos nós três no cafofo, eu, Galego Miguel e Samara, discutindo o que a gente ia fazer com o corpo do playboy. E enquanto isso fomos enchendo a cara com as pílulas que você deixou, lembra? Daí, quando pensa que não, estavam os lobos metendo a pata na porta. Já chegaram fuzilando. Mataram Galego e Samara na hora. Me moeram de pancada. Eu pensei que eles estavam putos por causa do que aconteceu com o playboy, só que não. Eles queriam saber era de você, Lica. Só falavam da menina com a tatuagem de pássaro na perna. Eu tentei engrupir os lobos, mas eles não comeram meu reggae. Sabiam que você estava com a família. Me bateram tanto que cheguei a desmaiar umas duas vezes. Só consegui escapar com vida porque teve uma hora, depois que você apareceu, que eles deram um vacilo, e me piquei. Dei o pira, Lica. Nunca mais pisei na favela. Só o capeta sabe o que eu passei de lá para cá. Pode ter certeza de que paguei os meus pecados com juro, Liquinha.

Liana, contudo, não parece estar escutando a ladainha do outro.

– Passa essa porra para cá.

– O que, o cachimbo? – responde Tio Biu, aturdido.

– Isso. Passa para cá.

Após um olhar de entendimento, ele estende o cachimbo. A piteira está toda babada e tem um cheiro horrível. Liana vence o nojo e, com a ajuda de Tio Biu, reacende o cachimbo. A fumaça tem um gosto condizente com o cheiro, é azeda e enjoativa. A onda bate quase que imediatamente, como há muito tempo Liana não sentia.

O principal produto oferecido pela recém-criada corporação interdimensional logo começou a ser exaustivamente divulgado em uma bombástica e multimilionária campanha publicitária: VIDA AKASHA. A tecnologia alienígena envolvida nesse miraculoso plano de

salvação da humanidade certamente estava anos-luz à frente da ciência terrestre. Mas, em sua essência, a ideia era simples o bastante para ser facilmente compreendida por todos.

Ao adquirir um chip da VIDA AKASHA, o usuário tinha o seu cérebro totalmente mapeado, até o nível subatômico. Esse minucioso mapeamento era capaz de registrar e reproduzir cada nuance da personalidade de uma pessoa: padrões de resposta cognitivos e emocionais, memórias, preferências e aversões, traços de caráter. Concluído o mapeamento, o chip passava a ter tudo o que era possível a respeito de uma pessoa, mais até do que ela mesma jamais conhecera – a sua alma, em resumo. E o passo seguinte era a transposição dos dados contidos no chip para um sistema interativo de suporte de vida, localizado na dimensão originária dos Akasha.

Até aí, tudo bem. O problema foi que o valor cobrado por um único chip de VIDA AKASHA era equivalente a um apartamento de cobertura na área mais nobre de uma das principais cidades do mundo. Considerando-se que a economia mundial entrou em parafuso após o anúncio da colisão iminente com o asteroide Perses, o resultado foi que, com exceção da pequena elite dos muito ricos, a tal vida Akasha ficou além do alcance das pessoas. Afinal, não adiantava *apenas* você possuir uma cobertura no metro quadrado mais caro do mundo. Era preciso o valor equivalente em dinheiro vivo. E quem iria querer comprar imóveis, ou carros de luxo, ou o que quer que valesse dinheiro antes, se o asteroide estava chegando para acabar com tudo?

E foi assim que surgiram os *Fantasmas*.

Nessa noite Liana é a última a chegar no viaduto QG. As crianças já estão reunidas: além das cinco de sempre, mais dois meninos e uma menina que ela conhece pouco: Totonho, Gabiru e Jeane. Ao ver Liana, Tina exclama:

– Lica! Onde você se meteu? Procuramos por toda parte. Pensamos que os lobos tinham apanhado você.

Antes que Liana consiga pensar em algo para dizer, Buiú, o caçulinha do grupo, vem correndo para abraçá-la. Ela tenta evitar o contato, constrangida. E pior fica quando Buiú fala, com o maior bocão:

– Que cheiro é esse, Lica? Você está fedendo a zumbi!

Contrariada, ela empurra o menino, que cai sentado no chão, com cara de choro.

– Não é da sua conta, pivete!

Sem dizer mais nada, ela se enfia em um canto, de costas para o grupo, como se já fosse dormir. Mariá ainda pergunta:

– E a história?

Liana se vira abruptamente e encara os moleques com raiva:

– Não tem história certa hoje. Nem nunca mais, ouviram? E agora me deixem em paz!

Opa. Acho que fomos descobertos. Não leve a mal, mas é melhor você dar o fora daí. Agora mesmo.

◆◆0-◆^\$◆ERRO\*[[\*[[[DESCONHECIDO]\*]]\*]]

Liana ergue a cabeça, fitando o ar ao seu redor:

– Mas que merda é essa agora? Já estou de saco cheio dessa maluquice da zorra!

Os moleques se entreolham, sem entender. Nisso uma luz branca e forte, quase cegante, ilumina o grupo. Uma voz metálica e estridente ribomba nos ouvidos de todos:

– ATENÇÃO, MENORES INFRATORES! VOCÊS ESTÃO SENDO APREENSOS DE ACORDO COM O ARTIGO 58, ITEM C, DA LEI DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA. CASO TENTEM FUGIR, QUALQUER DANO CORPORAL RESULTANTE SERÁ DE SUA INTEIRA RESPONSABILIDADE.

– São os cinzentos – berra Tina. – Corre, galera!

Mas o aviso chega tarde. Uma bomba de gás sonífero já havia estourado debaixo do viaduto, antes mesmo de Tina abrir a boca. Liana ainda tenta se levantar, mas sua cabeça rodopia e ela acaba caindo de volta no chão. Já está quase desacordada quando sente o piso tremer em consequência dos passos de alguém muito grande e pesado se aproximando. Com os olhos semicerrados, ela vê a carantonha cinzenta se debruçando sobre ela. E ainda consegue ouvir, antes de apagar de vez, quando o Servidor diz, com sua voz retumbante:

– Ora, vejam só! Pernas novas no pedaço!

## Capítulo VIII

# CHEGOU A SUA HORA DE BRILHAR!



*\* Onde reencontramos outra velha conhecida.*

*\* Da lei de proteção à infância.*

*\* Como se cria uma partida de futebol?*

*\* E Liana recebe uma proposta e tanto.*

*“Os cidadãos não poderiam dormir tranquilos se soubessem  
como são feitas as salsichas e as leis.”*

**Otto von Bismarck**

Liana desperta com uma dor de cabeça horrível. Ao tentar mexer o corpo, percebe que seus braços e pernas estão dormentes e não obedecem ao seu comando. Mas o pior de tudo são as fagulhas geladas da ânsia. Mais uma vez, Liana acorda na fome braba.

Ela pisca os olhos, tentando discernir o ambiente ao seu redor. Logo descobre que está em uma jaula com aproximadamente um metro de altura por um de largura. Naquele espaço exíguo não é possível ficar de pé ou mesmo deitar ao comprido. Ela sente o corpo dormente, pois ao despertar está dobrada sobre si mesma, feito um rocambole, e provavelmente passou horas e horas nessa posição forçada.

A sala onde ela está é bastante ampla, coberta de azulejos brancos e bem iluminada por uma possante luz branca no teto. No chão, diretamente abaixo da lâmpada, um grande ralo sugere que o local é lavado com frequência, impressão que é confirmada pela mangueira enrolada em um gancho na parede. Não há ninguém à vista.

A jaula onde ela se encontra possui grades apenas na parte frontal, sendo composta por chapas inteiriças de metal em seus outros cinco lados. Liana encosta o rosto na grade, tentando enxergar um pouco mais. Sua jaula fica na base de uma série de três, uma em cima da outra, e na extremidade direita de uma fileira de cinco. Assim dispostas, à semelhança de um pombal, as quinze jaulas tomam uma parede inteira. Liana não tem como ver o interior das outras jaulas, mas desconfia que ao menos mais oito delas estejam ocupadas.

Então se dá conta de que seu corpo está coberto por uma espécie de poeira branca. Parece pó químico de extintor, que os servidores devem ter jogado em cima dela e das crianças, depois de terem botado todo mundo para dormir com a bomba de gás. Assim deve ter ficado bem mais fácil a tarefa de enxergar e capturar os moleques. Com um senso de humor delirante, Liana pensa que agora é que está parecida mesmo com um fantasma.

Olá. Que bom que conseguimos restabelecer contato. Acho que não preciso dizer que você agora está em grandes apuros. Por isso é mais importante do que nunca que eu conte a história toda até o fim. Preste atenção.

◆^◆^◆^◆ERRO\*[[\*[[[MENSAGEMTRUNCADA]\*]]\*]]

Um ruído surdo, vindo de fora da sala, distrai a atenção de Liana. Os servidores estão chegando. Eles empurram a imensa porta de correr e entram na sala.

São quatro cinzentos. Três deles são apenas grandes, com pouco mais de dois metros de altura. Mas o último a entrar, que parece ser o chefe, tem de ficar meio curvado para não bater a cabeça no teto. Ele diz, com uma voz cavernosa:

– Menores infratores, por determinação do artigo 58, item C, da Lei de Proteção à Infância, vocês são doravante declarados à disposição do Estado. Assim sendo, podem ser a qualquer momento postos a serviço de cidadãos civis, ou de servidores públicos, de forma a resgatar seu débito para com a sociedade.

Ele para de falar por um instante, como se estivesse avaliando o efeito de suas palavras. Mas, pelo silêncio que se segue, Liana calcula que as crianças ainda estão desacordadas. Ela olha com horrorizado fascínio para os servidores. Nunca havia ficado tão perto de um deles antes. Sua pele cinzenta e metálica, vista assim à curta distância, parece possuir vida própria, o tempo todo se eriçando com pequenas ondulações.

– Pode ligar a água – diz o líder.

Só então Liana percebe que um dos cinzentos menores desenrolou a mangueira da parede e que os outros dois vão se posicionar atrás dele, para ajudar a segurar. É uma mangueira de boca larga, do tipo usado para combater incêndios, que agora está voltada para as jaulas.

O jato é forte e gelado. As crianças acordam já gritando e tossindo, se engasgando com a água. O banho continua até que todos os vestígios do pó branco sejam lavados de seus corpos. Não há mais necessidade de cobrir as crianças de tinta. Depois que são capturadas, elas deixam de ser invisíveis.

A reação contra os Akasha começou com um único homem. Seu nome era Timothy Henry Clarke, mas ficou mundialmente conhecido pela sigla THC. Filho de aristocratas ingleses, multiplicou a fortuna dos pais antes de chegar aos trinta anos, ao inventar uma série de aplicativos para celular. THC era um gênio instável, paranoico em último grau, que odiava os visitantes interdimensionais com todas as forças. Logo ele tornou a missão de sua vida “desmascarar a farsa dos Akasha”. Sua primeira ação nesse sentido foi, aparentemente, inofensiva. Valendo-se de um exército de robôs e contas fantasmas nas redes sociais, ele postou exaustivamente, em diversos idiomas, uma única pergunta:

O QUE ELES VÃO FAZER COM O NOSSO DINHEIRO?

A água ainda está pingando das jaulas e escoando pelo ralo quando o cinzento grandão se agacha, para poder observar mais de perto. Ao notar Liana, ele comenta, com desprezo:

– Essa aqui já está meio passada.

– Mas repare no belo par de pernas que ela tem, senhor – apressa-se a responder o que está pendurando a mangueira no gancho da parede. – Foi por isso que decidimos trazê-la junto com os outros. Achamos que o senhor iria apreciá-la.

– Isso é bastante irregular – grunhe o líder, em desaprovação. – De todo modo, não estou interessado em pernas no momento. Abram o compartimento sete.

O questionamento de THC ganhou tanta força na Internet, que acabou sendo grafitado nos muros das principais cidades do mundo. A pergunta reverberou porque fazia sentido. Com a perspectiva da extinção da vida na Terra, o que poderia estar motivando seres de outra dimensão a ganhar dinheiro terrestre? Onde os Akasha iriam gastá-lo depois que Perse desse seu beijo de boa noite em nosso planeta azul? Essa questão era especialmente relevante quando os próprios humanos não estavam ligando tanto para o dinheiro. Desde o anúncio de que o asteroide estava se aproximando em rota de colisão, ninguém mais estava preocupado em ganhar nada, e sim em gastar. Essa tendência só não foi maior justamente pela possibilidade de comprar a vida eterna – mesmo que virtual – das mãos dos Akasha. Nos três anos finais da Terra, qualquer um que estivesse juntando dinheiro só podia estar pensando em adquirir um chip da Vida Akasha.

Dois dos cinzentos avançam até as jaulas. A de número sete está acima e imediatamente à esquerda de Liana. A grade é destravada com um estalido eletrônico. Um dos cinzentos puxa a grade, enquanto o outro enfia as mãos dentro do cubículo, para retirar de lá o seu prisioneiro. Liana reconhece a voz de Buiú, gritando de pavor ao ser agarrado.

O líder dos cinzentos desce o zíper de seu macacão e se desnuda até a cintura. A pele metálica em seu peito e abdômen está se contorcendo de forma tão intensa, que mais parece uma poça de mercúrio em ponto de ebulição. O subalterno caminha em sua direção com os braços estendidos e o passo solene, como se o corpo mirrado do menino fosse uma oferenda sagrada.

Buiú grita, se debate e esperneia, mas toda resistência é inútil. O chefe cinzento o recebe das mãos do outro. Após um instante de contemplação, o líder leva as mãos que aprisionam Buiú até o peito. A pele de seu torso se agita mais do que nunca, emitindo pequenos tentáculos em ansiosa antecipação ao contato com a carne macia do garoto.

E então Buiú é absorvido. Ele ainda tenta soltar um último grito ao ser empurrado de encontro ao peito desnudo do servidor, mas o som é abafado quando seu rosto afunda na líquida carne metálica. É como se o menino estivesse mergulhando em uma areia movediça prateada, que

vai cobrindo seu corpo lentamente. O último pedaço de Buiú a desaparecer no corpo do cinzento é o calcanhar de seu pé direito.

Encorajado pela adesão das massas à sua ação inicial, THC iniciou uma ostensiva campanha de informações falsas sobre os Akasha na Internet, que logo gerou muitos seguidores. Quanto mais fantásticas e absurdas fossem as notícias, maior era o número de acessos e compartilhamentos. Alguns exemplos de matérias que mais circularam nas redes sociais por essa época: “Perse não existe – conheça o golpe Akasha para roubar a Terra”, “Seria a dimensão dos Akasha o Inferno bíblico?” e “Akasha e Illuminati: a conspiração revelada”. O objetivo dessas ações iniciais era meramente influenciar a opinião pública, gerando uma desconfiança crescente em relação às boas intenções dos Akasha.

Com uma parte distanciada de sua consciência, Liana percebe que a pressão que ela sente nos ouvidos é causada por sua própria voz gritando a plenos pulmões. As crianças também soltam uivos e guinchos de puro terror. E por baixo dessa cacofonia Liana ainda consegue ouvir o gemido de satisfação do líder cinzento. É um som de frequências tão graves, que reverbera no coração de Liana, impregnado de um sentimento de êxtase que sugere o mais profundo e indecoroso prazer sexual. Liana sabe, do fundo de sua alma, que jamais esquecerá esse som enquanto viver.

Com o corpo ainda disforme pela massa extra absorvida e a pele apresentando espasmos aleatórios, o chefe de seção se encaminha até a saída. Ele parece ter pressa, e sai da sala sem se dar ao trabalho de fechar a porta de correr atrás de si.

Enquanto isso, os subalternos se preparam para se abastecer também, indiferentes aos gritos de Liana e das crianças. Após uma rápida deliberação, decidem abrir o compartimento nove. Liana não demora a descobrir que essa é a jaula de Tina.

O espetáculo é ainda mais grotesco dessa vez. Os três cinzentos arrancam Tina de dentro da jaula. Ela não grita, mas se debate furiosamente. Por um breve instante, chega a dar a impressão de que vai conseguir escapar de seus captores. Então um dos cinzentos a agarra pelo pescoço. Com um gesto brusco e sem fazer muita força, o servidor arranca fora a cabeça de Tina, junto com as vértebras do pescoço. Imediatamente os outros dois se entregam à tarefa de desmembrar a garota. E assim – fragmentado em cabeça, tronco e membros – o corpo é absorvido pelos três subalternos.

O cinzento que ficou com a cabeça a pressiona de encontro à sua própria face, que parece se liquefazer para acomodar melhor a oferenda. Ao terminar a assimilação, sua cabeça está inchada e disforme, desproporcional ao resto do corpo. Seria cômico se não fosse horripilante.

O servidor que ficou com o torso da menina morta age de forma semelhante ao líder, despindo o macacão até a cintura e afundando a carne da criança em seu peito. O subalterno tem o cuidado de retirar os trapos empapados de sangue que cobrem o corpo de Tina antes de iniciar a absorção. Da mesma forma que seus dois colegas, ele abandona a sala imediatamente após consumir a deglutição.

O que ficou com os braços e pernas é obrigado a se despir completamente antes de proceder à assimilação dos membros, pois cada braço é absorvido pelo braço correspondente, assim como as pernas. Ao se despir, a criatura revela que seu corpo metálico é completamente liso, desprovido do menor indício de órgãos genitais ou excretores. Esse último servidor evidentemente é o menos graduado do grupo. Pois cabe a ele fazer a faxina, retirando mais uma vez a mangueira de seu nicho para lavar o sangue de Tina, que respingou no chão e nas paredes.

Liana assiste a tudo com um nojo crescente e não tarda a explodir em furiosa indignação. Quando não aguenta mais, ela grita:

– Seus miseráveis! Covardes filhos de uma puta!

O cinzento volta-se para ela e responde com indiferença:

– Tenha paciência. Logo chegará a sua vez.

Ao sair e fechar a porta atrás de si, ele apaga a luz da sala. Liana e as crianças sobreviventes ficam imersas em trevas e horrorizados lamentos.

A campanha difamatória iniciada por Timothy Henry Clarke seguiu angariando cada vez mais simpatizantes, mas esse foi apenas o primeiro passo. Secretamente, THC começou a recrutar membros para seu grupo de resistência nos mais diversos pontos do planeta. Em pouco tempo, o grupo já contava com algumas centenas de ferrenhos adeptos, criteriosamente selecionados dentre os mais capazes e inteligentes, todos unidos pelo ódio em comum ao Akasha. Esses foram os primeiros *fantasmas*, que não pouparam esforços para por em ação o audacioso plano concebido por seu líder.

O jorro de adrenalina em seu organismo foi tão intenso, que um bom tempo decorre antes que Liana volte a se lembrar da ânsia. Uma vez que retorna à sua consciência, no entanto, a fome toma conta de vez.

Ela sua frio, se estrebucha, enfia as unhas na carne. Só com o mais extremo autocontrole consegue responder minimamente às crianças, que se voltam todas em busca de seu colo e proteção:

– Lica, estou com medo.

– Respire fundo, meu bem. Nós vamos dar um jeito de vencer esses bundões e dar o fora daqui, você vai ver.

– Estou com fome, Lica.

– Segure firme. Depois que a gente conseguir sair, eu compro um X-Tudão para cada um, combinado?

– Lica, estou apertado para fazer xixi.

– Bote o pinto para fora da grade e mijee, está bem? Cuidado só para não molhar quem está embaixo.

– Quero fazer cocô, Lica.

– Faça aí mesmo. Não tem outro jeito, né?

Reza a lenda que Timothy Henry Clarke gastou parte considerável de sua fortuna apenas para produzir em tempo hábil uma unidade de Contenção de Campo Quântico, ou QFC (*Quantum Field Contention*). O projeto foi uma extrapolação genial da própria tecnologia de campo de contenção de frequência apresentada pelos Akasha. De acordo com as previsões de Clarke, o QFC deveria ser capaz de prender um Akasha em sua forma humana e vulnerável, impedindo-o de transmutar para sua todo-poderosa forma luminosa original.

O equipamento necessário para a produção da Contenção de Campo Quântico acabou ocupando um prédio de três andares, sendo boa parte só dos geradores para fornecer as astronômicas quantidades de energia necessárias. Já o aparelho em si era um verdadeiro primor de simplicidade e elegância: nada mais que uma tiara de metal contendo os diminutos circuitos indutores do QFC. Restava agora apenas a tarefa de colocar essa tiara na cabeça de um dos Akasha.

“Bem que você podia me ensinar um jeito de sair daqui”, pensa Liana com seus botões, “em vez de ficar apertando minha mente com tanta baboseira.”

Não há como calcular o tempo ali dentro, mas ela imagina que já seja noite alta. Agora que seus olhos estão mais acostumados à escuridão, é possível discernir um tênue retângulo de luz formado pelo contorno da porta. Muito de vez em quando, uma sombra passa fugazmente pela porta, acompanhada pelo som pesado de passos. Mas ninguém chega a entrar na sala das jaulas. A faiúla fica tão sinistra que Liana começa a desejar que os cinzentos voltem logo, nem que seja para acabar de uma vez com sua agonia.

Mais um bom tempo se passa, até que um leve barulho chama sua atenção: é a porta de correr sendo aberta. Mas a silhueta que aparece delineada pela luz que vem do corredor lá fora não pode pertencer a um servidor. É muito pequena e delgada, e inegavelmente feminina.

– Quem está aí? – Liana ousa perguntar, com um fiapo de esperança.

– Liana? – responde uma voz conhecida, enchendo a jovem de assombro. – Lica, é você?

O timbre é um pouco mais áspero do que em sua lembrança, mas Liana tem certeza de que sabe quem é a dona daquela voz.

– Priscila?

A sombra na porta avança rapidamente até ficar defronte à jaula onde está Liana. A luz que entra pela porta entreaberta revela apenas o suficiente para que Liana recue, penalizada. É mesmo Priscila que está diante dela, sem a menor dúvida. Ou, ao menos, o que restou dela.

Sua antiga colega de dança está que é só pele e osso. Não resta o menor vestígio de seu corpo roliço de outrora. Ela ainda está usando a mesma roupa que vestia quando Liana a viu pela última vez, agora reduzida a farrapos: uma minissaia preta e um top roxo. O top está cheio de furos e manchas esbranquiçadas, provavelmente causadas pelo ácido que os endemoniados jogaram nela. A parte mais perturbadora na figura de Priscila, obviamente, é o rosto. Apenas metade de sua face está visível, revelando os traços familiares, mas cruelmente distorcidos pelo sofrimento. Um único olho fita Liana fixamente, refletindo a luz que vem do corredor. A outra metade da cabeça de Priscila está oculta, enfaixada por um saco plástico preto, do tipo usado para recolher lixo.

Temendo que alguma das crianças possa fazer algum comentário desastroso, Liana adverte:

– Molecadinha, essa é uma amiga minha, que vai ajudar a gente a sair daqui. Não quero ninguém dando um pio, entenderam?

– Lica, é você mesma! – Priscila não parece notar o efeito que sua aparência provoca na antiga amiga. – Bem que eu vi quando você chegou no lote de ontem. Mas não conseguia acreditar que fosse você.

Priscila estende as mãos esqueléticas para tocar a grade da jaula. Liana é bombardeada por um fedor tão intenso, que a faria vomitar caso tivesse algo no estômago. Dessa vez não há como a outra não tomar consciência da reação de Liana:

– Sei que estou um pouco fedida, Lica – ela diz, retirando as mãos da grade. – Me desculpe. É que, ao contrário dos invisíveis que os cinzentos capturam, eu não tenho muitas oportunidades de tomar banho por aqui. E também, quem está ligando?

Não foi um simples cheiro de sujeira que quase fez Liana vomitar. Ela está mais que acostumada aos odores decorrentes da falta de banho, sobretudo depois de ir morar debaixo do viaduto. Mas o fedor que exala de Priscila evoca terrores mais primitivos: é o cheiro pungente e inconfundível de carniça. No entanto, fedendo a carne podre ou não, aquela inacreditável aparição representa a única possibilidade de Liana e as crianças conseguirem sair dali com vida.

– O que aconteceu com você, amiga? – Liana reúne forças para dizer. – Pensei que estivesse morta.

– Às vezes imagino se não morri mesmo. Os cinzentos acharam que eu estava morta quando me trouxeram para cá. Por isso me levaram para a sorveteria.

– Sorveteria?

– Mas eu consegui escapar – continua Priscila, sem dar atenção à pergunta de Liana. Ela mais parece falar consigo mesma. – Consegui, sim. Até que me olhei no espelho e vi o que fizeram comigo. Foi quando soube que meus dias de calçada e Cinema Orxxx estavam terminados. Por sorte, aqui eu descobri um estoque ilimitado de Z, Lica, imagine só! É assim que eu tenho vivido desde então, me escondendo durante o dia e enchendo a pança de Z durante a noite. Considerando tudo, bem que podia ser pior, né?

A simples menção à droga faz o corpo inteiro de Liana salivar em expectativa. E é por isso que, antes mesmo de cogitar sobre uma maneira de escapar dali, ela pergunta:

– Você tem alguma magrinha aí para me salvar, Priscila? Estou numa fome terrível.

– Eu sabia! – Priscila emite um som estrangulado, que Liana acaba decidindo ser uma medonha tentativa de risada. – Eu sabia que você iria me cobrar a hóstia que estou devendo. Pensou que eu ia dar o calote, né?

– Mas que bobagem – Liana diz, completamente aturdida. – Eu nem lembrava mais dessa história. É que já nem sei há quanto tempo estou sem uma, num tremelique brabo. Mas para falar a verdade isso nem tem importância, Priscila. Você precisa ajudar a gente a sair daqui.

– Eu não preciso de nada, Lica, a não ser de meio quilo de sorvete todas as noites!

Priscila solta outra de suas horríveis risadas. O som lembra um caco de vidro arrastando no asfalto. Liana perde as estribeiras e implora:

– Pelo amor de Deus, Priscila, salva a gente! Esses cinzentos desgraçados já mataram dois dos moleques hoje. E daqui a pouco devem estar voltando. Tira a gente daqui!

– Claro que sim, amiga – por um momento, Priscila parece recuperar um pouco da sanidade. Só que não. – De acordo com o artigo 58, item C, da Lei de Proteção à Infância, eu, como cidadã comum, tenho todo o direito de me apropriar de qualquer um desses menores infratores, ou mesmo de todos, e fazer o que quiser com eles, inclusive libertá-los. É por isso que

os cinzentos mantêm as jaulas aqui, no penúltimo andar, para tornar mais difícil o acesso dos cidadãos comuns. Só não sei ao certo se eu, estando oficialmente morta, me qualifico na categoria de cidadã comum.

– Priscila, você por acaso sabe como abrir essas grades? – Liana pergunta, exasperada.

– Sei, sim. Os botões que abrem as jaulas ficam aqui do lado. Me dê só um minutinho que já tiro vocês daí, ok?

Sequestrar um Akasha foi mais fácil do que os fantasmas esperavam. A própria ousadia da missão foi em grande parte responsável por seu êxito, pois simplesmente ninguém imaginava que algo assim fosse tentado. Não depois de tantas demonstrações de força por parte dos Akasha, incluindo a inutilização de todas as armas de fogo do planeta. Por outro lado, a torrente de notícias falsas iniciada por THC acabou ajudando indiretamente, pois os Akasha resolveram retaliar com uma intensa campanha de relações públicas, promovendo constantes visitas de seus quatro representantes a universidades, escolas e outras agremiações. O esquema de segurança nessas visitas costumava ser mínimo: meramente um motorista e dois guarda-costas acompanhando o alienígena.

No dia programado para uma visita a uma universidade, o Akasha conhecido como Jon foi interceptado por um grupo de assalto especialmente treinado, armado de facões e katanas japonesas. O local do ataque foi escolhido por ser o mais próximo das instalações do equipamento de Contenção do Campo Quântico. Os seguranças e o motorista foram rapidamente tirados de combate. A ação foi tão rápida e bem-sucedida que Jon sequer chegou a oferecer resistência quando a tiara do QFC foi colocada em sua cabeça.

– Agora prestem atenção. Normalmente a essa hora os cinzentos não ficam circulando pelo prédio. A maioria deles está de serviço nas ruas, mas deve ter alguns no dormitório ou de bobeira por aí. Por isso precisamos ter muito cuidado para não fazer barulho. Entenderam?

Liana e as crianças formam um semicírculo ao redor de Priscila, mantendo a menor distância que o cheiro corporal dela permite.

– Fique tranquila, Pri – diz Liana. – A molecada sabe ser silenciosa. É só mostrar o caminho.

Priscila sai na frente, com as crianças seguindo em fila indiana. Liana fecha a fileira. Ao pisar no corredor, fica momentaneamente ofuscada pela iluminação intensa. Depois, quando consegue enxergar melhor, fica ainda mais assustada com o estado de sua amiga: a pele chega a afundar no espaço entre as costelas, e as pernas, de tão finas, dão a impressão de que vão quebrar a cada passo.

O grupo atravessa o amplo corredor, passando por portas idênticas à que deixaram para trás. Como se adivinhasse a pergunta que Liana está para fazer, Priscila diz:

– Cada sala dessas é utilizada por uma equipe de servidores, com um chefe de seção e três ou quatro subalternos. É para cá que eles trazem os invisíveis que conseguem capturar.

Mais alguns metros adiante Priscila empurra uma porta de metal, do tipo corta-fogo. É uma porta grande para os padrões comuns, mas bem menor que a porta de correr das salas de jaulas. Ela dá acesso para as escadas.

– Aqui é um pouco mais seguro – sussurra Priscila. – Os cinzentos praticamente não usam as escadas, pois a maioria deles é grande demais para passar pela porta.

As escadas possuem um sistema de iluminação automática, que é ativado à medida que o grupo vai descendo em silêncio, lance por lance. Liana conta cinco andares antes de Priscila parar e erguer a mão.

– Chegamos ao térreo. Se vocês forem pelo corredor à esquerda e dobrarem à direita logo em seguida, vão chegar na garagem. É o melhor jeito de sair daqui sem ser notado, eu acho. Tenham cuidado para não serem vistos por nenhum camburão chegando ou saindo. Na cancela, perto da saída, tem uma guarita com um vigia, mas contornem por trás que fica mais difícil para ele ver vocês.

Liana dá um passo à frente e pergunta:

– Você não vem com a gente?

– Não. Vou continuar descendo – Priscila encara Liana com seu único olho. Sob a iluminação mais forte, é possível perceber que o saco preto está mal ajustado à sua cabeça, deixando ver aqui e ali pedaços de carne carcomida pelo ácido. – A sorveteria fica no subsolo, e já passou da hora de meu sorvete. Se você quiser matar a fome, pode vir comigo. Lá tem Z de montão, como eu disse. Depois de se aplicar, você pode vaziar.

Liana hesita, mas só por um momento.

– Vão indo na frente, meninos. Encontro vocês depois, lá na praça, ok? Beto, você está no comando. Boa sorte, criançada.

Depois que o Akasha Jon foi levado para a base secreta dos fantasmas, Clarke não perdeu tempo ao experimentar a eficácia de sua invenção. Assim como o seu modelo experimental, o campo de contenção de frequência dos Akasha, a QFC dos fantasmas possuía uma graduação de voltagem, cujas possibilidades não tardaram a ser postas em prática. Graduado no nível mínimo, o aparelho era capaz de capturar o Akasha em sua forma humana, como já havia sido demonstrado. Elevando-se a intensidade da contenção, o resultado era provocar um crescente desconforto no Akasha, chegando a

um ponto equivalente, em um humano, a uma extrema dor física. Além do ponto a que os fantasmas ousaram ir a princípio, presumia-se que o aparelho fosse capaz de causar até mesmo a morte do alienígena.

THC imediatamente se propôs a utilizar sua invenção como um instrumento de tortura, para arrancar informações do prisioneiro. Alguns dos fantasmas mais conscienciosos se opuseram à ideia. Houve mesmo quem chegasse a acenar com a possibilidade, que não podia ser descartada de antemão, de os Akasha terem vindo à Terra realmente com a intenção de salvar a humanidade, ou ao menos parte dela. Nesse caso, seria uma atitude impensável torturar seu pretense salvador. Mas o líder dos fantasmas não se deixou comover pelo argumento. “Mesmo se fosse esse o caso,” teria dito ele, “se esse alien filho de uma mãe está disposto a bancar o Jesus, não vejo por que ele não possa receber o mesmo tratamento.”

Liana desce com Priscila mais dois lances de escada, até chegar ao subsolo. Priscila para na frente da porta e sinaliza com o indicador, pedindo silêncio. Com cuidado, ela abre uma fresta na porta corta-fogo, mas volta a fechá-la quase que imediatamente. É possível ouvir um ruído abafado, como se uma carga estivesse sendo transportada através do corredor. Priscila se aproxima e cochicha:

– Demos sorte. Os cinzentos estão trazendo um novo carregamento de sorvete. Só temos de esperar um pouco até eles acabarem e subirem de elevador.

Liana prende a respiração enquanto balança a cabeça em assentimento. Mas o fedor de carniça parece penetrar em seus poros.

– Que negócio é esse de sorvete? – ela pergunta, cochichando também.

– É a pasta base a partir da qual as hóstias são fabricadas. Eu chamo de sorvete porque os cinzentos congelam para poder transportar e armazenar. Acredite se quiser, Lica, mas a matéria-prima de todas as hóstias distribuídas na cidade é preparada bem aqui, no subsolo dos servidores públicos.

O olho dela brilha com uma fixidez fanática. Liana coloca a cabeça entre as mãos, perturbada. Parte da conversa com a rainha Godizila começa a fazer mais sentido agora. Por outro lado, o mais provável é que Priscila esteja mesmo doidinha da silva, e que Liana esteja entrando na maior roubada. Ela pensa nos pivetes, com uma pontada de arrependimento por não ter ido com eles. Mas a pontada da ânsia é bem mais forte, beliscando suas entranhas. Desde que se viciou em Z, Liana nunca ficou tanto tempo sem uma dose.

Priscila abre novamente uma fresta na porta, e dessa vez faz sinal para que Liana a acompanhe. As duas atravessam o vasto corredor, que é iluminado por uma luz mais opaca que a

do andar das jaulas. Ainda assim, não há lugar onde elas possam se esconder caso algum servidor apareça. Por isso Liana suspira de alívio quando afinal Priscila se detém diante de uma porta dupla de tamanho descomunal. Com o mesmo cuidado com que abriu a porta da escada, ela primeiro espia por uma fresta antes de se convencer de que é seguro entrar. Liana segue atrás.

Faz muito frio ali dentro, e a luz é ainda mais mortiça que no corredor. Trata-se de um salão muito amplo, com pelo menos o triplo do tamanho da sala das jaulas. O chão e o teto estão igualmente recobertos por ladrilhos brancos, mas as paredes à direita e à esquerda são tomadas por duas estruturas diferentes, ambas parecendo estranhamente familiares para Liana.

Na parede à direita, portas de vidro encerram prateleiras que estão abarrotadas de pequenos tijolos de cor cremosa, ordenadamente empilhados uns por cima dos outros. À primeira vista, aquelas prateleiras lembram um imenso refrigerador de supermercado, com incontáveis quilos de queijo muçarela em exibição.

Já na parede à esquerda há uma enorme estrutura metálica, composta por uma longa fileira de gavetas ou cubículos, alinhados em colunas de cinco. Algo nessa cena sugere associações desagradáveis. Liana pensa a princípio que é por uma certa semelhança com a estrutura da sala das jaulas. A diferença é que ali cada cubículo parece hermeticamente fechado, e a quantidade de gavetas é muito maior. Mas há algo além disso, alguma lembrança sinistra que Liana não consegue acessar no momento.

A parede ao fundo, parecendo muito distante, é coberta de ladrilhos brancos, assim como o teto e o chão. Assim como na sala das jaulas, há ali uma mangueira enrolada em um nicho na parede.

– O sorvete fica aqui, Lica – diz Priscila, caminhando para as prateleiras à direita. Sem fazer cerimônia, ela abre uma das portas de vidro e pega dois pacotes na prateleira de baixo. Joga um deles para Liana e imediatamente começa a rasgar com os dentes o envoltório plástico do que ficou com ela.

Liana segura o tijolo gelado nas mãos. De perto não parece tanto com queijo muçarela. A tonalidade é um pouco mais acinzentada. Apesar da ânsia, ela demora a abrir o pacote.

– Isso faz um bem! – Priscila exclama, mastigando ruidosamente. Cada belezinha dessas tem mais ou menos um quilo de sorvete. Eu só consigo comer meio quilo de cada vez, mas tenho de levar o pacote inteiro, para os cinzentos não descobrirem que tem rato na sorveteria deles.

Ela solta outra de suas risadas, engasga, cospe uma porção cremosa no chão e continua falando:

– Tem tanto sorvete por aqui que nunca se preocuparam em contar. Eu levo o pacote com o que sobra comigo, para não deixar por aí dando bandeira. Mas o gosto não é tão bom depois que esquenta.

– O que tem naquela outra parede?

– Aquilo ali? É a matéria excedente. O que sobra depois que os servidores preparam o sorvete – Priscila fica meio inquieta, sobretudo quando vê Liana caminhando na direção da fileira de gavetas. – Isso é apenas lixo, Lica. Uma vez por semana, os cinzentos ligam o forno e queimam tudo. Deixe isso para lá. Você não vai comer o seu sorvete? Pensei que estivesse na fome braba.

Agora Liana já acessou qual é a lembrança que aquela parede cheia de gavetas lhe evoca. Não é muito diferente de uma fileira de gavetas mortuárias em um necrotério. Ela estende a mão para puxar a mais próxima. Não chega a ser uma surpresa o que vê lá dentro: o corpo de um homem, provavelmente um zumbi nos últimos estágios de dependência, a julgar pelas feias úlceras que cobrem sua pele. A cabeça está destruída, aberta exatamente no meio por algum tipo de serra, considerando o corte preciso e retilíneo nas bordas do crânio.

Sem nenhuma surpresa, Liana constata que algo está faltando no cadáver. A caixa craniana está vazia. Alguém retirou o cérebro do defunto.

No fim das contas, a tortura se revelou o grande fator equalizador entre os homens e os Akasha. Depois de uma sessão no pau-de-arara quântico, Jon abriu o bico como um prisioneiro político qualquer.

O primeiro alvo da curiosidade dos fantasmas foi, é claro, a mesma questão que havia mobilizado as massas: o que os Akasha pretendiam fazer com todo aquele dinheiro que estavam ganhando na Terra?

A resposta foi decepcionante, para dizer o mínimo. Segundo contou Jon, os Akasha não estavam em absoluto interessados na riqueza terrestre. Toda a fortuna que eles amealharam nada mais foi que a utilização da linguagem que mais seria compreendida e respeitada por aqui. Ou seja, na Terra, como os terráqueos.

Quanto aos preços exorbitantes cobrados por um único chip de Vida Akasha, a resposta foi ainda mais desconcertante. Jon confessou que os Akasha estavam realmente interessados em preservar o nosso modo de ser e de pensar. Contudo, por questões técnicas, havia apenas um número limitado de consciências que poderiam ser inseridas em seu sistema de suporte de vida virtual. Assim, a solução foi estabelecer um fator moderador qualquer. E o dinheiro, novamente, foi a linguagem óbvia que os humanos

seriam capazes de compreender. Para os Akasha, não teria feito diferença se a seleção fosse feita de acordo com o tamanho do Q.I. ou mesmo a partir de um sorteio da loteria.

Não chega a ser uma surpresa, mas não é menos chocante por isso. Liana sente o pacote congelado escorregando de sua mão, para cair com um estrondo surdo dentro da gaveta metálica. Como que por uma ironia macabra, o pacote vai cair justamente no espaço vazio dentro do crânio do morto, ocupando o lugar onde deveria ficar o cérebro.

Liana volta-se para encarar Priscila, fervendo de raiva. A outra encara de volta, em zombeteira expectativa. Vê-la dando mais uma dentada em seu “sorvete” é a gota d’água:

– Você mentiu para mim. Virou um zumbi desgraçado. Falou que ia me dar uma hóstia. Mas aqui só tem cérebro de gente morta.

A fala de Liana é entrecortada por soluços e pontuada por um choro sentido, comovedoramente infantilizado. Mas Priscila não se sensibiliza ao ver a amiga chorando. Pelo contrário, parece ter ficado furiosa. Ela avança para Liana de dedo em riste:

– Mentí porra nenhuma! Eu falei o quê? – ela estende o pacote pela metade até a altura dos olhos de Liana, que recua instintivamente. – Isso aqui é a matéria-prima para a fabricação das hóstias: miolo congelado de zumbi.

– Não pode ser – balbucia Liana. – Eu não acredito.

Priscila avança outro passo na direção de Liana, obrigando-a a recuar mais. Mesmo estando tão debilitada fisicamente, seu gênio irascível não foi nem um pouco abrandado.

– Não tem a menor importância se você acredita ou não. Da mesma forma como não faz muita diferença mastigar meio quilo de sorvete ou engolir meia dúzia de hóstias. É tudo cérebro de defunto do mesmo jeito, Lica!

Priscila solta uma gargalhada com tanta raiva e desespero que é acometida por um severo ataque de tosse, tão forte que acaba jogando-a no chão. Liana sente que não consegue ficar naquele lugar nem mais um segundo. Ela sai correndo desabalada até a porta, só para cair nas mãos de uma equipe de cinzentos.

Os fantasmas ficaram bastante desanimados diante dessas revelações. Mas o ódio fanático de Timothy Henry Clarke pelos Akasha não seria abalado por tão pouco. Ele estava convencido de que Jon, de alguma forma, tinha conseguido mentir, ou ao menos falsear a verdade, mesmo sob tortura. “Não posso acreditar que vocês, todo-poderosos senhores do universo, sejam limitados por uma questão técnica tão banal quanto um simples problema de armazenamento de dados”, disse THC para seu prisioneiro. “Vou lhe dizer o que eu acho: vocês querem apenas montar um zoológico. E para isso basta uma

pequena amostra de cada espécie. Não há necessidade de levar a população inteira para o zoológico. E agora você vai me dizer se o meu pensamento está correto.”

THC precisou ser contido por outros membros da equipe para não matar Jon antes da hora. Mas o resultado foi que o torturado acabou dizendo exatamente o que o torturador queria ouvir.

O sistema de suporte de Vida Akasha, segundo contou Jon, consistia na verdade de quatro plataformas interdependentes de simulação. Não era à toa, portanto, que os Akasha visitantes fossem em número de quatro. Em cada uma dessas plataformas seria criado um ambiente de interação coletiva, inspirado na vida e na cultura da Terra, mas apresentando sutis variações que representariam a concepção de cada um dos quatro Akasha a nosso respeito. As plataformas seriam diferentes versões, ou *teorias líricas*, de uma mesma estrutura narrativa básica. “É pior que um zoo”, teria dito THC ao saber disso. “Eles estão montando uma maldita exposição de Arte.”

A cidade que você habita hoje, com todos os seus moradores, nada mais é que uma das quatro plataformas virtuais de Vida Akasha.

Ao abrir os olhos, algum tempo depois, o primeiro fato que entra na consciência de Liana é a ausência da ânsia. Não há choques gelados percorrendo sua pele, nem dolorosas contrações nos músculos, nem sombra de tremeliques. Ela sente, ao invés disso, um sonolento êxtase impregnando seu corpo com uma onda muito leve de Z, como se a droga estivesse batendo amortecida por uma espessa camada de algodão.

A segunda coisa que ela percebe é o cheiro rançoso de fumaça, como se alguém tivesse fumado inúmeros cigarros em um recinto sem ventilação. Isso não combina com o cenário onde ela se descobre ao abrir os olhos, deitada em uma cama de metal inoxidável, vestida com a camisola verde dos hospitais e ligada a fios e pequenas mangueiras plásticas de aparelhos cheios de luzes coloridas piscando. Outro fato que destoia do cenário hospitalar são os tornozelos e pulsos de Liana amarrados às barras de metal da cama por meio de grossas tiras de couro com fivelas. Além disso, a porta do quarto está bem fechada. Aquilo ali pode até ser um hospital, mas Liana não é menos prisioneira por isso.

Ela nota que não está sozinha no quarto. Há um par de olhos avermelhados que a fita com uma intensidade quase malévol.

– Bom dia, princesinha – diz a estranha figura que ocupa uma poltrona ao lado do leito de Liana. É um homem velho e muito feio, vestido com um surrado terno cinza. Ele apresenta uma versão atenuada do Mal de Circe, que o deixa com a aparência de um macaco-narigudo. Um cigarro fumado pela metade queima entre seus dedos. – Espero que não fique muito zangada por

estar amarrada desse jeito. Tentei convencer o pessoal daqui que isso não seria necessário, mas eles consideram você preciosa demais para correrem o risco de vê-la batendo as asinhas novamente.

Liana olha ao redor do quarto.

– Que lugar é este?

– Tirou a sorte grande, mocinha – diz o macaco, com ares de importância, sacudindo o cigarro como se fosse a batuta de um maestro. – Você está em um dos melhores quartos do Hospital Popular. Foi o próprio doutor Arquimedes Gouveia que determinou sua transferência para cá.

– Quem é esse doutor? É médico de quê? – Liana questiona, meio alheada, pois ainda não despertou de todo.

O velho olha para ela com incredulidade.

– Vai me dizer que não sabe quem é o doutor Arquimedes Gouveia?

– Deve ser muito importante, para ter nome e sobrenome.

O narigão treme, como se estivesse detectando um cheiro particularmente repulsivo. Então o símio irrompe em uma sonora gargalhada.

– Fico feliz em ver que você tem senso de humor. Vai precisar bastante dele, minha querida. Respondendo à sua pergunta, o doutor Arquimedes Gouveia não é um simples médico, mas um grande benfeitor da humanidade. Já está em seu sexto mandato como deputado, e provavelmente já ajudou uma quantidade maior de gente do que o número de neurônios que você ainda tem sobrando nessa cabecinha linda. E é isso o que a torna incrivelmente sortuda, meu benzinho: o doutor resolveu estender sua benevolência a você.

Ele enfia a mão peluda dentro do terno para pegar um novo cigarro, que é acendido na bituca do anterior. A guimba do cigarro velho é então arremessada no chão do quarto com um piparote displicente.

– Pensei que fosse proibido fumar em hospitais – diz Liana, em tom de censura.

– E eu pensei que fosse proibido se drogar com Z, mas isso não está impedindo você de estar tomando na veia a melhor safra de zaserdopadre que o dinheiro pode comprar.

Liana olha para a agulha espetada em seu braço, seguindo a mangueirinha até a bolsa plástica dependurada acima de sua cabeça. Ela sente que deveria ficar horrorizada, mas está dopada demais para isso.

– Ao menos uma coisa nós temos em comum – continua o macaco, depois de dar uma longa tragada. – Ambos somos adeptos de substâncias antissociais. Eu, pelo menos, tenho a desculpa de que o cigarro era glamoroso quando comecei a fumar, tantos anos atrás. Mas hoje o

cerco antitabagista está uma coisa acintosa. Se continuar assim, estou vendo a hora em que vou ter de viver só à base de scotch.

Liana já está ficando sem paciência:

– Afinal, quem é você? O que quer comigo?

– Ora, minha cara, pensei que você já tivesse me reconhecido. Mauro Nelson, ao seu dispor.

Diante da nula expressão de Liana, ele pergunta, contrariado:

– Será possível que a mocinha também nunca ouviu falar de Mauro Nelson, o cronista esportivo?

Liana continua impassível. O velho fica agitado e se levanta da poltrona:

– Pois fique sabendo que jamais houve nesta terra um cronista esportivo da estatura de Mauro Nelson! Foi da minha pena que saíram as tramas das principais partidas de futebol da década passada, inclusive a grande final da copa em que nossa seleção sagrou-se campeã após acirrada disputa de pênaltis. Fique sabendo, senhorita, que está diante da mente que escreveu aquela imorredoura sequência de defesas e bolas para fora, que já foi descrita como a mais emocionante decisão por pênaltis de todos os tempos!

No instante seguinte ele murcha visivelmente, como um balão furado. Coça a cabeleira grisalha, acende outro cigarro e diz:

– Ora, mas quem estou querendo enganar? Tudo isso é passado. Hoje em dia ninguém mais se interessa pela crônica esportiva, pela arte de criar uma boa partida de futebol, com lances emocionantes bem dosados para não perturbar a monotonia essencial do jogo. Hoje eles têm o tal do computador randômico, capaz de criar três mil partidas em um único dia. Mas onde está a arte nisso? Hoje eu não passo de um velho escritor desempregado. E é por isso que tenho de me virar pajeando candidatas à celebridade que nem você, Liana. Já fui espada, mas hoje não passo de um canivetezinho. Triste fim de Mauro Nelson.

– Como você sabe o meu nome?

O macaco vira o nariz na direção dela. Seus olhos voltam a brilhar com ironia:

– Ora, meu chuchu, eu sei tudo sobre você. Ou, pelo menos, sei tudo o que é preciso para escrever uma edificante e comovente história de superação. A vida dupla de dançarina do cinema Orxxx e prostituta do calçadão para sustentar o seu vício em Z. A participação involuntária no assassinato de um jovem universitário, filho de uma das melhores famílias da cidade. A fuga com o auxílio dos criminosos do narcotráfico. O ataque incendiário à fazenda das Irmãs Bondade. A vida de crime, liderando uma quadrilha de menores infratores. E, finalmente, a intervenção redentora do doutor Arquimedes Gouveia, restituindo a jovem e bela meliante ao

seio da boa sociedade. Já pensei até em um título: “Liana, drogada e prostituída”. Ou será que você prefere ser chamada de Lica?

Não um único zoológico, mas quatro parques temáticos diferentes. O palpite paranoico de THC acabou não se distanciando muito da verdade. Clarke também acertou quanto à existência de um motivo ulterior para as ações dos Akasha. O sistema de suporte de Vida Akasha utilizado pelos terráqueos seria totalmente compatível com a consciência do próprio povo Akasha, que poderia a qualquer momento baixar em uma das quatro plataformas de simulação, com um personagem à escolha, e interagir com os humanos que estiverem vivendo lá.

“E vocês certamente vão cobrar algum tipo de ingresso por essa *city tour* na vida terrestre”, disse THC, quando Jon confessou essa parte da história. “E é assim que vocês vão ganhar dinheiro. Não o nosso dinheiro de mentirinha, mas o de verdade, dinheiro de Akasha.”

Por outro lado, não se poderia dizer que os Akasha estivessem mentindo ao prometer a vida eterna. Toda vez que alguém “morresse” dentro de uma simulação na Vida Akasha, sua consciência seria automaticamente transferida para algum outro personagem que estivesse pronto para “nascer” em qualquer uma das quatro plataformas. Para preservar o sistema de crenças que torna possível à consciência da pessoa aceitar como realidade a sua vida dentro de um sistema virtual, a cada “reencarnação” todas as memórias da existência anterior seriam apagadas, salvo alguns vestígios residuais relacionados com os traços essenciais da personalidade.

E é aí que entrariam os célebres Registros Akáshicos, que não passam de quatro simulacros distintos, um para cada plataforma, dos Registros Akáshicos “verdadeiros”, existentes no mundo “real”. Dentro do sistema de suporte de Vida Akasha, a função dos Registros é fornecer a todo momento um contexto de verossimilhança aos elementos temáticos inseridos pelos Akasha, fazendo com que a consciência, atuando em uma dada plataforma, aceite as simulações que lhe são apresentadas como a mais pura realidade.

Normalmente as pessoas em cada plataforma sequer chegam a tomar consciência dos Registros Akáshicos, que são introduzidos em um nível subliminar e subconsciente. Graças a um vírus especialmente desenvolvido para esse propósito, no entanto, conseguimos fazer com que você se tornasse progressivamente consciente dos Registros Akáshicos. Esse foi o início de sua libertação.

Liana está estupefata. Fica olhando para o macaco velho, literalmente de boca aberta. Depois de um tempo, Mauro Nelson resolve continuar seu monólogo:

– Creio que posso imaginar algumas perguntas que devem estar passando por sua cabeça agora. Para ganhar tempo e poupar energia, vou tentar responder da melhor maneira que eu puder, tudo bem?

Ela faz que sim com a cabeça.

– Ótimo então. Primeiro, vamos às boas notícias. Seus preciosos pivetes conseguiram fugir. Como não tinham importância, ninguém se preocupou muito com o que seria feito deles. E o resultado disso é que sua gangue de menores infratores deve estar agora mesmo pelas ruas, alegremente roubando a bolsa de alguma madame descuidada.

Ele coça a cabeça, mira Liana de rabo de olho e resolve acender mais um cigarro:

– Agora vamos falar sobre sua amiga Priscila. Lamento dizer, meu bem, mas ela já era. Considerando tudo, foi melhor assim. Afinal, ela não estava exatamente levando uma vida de princesa, não é mesmo? Pobre alma. E pensar que ela realmente acreditou durante esse tempo todo que estava dando uma de fantasma da ópera, vivendo escondida bem no prédio dos servidores públicos sem que ninguém desse por sua existência!

Nesse ponto Liana não se contém:

– Vocês já sabiam a respeito dela?

– Claro que sim, querida. A presença malcheirosa dela no prédio, bem como seus furtos diários, só foi tolerada devido à remota possibilidade de ela ser útil algum dia. Como, aliás, acabou sendo.

– O que você quer dizer com isso?

– Falando da forma mais clara possível, ela só foi mantida viva porque era sua amiga. Quando os servidores, afinal, capturaram você, não foi difícil fazer com que ela a visse. E o resto aconteceu meio que automaticamente, pode-se dizer.

– Como assim? Qual o sentido disso? Se vocês já tinham me prendido, para que me dar a chance de fugir? Só para me prenderem de novo?

Mauro Nelson faz um bico com os lábios grossos para soprar a fumaça longe. Olha para Liana de um jeito que parece meio compadecido, meio debochado:

– Digamos que havia um duplo propósito nisso. Em primeiro lugar, queríamos observar seu comportamento, verificar até que ponto ia a sua dependência em Z. E em segundo lugar queríamos que Priscila conduzisse você até o subsolo. Queríamos que você descobrisse qual era o segredo por trás do misterioso composto Z.

– Não podiam simplesmente ter me contado?

– E você teria acreditado se não visse com os próprios olhos? Agora mesmo, neste exato momento, posso ver em seus olhos que uma parte sua ainda não consegue aceitar esse simples

fato: o composto Z, ingrediente principal da droga mais viciante já fabricada, é secretado pelo próprio cérebro dos usuários de Z! Chega a ser de uma justiça poética isso, não é mesmo?

Liana obstina-se em sua incredulidade:

– Não pode ser.

– Entendo o que você está pensando. É como no paradoxo vulgar do ovo e da galinha. Se o composto Z é extraído do cérebro dos zumbis, como é que surgiu o primeiro zumbi? Devo confessar a você que não possuo todas as respostas. Afinal, não passo de uma figura apagada do segundo escalão. Mas posso facilmente imaginar o seguinte. Acompanhe comigo e veja se não é plausível: a primeira leva do composto Z pode muito bem ter sido produzida em laboratório, para então ser inoculada no cérebro das primeiras cobaias, que possibilitaram a multiplicação e, em seguida, a incrivelmente rápida propagação da droga.

– E por que é que eu tinha de saber dessas merdas? Por que é que você está me contando tudo isso? – Liana está quase gritando, à beira das lágrimas.

– Saber dessas coisas pode não ser muito agradável, meu docinho. Mas certamente ajudará você a concordar com o papel que estamos planejando para você. Papel esse que eu, modestamente, estou empenhado em escrever.

A essa altura do interrogatório, o alienígena fora brutalizado a ponto de nem mesmo o mais ingênuo dos fantasmas acreditar que seria possível evitar a sua morte. Mas, antes de despachar Jon para o céu Akasha, THC ainda conseguiu extrair algumas informações técnicas vitais. E foi graças a essas informações que ele projetou uma série de vírus estratégicos para clonar os chips de Vida Akasha e driblar o sistema dos aliens.

Timothy Henry Clarke pode ter sido um louco paranoico, xenófobo e impiedoso. Mas foi graças a ele e aos seus fantasmas que outros quarenta milhões de seres humanos, além dos que já possuíam um chip, tiveram alguma chance de sobreviver à colisão com o asteroide Perse.

Liana agora chora abertamente:

– Que porra de papel é esse? O que é que vocês querem comigo?

O velho acende outro cigarro antes de responder:

– Peço que você considere os fatos sob o seguinte prisma, minha lindeza: a droga Z é uma verdadeira doença que flagela a sociedade, não é mesmo? E, como toda doença, está cumprindo um ciclo, que agora deve chegar ao fim. O momento é propício, finalmente, para a cura. E você, minha joia rara, foi escolhida para ser a nossa garota-propaganda. Será você quem mostrará que a cura da dependência em Z é possível.

– Como pretendem fazer isso?

– Você será submetida a um pequeno procedimento, meu bebê. Posso adiantar que não será nada agradável. Mas você receberá uma ampla compensação financeira por sua boa vontade, além de um bom emprego e muitas outras mordomias, tudo isso para se livrar de uma vez por todas do feio vício em Z. Devo dizer que é uma proposta irrecusável, você não acha?

– Mas para que essa farsa toda? Só para ganhar mais dinheiro?

– Não, meu benzinho, você não entendeu o espírito da coisa. A imensa quantidade de dinheiro que será feita com a cura é importante, mas não é tudo. Pense no poder político que obteremos com essa pequena manobra. Posso dizer com segurança que nosso partido vencerá de lavada as próximas eleições.

– E por que eu? Por que vocês se deram a esse trabalho todo para me pegar?

– Não seja tão modesta, gatinha. Você é perfeita para o cargo. É jovem, bonita, consegue se expressar razoavelmente bem, embora nós precisemos treinar bastante essa parte, depois que tudo estiver acertado. Mas o mais importante, claro, é esse seu segredinho especial, que torna tudo tão deliciosamente ambíguo.

– É pelo fato de eu ser fantasma, não é?

– Ora, meu amor, você sabe tão bem quanto eu que os fantasmas não existem. Mas, se existissem e você fosse um deles, esse nosso pequeno jogo seria um golpe decisivo, que poria fim de uma vez por todas às patéticas tentativas de terrorismo desse grupo fictício.

Ao ver que o símio está enfiando novamente a mão no bolso do paletó, Liana implora:

– Misericórdia, chega de cigarro! Não estou conseguindo mais respirar com tanta fumaça.

Mauro Nelson olha contrariado para ela, mas logo sorri:

– Tudo bem, minha flor. Não vejo por que eu não possa lhe prestar essa pequena gentileza. Até porque, creio, já conversamos o principal. Você já está pronta para conhecer o seu grande benfeitor.

O macaco se encaminha para a porta, mas antes de sair ainda se volta para dizer a Liana:

– Só uma última dica. Tente não demonstrar medo na presença do doutor. Os da espécie dele não costumam reagir muito bem ao medo. Sorria, e tudo estará bem. E é claro que eu nunca lhe disse nada disso, entendeu?

Os dois anos seguintes foram de atividade frenética para os fantasmas. Primeiro, eles disponibilizaram na *Deep Web* o código-fonte do chip da Vida Akasha, obtido através da tecnologia reversa e da tortura. Isso possibilitou o mapeamento cerebral clandestino de um grande número de pessoas, que também se utilizaram da *Deep Web* para enviar de volta para os fantasmas a criptografia de seus chips piratas. Toda essa massa descomunal

de dados foi armazenada e processada no *Casper*, apelido carinhoso dado ao imenso mainframe utilizado pelos fantasmas.

Essas tarefas foram muito dificultadas pelas contramedidas tomadas pelos Akasha, com o apoio das autoridades terrestres oficiais. Desde o sequestro e desaparecimento de Jon, os fantasmas foram declarados terroristas e inimigos do povo. Grandes recompensas – inclusive, é claro, chips de Vida Akasha – foram oferecidas para quem pudesse fornecer informações que levassem à sua captura.

Os fantasmas contra-atacaram, tornando públicas as gravações do interrogatório de Jon, que provocaram uma comoção sem precedentes. Foi a gota d'água que faltava para lançar o mundo no caos total. Foi muito feio, embora não totalmente inesperado, esse fim antes do fim. Incontáveis milhões morreram nos conflitos que se seguiram. Além dos mortos nas batalhas, outros morreram de fome, ou de doenças, ou dos inumeráveis problemas secundários decorrentes da guerra.

Paradoxalmente, a ruína mundial foi o que possibilitou que os fantasmas continuassem operando em relativa segurança e liberdade. Quando resolveram dar por encerrada a clonagem de chips, haviam conseguido coletar ilegalmente o mapeamento cerebral de cerca de quarenta milhões de seres humanos.

A etapa final, levada a cabo poucos meses antes da data marcada para o encontro com Perse, foi criar um vírus especial, codificado como uma estrutura peculiar de sinapses cerebrais. Esse padrão sináptico foi enxertado no cérebro de uma voluntária, em um procedimento cirúrgico que também foi desenvolvido a partir da tecnologia Akasha.

O procedimento foi concluído com êxito. Então a voluntária adquiriu em seu próprio nome um chip oficial de Vida Akasha, pago com as derradeiras moedas do cofre de THC. Assim, ao ter sua consciência inserida em uma das plataformas de Vida Akasha, ela carregava consigo, secretamente, um poderoso vírus a ser liberado no sistema no momento propício.

Angélica era o nome dessa heroica voluntária. Mas entre os fantasmas ela era mais conhecida por seu nome de guerra: Lica.

– E quando é que você vai calar essa bendita boca? – Liana diz para si mesma, sozinha no quarto de hospital.

A demora do macaco em voltar talvez seja proposital. Nesse meio tempo Liana pode considerar suas opções e tomar uma decisão. Finalmente Mauro Nelson abre a porta. Ele parece ligeiramente diferente, mais sóbrio e formal:

– Liana, tenho a satisfação de lhe apresentar ao doutor Arquimedes Gouveia.

Por um instante o cérebro de Liana simplesmente não consegue processar o que está diante de seus olhos. Ela sente sua pele se eriçar enquanto um calafrio de pânico percorre sua espinha. A sensação é a de estar na presença do Puro Mal, do Mal Absoluto, como uma força básica da natureza, sem relativismos ou adereços.

E então, no instante seguinte, a sensação desaparece como se nunca tivesse existido. Quem está diante de Liana é um homem calvo, de meia-idade, um tanto encarquilhado e de aparência frágil. A não ser quando seus olhos encontram os dela. Não há nenhum vestígio de expressão humana nesse olhar. Nenhum sentimento além de uma fome visceral e primitiva, mais profunda que qualquer fome que Liana tenha conhecido.

– Olá – ela diz, esforçando-se admiravelmente para sorrir.

O vampiro avança até o leito onde Liana está amarrada e se inclina sobre ela. Aproxima-se até que seu rosto fica a poucos centímetros do pescoço da jovem. Ele sorve o ar ruidosamente, como se tentasse capturar o cheiro dela. E nesse momento de intimidade ela também capta algo: suas narinas são invadidas por um aroma adocicado de água de colônia.

– Ela servirá – diz o doutor Arquimedes Gouveia, com uma voz que parece se esfarelar no ar, afastando-se do leito e saindo do quarto sem olhar novamente para Liana.

Mauro Nelson só falta dar uma cambalhota de alegria. Ele abre um grande sorriso e, é claro, acende um cigarro para comemorar:

– Parabéns, minha linda estrela. Chegou a sua hora de brilhar!

## Capítulo IX

# FELIZ ANIVERSÁRIO, LICA!



*\* Onde acompanhamos um complexo procedimento cirúrgico.*

*\* Da fugacidade da fama.*

*\* As múmias também amam?*

*\* E Liana vira uma pessoa séria.*

*“A opinião pública é uma mistura de insensatez, fraqueza, preconceito, sentimentos errados, sentimentos corretos, teimosia e parágrafos de jornal.”*

**Robert Peel**

– Assine aqui, aqui e aqui, meu bem – diz Mauro Nelson, com um sorriso ansioso.

Liana assina sem ler. O macaco velho até que tentou traduzir para ela as nuances do juridiquês, resumindo em linguagem comum as letras miúdas da extensa papelada. Mas Liana não estava nem aí. Ela apenas fingiu que escutava, balançando a cabeça de vez em quando, até que finalmente Mauro Nelson lhe estendeu o contrato para assinar. Sabia muito bem que não tinha escolha, a não ser concordar com o tratamento. Caso recusasse, não levaria dois tempos para ela terminar na sorveteria dos cinzentos.

A assinatura daquele documento, portanto, é uma mera formalidade para Liana. Mas aparentemente ela é a única que pensa assim.

– Ninguém pode negar que você merece uma recompensa.

O macaco-narigudo atende ao insistente pedido dela de transferência para um quarto com janela. A vista não é lá essas coisas, mas pelo menos Liana não corre mais o risco de sufocar com a fumaça de cigarro a cada sessão de treinamento com Mauro Nelson. Ele também providencia para que as tiras que prendem Liana à cama sejam removidas. E ela ainda passa a ter direito a um passeio diário pelo corredor do hospital, acompanhada por um enfermeiro grandalhão e de pouca conversa. Contudo, a porta de seu quarto é mantida trancada por fora. Liana não deve esquecer que continua sendo uma prisioneira.

A bateria de exames pré-operatórios quebra um pouco a rotina. Mauro Nelson lhe faz visitas diárias, ajudando-a a decorar todas as possíveis respostas para a entrevista que ela dará à imprensa.

– Hoje à tarde o médico responsável pelo procedimento virá aqui explicar todos os detalhes – ele diz um dia, em tom casual.

– Não precisa. Não tenho o menor interesse em saber.

O macaco dá um tapinha amistoso em sua perna:

– Entendo perfeitamente os seus sentimentos a respeito, meu bombom. Infelizmente, as coisas não são tão simples. Quando o doutor Ricardo vier conversar com você sobre a cirurgia, provavelmente teremos uma meia dúzia de repórteres presentes, para registrar a ocasião. Entendeu agora?

– Tanto faz.

Sua impassibilidade, no entanto, é apenas aparente. Ela aguarda com expectativa a chegada dos repórteres.

E na hora marcada chegam, uma dúzia e meia deles. Não há como fazer todos caberem no quarto de uma vez, ainda mais com suas câmeras e microfones. A solução sugerida por Mauro Nelson é dividir os repórteres em turmas, realizando duas sessões de explicação do procedimento. Com a exceção de Liana, ninguém parece estranhar o arranjo. Fica combinado que a primeira turma será formada pelas equipes de televisão, e que os representantes das rádios, jornais impressos e sites de notícias ficarão aguardando o repeteço na cantina do hospital.

O doutor Ricardo chega com quinze minutos de atraso, quando todos os repórteres da primeira turma já estão amontoados no quarto, esperando. Trata-se de um médico ainda jovem, de porte atlético, com traços leoninos bem marcados em suas feições, inegáveis evidências de que o doutor sofre de pronunciado Mal de Circe.

– Senhores, boa tarde – o leão diz, com uma voz surpreendentemente suave, de timbre agudo. – Sinto muito por tê-los feito esperar, mas eu estava resolvendo uma questão de vida ou de morte. Como sempre, aliás.

Ele se encaminha para o leito da paciente. Depois de já ter se posicionado, resolve contornar a cama e ir para o outro lado.

– Será melhor me filmarem assim – ele diz, com um sorriso cativante. – Esse é o meu melhor ângulo.

Doutor Ricardo começa a explicar como será o procedimento. Durante todo o tempo de sua longa explanação, ele mal põe os olhos em Liana. Ela procura fazer sua parte e parecer minimamente interessada.

– Resumindo, senhores – o médico diz, finalmente se aproximando de uma conclusão. – Nós vamos cortar o mal pela raiz. O que causa o vício em Z são, basicamente, os receptores cerebrais da adrenalina, da dopamina, da serotonina e, é claro, do composto Z. Por meio de um procedimento triplo, extremamente complexo e inovador, iremos bloquear todos os receptores dessas substâncias no cérebro da paciente.

– Quais são os riscos do procedimento, doutor? – pergunta uma das jornalistas.

– Bom, isso depende do que você considera como risco – responde o doutor felino, deixando entrever um meio sorriso irônico. – Eu diria que existe o risco de a paciente esquecer como se usa o banheiro, por exemplo. Mas o risco de ela voltar a querer consumir drogas, isso eu garanto, é completamente nulo.

É claro que os repórteres querem que Liana diga algo também. Ela está um pouco nervosa e tímida, mas recita com exatidão, palavra por palavra, o texto que Mauro Nelson escreveu.

– Agradeço a bondade do doutor Arquimedes Gouveia, que me concedeu essa oportunidade maravilhosa de mudar a minha vida para melhor. Tenho confiança de que tudo correrá bem e espero que o doutor Arquimedes Gouveia possa continuar ajudando muitas pessoas como eu a se livrarem desse terrível vício.

Logo em seguida a encenação é repetida desde o começo para a segunda equipe de jornalistas. Liana finge prestar atenção, mas fica cismando. Até então ela não havia parado para pensar em como seria o tal procedimento. Agora, é como se um alarme soasse em sua mente.

Pelo que entendeu da explicação do médico, eles vão inutilizar diversas partes de seu cérebro com produtos químicos, cauterizar outras e ainda cortar alguns pedaços. O que ela teme não são tanto as consequências nefastas dessas ações invasivas em sua própria pessoa. Seu medo secreto, que ela mal ousa considerar, é que tudo não passe de uma manobra para eliminar qualquer eventual ameaça abrigada em seu cérebro.

Liana não tem acesso a telejornais, nem a qualquer tipo de noticiário. Mas no dia seguinte, ao ver Mauro Nelson todo feliz e saltitante, ela sabe que a cobertura da imprensa correu de acordo com o esperado.

E afinal chega o dia do procedimento. Liana fica nada menos que dezoito horas na mesa de operações. E depois disso ainda permanece durante duas semanas e meia em coma induzido, para facilitar o processo de cicatrização dos tecidos cerebrais. Passam-se outras quatro semanas de intensa fisioterapia, exames e procedimentos complementares antes que Liana tenha permissão de se olhar no espelho.

Ela fica contemplando a figura refletida durante um bom tempo, em silêncio. Aparentemente, não se dá conta de que é a sua própria imagem que está vendo.

Sem conseguir controlar a ansiedade, Mauro Nelson indaga:

– E então, minha princesa? O que achou?

Liana leva mais alguns instantes antes de responder:

– Uma múmia. Agora eu sou uma múmia.

O olhar que o velho macaco lhe dirige é cheio de consternação, piedade e secreta culpa.

– Como você está se sentindo, meu bem?

Novamente ela demora para responder:

– Não estou sentindo nada. Absolutamente nada.

Logo no dia seguinte começa a maratona de relações públicas, com disputadas coletivas à imprensa, intermináveis sessões de fotos e incontáveis aparições em programas de entrevistas. O doutor Arquimedes é uma companhia constante sob os holofotes, ao menos nos compromissos com a imprensa que podem ser agendados no horário da noite. Agora que Liana está em sua nova fase mumificada e impermeável a emoções, o velho vampiro careca não lhe provoca mais a mínima ojeriza.

Por outro lado, é uma sorte para ela que as previsões bem-humoradas do médico felino acabem não se concretizando. Suas capacidades meramente cognitivas parecem não ter sofrido maiores danos com o procedimento. Assim, Liana não desperdiça as intensas horas de treinamento com Mauro Nelson e consegue declamar com precisão todas as suas falas decoradas a tanto custo. É verdade que ela agora possui a intensidade emocional e o carisma de uma tábua de passar, mas ninguém espera mais do que isso dela. O velho macaco não precisava de outros motivos para se sentir orgulhoso de sua pupila.

E assim, durante alguns dias, Liana vive a intensa vida de uma celebridade. Logo, porém, tudo está acabado. A roda de notícias continua girando, infatigável, sempre faminta por novidades para triturar em seus múltiplos dentes. Outros acontecimentos surgem, outras tragédias, fofocas e escândalos, outras bolas da vez entram em campo. Tão rapidamente quanto surgiu, o frenético burburinho da imprensa sobre Liana some, deixando-a em paz para viver sua vida.

Mauro Nelson cumpre a maior parte de suas promessas. Liana agora tem uma boa quantia depositada em uma conta bancária aberta em seu nome. E também conseguiu um emprego razoável, como auxiliar administrativa em um escritório de contabilidade.

O dinheiro que ela ganha agora é suficiente para alugar um quarto em uma modesta pensão no subúrbio. Mas Liana acaba ficando lá só por alguns meses.

Otávio, gerente do escritório, fica irremediavelmente enrabichado por Liana. Ele é uma múmia ainda jovem, de boa condição financeira e futuro promissor. A corte a Liana é feita de forma sóbria e circunspecta, e aceita com igual ausência de entusiasmo.

O casal celebra o anúncio do noivado com um jantar íntimo em companhia dos pais de Otávio. E na semana seguinte, sem muito alarde, Liana se muda para o apartamento do noivo. Assim eles poderão economizar mais rapidamente para a compra do enxoval.

Alguns meses transcorrem, sem deixar grandes marcas. Mas certo dia Liana acorda tomada por uma sensação de estranhamento, que ela não sabe dizer de onde veio e nem para onde aponta. Apesar do desconforto, ela acolhe essa estranheza com gratidão: é a primeira coisa que sente em muito tempo.

Durante o café da manhã, o noivo nem chega a notar que há algo de diferente nela. Assim Liana não precisa usar a desculpa, preparada de antemão, de que está com TPM.

O expediente matutino se arrasta com lentidão exasperante. Ela mal consegue se concentrar no serviço, tomada por aquela ansiedade crescente e inexplicável. No exato segundo em que bate a hora do almoço, levanta-se de sua mesa. Balbuciando, para ninguém em particular, que precisa resolver um assunto qualquer no banco, ela sai na frente de todos para pegar o elevador. Em sua agonia, sequer avisa o noivo que não irá com ele no restaurante de sempre. Só lembra-se disso quando o elevador abre as portas no térreo. Otávio certamente ficará muito irritado. Ele detesta qualquer interrupção da rotina.

Ao chegar à calçada, Liana sai andando a esmo, sem direção ou objetivo definido. Ela gostaria de chorar, se não tivesse esquecido como se faz. Ela segue com o passo apertado, sem olhar para onde vai. Aos poucos, toma consciência de que a sensação que tanto a aflige não é de todo ruim. Seu coração bate apressado e sua respiração está ofegante. Isso pode ser um indício de medo, como também de euforia. O problema é que ela passou tantos meses anestesiada, que agora tem dificuldade para identificar os próprios sentimentos.

De súbito, estaca diante de um outdoor multicolorido, que ostenta os dizeres:

*Quem você quer ser? Com quem você quer fazer?*

AKASHA HOT

*O prazer não tem limites!*

Olha ao redor. Não há dúvida alguma: veio parar bem na esquina da rua onde ficava o velho cafofo. Seus pés devem tê-la conduzido até ali automaticamente, movidos pela força de um arraigado hábito, que a navalha do cirurgião não cortou fundo o suficiente para extirpar.

Ela se aproxima da esquina e espia rua abaixo. Lá está o campinho de futebol, onde Tio Biu costumava ficar zanzando, oferecendo seu avião. Descendo um pouco mais, fora de sua vista, ficam os escombros da casa onde a família se abrigava. Liana se pergunta como deve estar o lugar agora. O mais provável é que a velha ruína tenha sido demolida, ou desabado por si mesma. Uma vez que já está por ali, Liana imagina: não custa nada descer a rua e ver com os próprios olhos. De repente ela se enche de curiosidade para descobrir como ficou o cafofo.

Começa a descer a rua lentamente, sem pressa. A cada passo, recordações vão emergindo dos porões da memória. Faz um ano que ela não passa por ali.

É então que Liana lembra em que dia está. No instante seguinte, uma voz conhecida soa bem atrás dela:

– Feliz aniversário, Lica!

## Capítulo X

# QUANDO NÓS TRÊS NOS VEREMOS DE NOVO?



*\* Onde chegamos ao final da fase.*

*\* Da função da capoeira.*

*\* Quem está por trás dos lobos, cinzentos e vampiros?*

*\* E Lica descobre o que deve fazer.*

*“O homem pode fazer o que quer,  
mas não pode querer o que quer.”*

**Arthur Schopenhauer**

Quem olha para Liana com ar de expectativa é um homem negro de cabelo e barba branca. Ele se veste com simplicidade, com uma calça e uma espécie de colete rudemente talhados em tecido grosseiro, de um branco encardido. Seu corpo é rijo e musculoso, mas não do tipo trabalhado em academia, e sim acostumado a pesados esforços na lida diária. Seus braços grossos como toros, com veias saltadas que parecem talhadas na madeira, estão cruzados diante do peito amplo. Seus pés nus e extraordinariamente largos parecem nunca ter conhecido sapatos.

– Mandrá – Liana exclama, com um soluço.

E no instante seguinte já está dependurada no pescoço dele, em um longo abraço a que Mandrá corresponde com inesperada ternura.

– Lica, o que fizeram com você?

Liana se afasta, constrangida.

– Estou horrível, eu sei.

Ele pousa com suavidade a mão forte e calosa sobre a cabeça da jovem:

– Você está linda como sempre, Angélica. Nada do que fizerem será capaz de mudar isso.

Ela olha nos olhos do amigo, assustada. Ele continua:

– Sim. Angélica. Sei mais do que você imagina. Ou está pensando que é a única fantasma da cidade?

– Como assim “Angélica”? – ela gagueja, totalmente aturdida. – Eu, fantasma? Mas como você sabe?

– Temos muito o que conversar – Mandrá a toma pelo braço. – Vamos até o campinho. Costuma ficar deserto a essa hora do dia, com o sol a pino.

Os dois se sentam à sombra da única árvore do lugar, em um pequeno banco de madeira ao lado de um dos gols. Liana pergunta:

– Como soube que eu viria aqui hoje?

Ele sorri, meio sem jeito:

– Saber eu não sabia. Mas tinha esperança de que algum dia você passasse por aqui.

– Mas então...

– Isso mesmo, Lica. Tenho rondado essa área todos os dias. Hoje faz um ano. E hoje, finalmente, dei sorte.

– Meu querido amigo... – Liana diz, estendendo as mãos para segurar as dele. – Só você mesmo. Nem sei o que dizer.

– Deixe que eu começo falando, então.

Ele respira fundo e olha para o céu, como se estivesse organizando os pensamentos.

– Eu também, assim como você, faço parte da organização terrestre conhecida como fantasmas. Quando a Terra estava para ser destruída por um asteroide, você, Angélica, voluntariou-se para uma missão muito importante: carregar dentro de seu cérebro um vírus desenvolvido pelos fantasmas para conseguir penetrar no sistema de suporte de Vida Akasha. Quando o seu chip de Vida Akasha foi ativado, você mergulhou sua consciência nessa plataforma de suporte de vida, que está situada em outra dimensão, além do espaço e do tempo. E o vírus, que passou do seu cérebro para o chip, foi inoculado no sistema, o que permitiu aos fantasmas piratear todos os chips existentes nas quatro plataformas de Vida Akasha. Como há cerca de dez milhões de pessoas em cada plataforma, nós conseguimos clonar uns quarenta milhões. E isso graças a você, Lica.

– Então é mesmo tudo verdade. Pensei que eu estivesse pirando de vez, com aquela vizinha apertando minha mente sem parar. Mas como é isso de chip pirata?

– Ele funciona como uma espécie de *duplo etérico* do chip oficial. E cada um desses chips piratas foi utilizado para transmitir ilegalmente a consciência de uma pessoa para dentro da Vida Akasha. Isso significa que, para cada pessoa que possui um chip oficial de Vida Akasha, existe uma outra, invisível, inconsciente e, a princípio, inexistente. Como uma sombra ou, se você preferir, como um fantasma. Essas pessoas todas ainda estão inativas, como se hibernassem, à espera do momento em que serão despertadas. E a chave para libertar esse povo todo está dentro de sua mente, Lica. Está me entendendo até aqui?

Liana sacode a cabeça, abismada:

– Nunca imaginei que você pudesse falar desse jeito, Mandrá.

– Até o dia de hoje não tinha sido necessário, Lica.

– Você também ouviu a vizinha, né? Foi assim que ficou sabendo disso tudo?

Mandrá faz que não:

– Comigo foi diferente. Depois que você conseguiu entrar, nosso líder elaborou um segundo vírus para poder driblar o sistema dos Akasha. Quem recebeu esse vírus fui eu. E foi assim que consegui preservar as minhas memórias, ou pelo menos parte delas. Alguma coisa deu errado com o meu chip. Ou talvez tenha sido o preço a pagar. Fiquei com a cabeça zoada, meio lelé da cuca. Passei um bom tempo sem conseguir dizer qual era o mundo verdadeiro, se o de lá ou o daqui.

– Pobre Mandrá. Não deve ter sido fácil para você.

– Você também pagou um preço alto, Lica. Esse lance com as drogas e todo o resto, nada disso era para ter acontecido. Esse vírus nos transformou, deixou algo diferente dentro de nós. Nunca conseguiremos nos adaptar a esse sistema como as outras pessoas. E foi por isso que acabei falhando com você.

– Falhou comigo? Mas que besteira é essa, Mandrá?

– A sua missão é a principal: transportar os fantasmas para dentro do sistema e despertá-los quando chegar a hora. E a minha missão é proteger você. Era para eu ser o seu anjo da guarda, Lica. Mas dei mole. Perdi você de vista por um ano inteirinho.

– Não havia nada que você pudesse fazer.

Em poucas palavras, Liana põe Mandrá a par do que aconteceu com ela desde seu aniversário do ano passado, quando ela saiu correndo do cafofo, depois que Galego Miguel e Samara mataram o playboy, por culpa de Tio Biu. Ao chegar na parte do procedimento a que foi submetida para se livrar do vício em Z, ela conclui tristemente:

– E agora está tudo acabado. Esses putos fatiaram meu cérebro, Mandrá. Não tem como recuperar essa tal chave para despertar os fantasmas.

Mandrá olha para ela com seriedade:

– Parece que você não está prestando atenção, Lica. Tudo o que você vê, ouve e sente faz parte de uma plataforma de suporte de vida virtual. O que você chama de cérebro, ou de seu corpo, não passa de uma série de informações codificadas em um videogame alienígena.

Ele segura Liana pelos ombros. Sua voz se torna solene:

– Você precisa se lembrar de quem você é, Lica. O que você acreditar será verdade. Você acreditou que era um zumbi por um bom tempo. Depois passou quase um ano acreditando que era uma múmia. Que tal agora começar a acreditar que é mesmo um fantasma?

Liana balança a cabeça repetidas vezes:

– Mas como vou fazer isso? Eu nem ouço mais a vozinha dentro da minha cabeça. Desapareceu.

– Use sua intuição. Não pense, sinta.

– Eu não consigo sentir mais nada! – ela grita, socando o peito dele. Lágrimas extintas voltam a brotar em seus olhos. – Eu não sinto nada.

Mandrá puxa-a para si. Ela chora no ombro dele, sentindo que está lavando e expurgando muita coisa ruim. Então por alguns momentos ela simplesmente não consegue parar de rir. Continua chorando, mas agora são lágrimas de alegria.

– E então, como faremos? – ela diz depois de um tempo, ainda sorrindo e enxugando o rosto. – Pelo que estou vendo, nós dois sozinhos vamos ter de dar conta dos lobos, dos cinzentos e até dos vampiros.

Mas Mandrá não sorri de volta.

– Vai ser pior que isso, Lica. Vamos ter de enfrentar quem está por detrás dos lobos, dos cinzentos e dos vampiros.

Liana fica séria também:

– Você está falando dos Akasha, né?

Ele concorda silenciosamente.

– Uma coisa não sai da minha cabeça. São quatro plataformas, certo? E essa aqui, onde estamos, é apenas uma delas. O que existe nas outras três?

– Não sabemos. Como não sabíamos como seria aqui, antes de chegarmos.

Ele se interrompe de súbito. Pressente o perigo, mas já é tarde para fugir.

– Mão na cabeça, vocês – brada o policial, apontando uma submetralhadora na direção deles. Dois outros tiras o acompanham, também empunhando armas. Como a tarde está apenas começando, os três estão ainda na forma humana, mas esse é um magro consolo.

– Anda logo – grita o que está à frente, avançando mais.

Mandrá troca um rápido olhar com Liana. Ele se levanta do banquinho, com as mãos na cabeça. E no instante seguinte um martelo voador acerta bem no rosto o policial que está mais próximo, deslocando sua mandíbula e despachando-o de imediato para o país dos sonhos, além de extrair na tora dois ou três dentes. Esse é o tamanho do estrago que o pé enorme de Mandrá pode causar com um único golpe.

O capoeira mal chega a tocar o chão, girando num aú seguido de rolê, que o distanciam bastante de Liana. Caso os policiais consigam atirar, nenhuma bala sairá na direção dela. E, de fato, um dos que sobraram está erguendo a arma para fazer fogo, mas uma rasteira o derruba no chão. Um ainda está caindo quando o outro apara com a batata do nariz o calcanhar de Mandrá virado na zorra, em uma meia-lua de compasso envenenada. Esse também desmaia com um só golpe da pata valente do capoeira.

O que levou a rasteira ainda recebe uma bênção na testa enquanto tenta se levantar. E é lona para ele também. Nenhum tiro chegou a ser disparado. Entusiasmado com a vitória, Mandrá dá um salto-mortal de costas e já cai cantando:

– *Eu luto como quem reza,*

*Com mandinga e com malícia.*

*Capoeirista que se preza*

*Tem que ganhar da polícia!*

Liana aplaude, deitada debaixo do banco. Mandrá estende a mão para ela:

– Melhor a gente dar no pé.

Enquanto os dois sobem a ladeira correndo, Liana se lembra:

– Sei onde fica a empresa Akasha. Não é muito longe daqui. E aí? Acha que devemos ir lá?

– Você tem alguma ideia melhor?

Quando chegam à esquina, Liana faz sinal para um táxi. O motorista, um jovem com jeitão de baiacu, sorri para ela, mas fecha a cara quando Mandrá também entra no carro.

– Toca para Akasha – diz Liana.

O horário de almoço já terminou, esvaziando um pouco as ruas. O trânsito segue regular até que, alguns quarteirões à frente, o táxi engaja-se em um feio engarrafamento. Esticando o pescoço para espiar, Liana consegue discernir uma viatura e vários uniformes policiais à frente.

– É uma blitz – ela diz baixinho para Mandrá. E em voz alta para o motorista: – Acho que vamos chegar mais rápido se formos o resto a pé.

Depois de pagar o táxi, os dois se embrenham por uma rua secundária, para contornar a barreira policial. Cem metros à frente retornam à pista principal. Dali já dá para ver, à distância, o prédio cúbico da sede Akasha, todo coberto de vidro escuro e espelhado.

– Primeiro vou tentar entrar de boa – sugere Liana. – Fique me esperando aqui fora, tudo bem?

Ela vê o seu próprio olhar refletido na porta espelhada antes de o sensor de movimento fazê-la deslizar para o lado, revelando um saguão de recepção de imponente elegância, com a brancura do mármore no piso contrastando com o vidro escuro nas paredes. Atrás do balcão, uma recepcionista alta e alourada a encara com frieza. Ao lado dela, o segurança de terno escuro parece completamente indiferente à presença de Liana.

– Boa tarde. Posso ajudar? – pergunta a funcionária, com um sorriso distante e impessoal.

– Boa tarde – responde Liana, ainda sem atinar muito bem o que vai dizer. – Eu quero falar com o presidente da empresa.

O sorriso da recepcionista passou a ser mais genuíno, de pura incredulidade:

– A senhora deseja falar com o presidente?

– Isso. Ele está, não está?

– E a senhora tem hora marcada?

– É coisa rápida, prometo que não leva mais de dez minutos.

– Lamento muito, senhora – mas o olhar glacial diz o contrário, que ela não lamenta nem um pouco. – O doutor Lee é um homem extremamente ocupado. Talvez a senhora consiga agendar um horário com a secretária dele por telefone. Quem sabe já para o mês que vem.

Nesse momento o som da porta de vidro deslizando capta a atenção da recepcionista. E sua expressão de estudada indiferença se desfaz no mesmo instante, sendo substituída por um esgazeamento de indignação e choque. O segurança também perdeu sua aura de imperturbabilidade, e já enfia a mão dentro do terno para sacar a arma.

Liana olha para trás. Um homem aparentando ser um executivo importante, vestido com um terno caro, avança lentamente, com passos trôpegos, em sua direção. A expressão de seu rosto mostra bem o quanto está apavorado. Colado atrás dele, com um objeto pontiagudo espetado em seu pescoço, vem caminhando Mandrá:

– Ô, simpatia – grita para o segurança, que aponta a pistola para ele. – Sabe do que é feita essa faca que está no pescoço de nosso camaradinha aqui? Foi lixada do osso da canela de um defunto. Fura que é uma beleza, e o corte não cicatriza nem por decreto, pode apostar. Se bem que, se eu espetar o pescoço do bacaninha com ela, nem vai dar tempo de cicatrizar joça nenhuma.

O executivo solta um gemido de puro pavor. A recepcionista grita, histérica:

– Doutor Gigovate!

Mandrá continua:

– Se não quiser ver o Gigovate aqui sangrando feito um porco, passe seu canhão para essa moça bonita que está à sua frente. Agora!

Uma leve cutucada com sua faca de osso basta para o refém berrar:

– Faça o que ele está mandando!

Liana apanha a pistola das mãos do segurança. Após um instante de hesitação, ela diz:

– Mão na cabeça, vocês – repetindo no mesmo tom a frase ouvida há pouco.

A recepcionista e o segurança obedecem imediatamente. Liana olha por cima do ombro para Mandrá, que – como ela esperava – está sorrindo de sua pequena piada. A recepcionista resolve falar:

– O que vocês querem?

Sem soltar o pescoço do doutor Gigovate, Mandrá diz, em tom simples:

– Levem-nos ao seu líder.

Os cinco entram juntos no elevador, com o capoeira engarguando o executivo e Liana controlando os outros dois com a pistola. A porta se abre no quarto e último andar, revelando

um espaço amplo, dominado pela imponente mesa da secretária. Ao lado dela, uma grande porta de madeira maciça só pode indicar a entrada para a sala do presidente.

A secretária do doutor Lee olha alarmada para o grupo que sai do elevador:

– Mas o que significa isso? – ela diz, engasgando pela impossibilidade de expressar uma desaprovação maior.

– Calada, dona encrenca – corta Mandrá, entre ríspido e brincalhão. – Que tal mostrar onde fica o sanitário presidencial?

Sob mira de pistola e ameaça de faca de osso, a secretária, o executivo, a recepcionista e o segurança são trancafiados dentro do banheiro. Liana e Mandrá se postam diante da porta que os separa do gabinete do presidente da Akasha.

– É agora ou nunca – diz Liana.

O capoeira se adianta para abrir a porta, que não está trancada. Ao puxar a maçaneta, ele ergue instintivamente a outra mão diante do rosto, como que para proteger os olhos de uma luminosidade intensa. Mas não há luzes cegantes emanando do aposento. Ao entrar depois de Mandrá, Liana vê apenas um homem parado, de pé no meio do amplo e luxuoso escritório. É um jovem de estatura mediana e compleição atlética, que ostenta um sorriso sutil no rosto de feições orientais.

Mandrá fecha a porta atrás de si. O presidente da Akasha abre os braços, como se desse boas-vindas aos dois:

– Vocês queriam me ver. Aqui estou eu.

Ao conectar o seu olhar com o dele, Liana sente uma irresistível vertigem, como se estivesse em uma altura longínqua, debruçada, contemplando miríades de constelações em um turbilhão de estrelas que bailam de forma caótica, caleidoscópica. E no instante seguinte ela vê apenas os dois olhos negros do oriental, argutos e inteligentes.

– Olá, Liana – diz o Akasha. – Ou prefere ser chamada de Angélica?

Ela hesita por um momento, depois dá de ombros:

– Tanto faz.

– Lica, então. Eu, pessoalmente, prefiro os nomes mais simples. O que você pretende fazer agora? Vai atirar em mim?

Quando ele fala, Liana lembra que está armada, e ergue a pistola.

– Primeiro eu quero fazer uma pergunta.

– Pode falar, Lica.

– Qual o sentido de tudo isso? – Liana estende e move o braço ao redor de si, como se estivesse indicando o escritório luxuoso, com seus objetos de arte decorando as paredes, sofás e

poltronas de aparência confortável e a grande mesa do presidente. Mas ela sabe que o Akasha entende o sentido de sua pergunta. – O que vocês realmente querem de nós?

Lee sorri mais abertamente:

– Faço parte de um povo muito antigo, Lica, mais velho que o tempo – ele começa a caminhar lentamente pela sala, gesticulando para marcar as palavras. – Do seu ponto de vista, eu não sou muito diferente de um deus.

– E do seu ponto de vista? – Liana ousa interromper. – Você acha que é Deus?

O oriental para no meio de um passo e olha para Liana com uma expressão divertida no rosto:

– Sim, eu sou Deus. Tanto quanto você. A diferença entre nós está apenas no nível de consciência que temos deste simples fato. É exatamente isso o que estou tentando dizer, Lica. Passando às suas perguntas iniciais, vocês não fazem ideia da dádiva que receberam ao nascerem como seres humanos.

Ele se aproxima da jovem, o que imediatamente coloca Mandrá em alerta. Mas Lee se limita a sorrir para ele e a fazer um gesto com a mão, como se dissesse que não há nada a temer. Então o oriental começa a concentrar sua atenção em Liana:

– Existir se sentindo só e único, isolado de tudo e de todos desde o nascimento até a morte, mas trazendo dentro de si a *potencialidade* de descobrir a sua própria conexão com a vastidão da vida no universo. Isso é o que significa ser humano, Lica. Isso é o que significa ter livre-arbítrio. Esse é um privilégio que eu e meu povo não possuímos.

Liana interrompe mais uma vez:

– Está me dizendo que os Akasha não têm liberdade para fazer o que querem? E que nós temos?

Lee sorri novamente, mas dessa vez há uma nota de melancolia em seu sorriso:

– Quando se conhece tudo o que há para se conhecer e se sabe de antemão tudo o que já foi, é ou será, como é possível a liberdade de escolha?

Liana replica:

– Então quer dizer que tudo o que vocês pretendem com esse seu joguinho Akasha é brincar de ser humano, ridículo e limitado?

Lee volta a sorrir jovialmente:

– Pode-se dizer que sim. Isso e outras coisas também.

Liana respira fundo:

– Tudo bem. Posso aceitar isso.

– E agora que você já sabe de tudo, Lica, o que pretende fazer?

– Você não sabe o que vou fazer? Não conhece tudo antes que aconteça?

– Sim, mas a pergunta que eu fiz é se *voce* sabe o que fazer.

Mandrá, que está postado junto à janela espiando a rua, resolve intervir:

– Lica, seja lá o que você pretenda fazer, é melhor que seja agora. A polícia acabou de chegar, e veio de galera. Dessa vez não vai dar para resolver na base da queixada e do rabo de arraia.

Liana sabe o que fazer. Com um movimento suave, ela se agacha para deixar no chão a pistola inútil. Aproxima-se do Akasha, que a encara com uma expressão serena. Apenas seus olhos sorriem agora.

O beijo acontece de forma natural e certa. Não dura mais que uns poucos instantes, mas a eternidade inteira parece caber naquele simples gesto. Tudo aquilo que foi, é ou será encapsula-se em um diminuto fragmento do espaço-tempo. Ao se afastar de Lee, ela tem lágrimas brilhantes pendendo dos olhos, e seu sorriso beatífico expressa a magnitude da beleza que se revela dentro dela.

Mandrá assiste à cena extasiado. Sua reverência é tamanha, que por pouco não se põe de joelhos, em muda adoração. Mas ele se limita a apontar para o ventre dela e sussurrar:

– Lica, veja.

Ela olha para baixo. Seu abdômen projeta-se para a frente a olhos vistos. Em questão de segundos a gestação está completa. Seu olhar volta-se para o Akasha em maravilhada interrogação.

– Isso é apenas uma bela metáfora – o ser interdimensional diz, com suavidade. – Sua consciência está processando e organizando os fatos de uma forma que faça sentido para você.

E logo vem a primeira pontada, que faz Liana cobrir com as mãos o ventre inchado e roliço. O Akasha a conduz pelo braço até o sofá. Ela arfa ruidosamente, com as pernas afastadas e a testa coberta de suor pela intensidade das contrações.

Mandrá se lembra de olhar novamente pela janela. Lá embaixo estão apenas as viaturas e alguns poucos policiais demarcando o perímetro. O grosso da tropa já entrou no prédio. Mas a atenção de Mandrá é logo capturada por um risco flamejante que corta o céu azul da tarde.

– Parece que o asteroide está finalmente chegando – ele diz para o Akasha.

– Sim. Isso é de se esperar no fim da fase, não é mesmo? – o olhar dele se volta para Liana. – Meus parabéns. Você está prestes a concluir sua missão.

Do lado de fora ouve-se o estampido de muitas botas pisando o chão. A polícia vai invadir a sala a qualquer momento.

A gestante solta um verdadeiro uivo de agonia e êxtase. Chegou a hora. De suas pernas abertas saem incontáveis sombras luminosas, a uma velocidade estonteante. São milhões e milhões de emanações de radiação escura, que atravessam sem esforço o teto em um contínuo fluxo de pura energia. Elas parecem avançar diretamente ao encontro do asteroide.

Em instantes, tudo está feito.

Exausta pela grandiosidade de seu parto natural, a mãe olha para mim e para você com os olhos exangues, por um breve e perene momento.

Ela ainda consegue sorrir antes de dizer:

– Quando nós três nos veremos de novo?

“Em nossa cidade habitam monstros, como em todas as outras. A diferença é que aqui ninguém finge que eles não existem.”

“Há pessoas normais em nossa cidade também. É claro. Ser normal é só a maneira mais ordinária de ser monstruoso.”

*“A melhor maneira de transcender é transgredir”. Essa máxima do autor de “O Sincronicídio” é exatamente o norte de “Favela Gótica”, segundo romance de Fabio Shiva. Uma empolgante e criativa história de renascimento, na qual pecado é ser mais do mesmo. A rebeldia, por vezes, pode se revelar um caminho para o bem e a verdade; e, também, para uma prazerosa leitura.*

*Sergio Carmach*

ISBN 978-85-53052-07-3



9 788553 052073



VERLIDELAS